U.PORTO

MESTRADO INTEGRADO

ARQUITETURA

Projectar o Espaço Comum

Reestruturação do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo

Deise Lorine Monteiro Rodrigues

M

2021

U.PORTO

Deise Lorine Monteiro Rodrigues.

Projectar o Espaço Comum - Reestruturação do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo

M.FAUP **2021**

Projectar o Espaço Comum - Reestruturação do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo

Deise Lorine Monteiro Rodrigues

FACULDADE DE ARQUITETURA

PROJECTAR O ESPAÇO COMUM

Reestruturação do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo

Deise Lorine Monteiro Rodrigues

Estudante: up201403146

Dissertação de Mestrado apresentada à Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto

Ano lectivo 2020 / 2021

Sob a orientação do Professor Doutor Luís Sebastião da Costa Viegas

E coorientação do Professor Doutor Rui Américo Branco da Silva Cardoso

Porto, 2021

para a minha mãezinha Isabel.

AGRADECIMENTOS

Aos orientadores, Professor Doutor Luís Viegas e Professor Doutor Rui Américo Cardoso, pelo apoio e pelo acompanhamento durante o percurso académico e durante a dissertação.

Aos docentes da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto que contribuíram para a minha formação enquanto pessoa e arquitecta.

Aos meus pais, pelo apoio, motivação, paciência e amor.

À minha prima Emily e à minha madrinha Zélia pelo apoio.

À directora do Museu do Papel de Paços de Brandão Maria José Santos e funcionários pela disponibilidade prestada.

À Sónia Raquel Marques, pela cedência de material gráfico e escrito.

Ao Emanuel Bandeira, pelo apoio e auxílio.

À senhora Cecília Melo, pela prontidão e disponibilidade.

Aos meus amigos, pelo apoio, motivação e amizade.

Notas: A presente Dissertação de Mestrado não segue o Acordo Ortográfico em vigor.

Algumas das imagens apresentadas na dissertação foram redimensionados, cortadas e/ou editadas pela autora e têm a respetiva referência no índice iconográfico.

As citações transcritas em português referentes a edições de língua não portuguesa foram traduzidas livremente pela autora de maneira a permitir uma leitura fluída e uniforme.

RESUMO

Projectar o espaço comum é projectar o espaço que é de todos – o Espaço Público.

O Engenho Novo é, em Paços de Brandão e no concelho de Santa Maria da Feira, um exemplar de arquitectura senhorial e industrial outrora dedicada à produção de papel. As suas ruínas estão inseridas num parque municipal que, apesar do seu interesse patrimonial arquitectónico e ecológico, se encontra, actualmente, subvalorizado.

Assim, a presente dissertação "Projectar o Espaço Comum" propõe, através da acção de projecto, uma reflexão acerca de temas relevantes ao exercício da arquitectura, desde a escala territorial à escala do edifício, de modo a qualificar o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo enquanto espaço público.

A metodologia projectual utilizada consiste num processo que parte do geral para o particular, desenhando o parque inserido numa lógica de sistema territorial que estabelece a relação entre o património construído dos antigos engenhos e casas senhoriais, e a estrutura ecológica existente ao longo do Rio Maior. Considera ainda as ruínas do parque, fragmento da história da vila, e a sua respectiva intervenção de modo a reanimá-la e integrá-la num contexto de espaço público.

O projecto na presente dissertação é um acto reflexivo prático do papel do arquitecto que utiliza a sua profissão *(…) como um instrumento em benefício (…) da sociedade a que pertence.* [1]

1. TÁVORA, Fernando - *Da Organização do Espaço.*

Palavras Chave:
Parque; Património; Reestruturação; Espaço e Equipamento Público; Ruína; Ecossistema

ABSTRACT

To design the common space is to design the space that belongs to everyone - the public space.

Engenho Novo is, in Paços de Brandão and Santa Maria da Feira, an example of manor-house and industrial architecture once dedicated to paper production. Its ruins are located in an urban park which, despite its architectural and ecological patrimonial interest, is currently undervalued.

Therefore, this dissertation "Designing the Common Space" proposes, through project, a study of important subjects to the practice of architecture, from the territorial scale to the scale of the building, in order to qualify the Urban Park of Quinta do Engenho Novo as a public space.

The project methodology consists of a process that starts from general to particular, designing the park within a territorial system logic that establishes the relationship between the built patrimony of the old paper industries and manor houses and the existing ecological structure along the Rio Maior river. It also considers the park ruins, fragment of the village history, and its respective intervention in order to revive it and integrate it in a public space context.

The project in the present dissertation is a practical reflexive act of the architect's role, who uses his profession *(...) as an instrument to benefit (...) the society to which he belongs.*[2]

---

2. TÁVORA, Fernando - *Da Organização do Espaço.*

Key Words:
Park; Patrimony; Restructuring; Space and Public Equipment; Ruin; Ecosystem

ÍNDICE

1. Introdução 15

2. Caracterização Prospectiva 21

2.1. Santa Maria da Feira - O concelho 23

2.1.1. As origens das Terras de Santa Maria 25
2.1.2. Santa Maria da Feira no presente 29

2.2. A Freguesia de Paços de Brandão 35

2.2.1. Paços de Brandão: O nome, as lendas e a história. 37
2.2.2. Tempo presente: Caracterização da vila 37
2.2.3. Do Apogeu à Ruína: As Casas Senhoriais e as Fábricas de Papel em Paços de Brandão 45

2.3. O Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo 57

2.3.1. Contextualização Histórica 59
2.3.1.1. O Tempo - Breve Cronologia da Quinta do Engenho Novo 62
2.3.2. Caracterização Geral 67
2.3.3. Os edifícios 77

3. O Projecto de um Parque: A pesquisa, a reflexão, o estudo e a acção. 99

3.1. Prelúdio 101
3.2. O Espaço Público Exterior: Desenhar um Parque 107
3.3. Estratégia Territorial 113
3.4. Uma Proposta para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo 123

4. Projectar no Património 165

4.1. Teorias de Intervenção Arquitectónica 167

4.1.1. Do Renascimento aos finais do século XIX, inícios do século XX 170
4.1.2. A Carta de Atenas e a Carta de Veneza 175
4.1.3. Ignasi de Solà-Morales e Eduardo Souto de Moura 177

4.2. A Ruína no Projecto para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo 187

5. O Projecto In Nuce 193

6. Considerações Finais. 197

X.. Anexos 201

Lista e Créditos de Imagem 221

Referências Bibliográficas 227
Referências Digitais 228
Outras Referências 228

"Esse calor primeiro que enternece
O ar azul e a terra já florindo...
A aurora que nos altos aparece,
Os sapos, no crepúsculo, carpindo,
Aquele velho muro onde enverdece,
A hera que o sustenta e vai cobrindo,
Tudo de ti me fala. E a tua imagem
Vaga através de mim, que sou paisagem."

Teixeira de Pascoaes[3]

3. Em PUPO, Inês. *101 Poetas - Iniciação à Poesia em Língua Portuguesa.*

1. Introdução



|Imagem 1|- *L'Été*, 1874, Claude Monet.

Introdução

A arquitectura é um fenómeno concreto. Consiste em paisagens e assentamentos, edifícios e articulações caracterizadoras, e é, portanto, uma realidade viva.[4]

Na presente dissertação, a vontade de explorar as dimensões da arquitectura para além do edifício constitui uma oportunidade de estudo. Numa sociedade cada vez mais isolada e digital, o espaço público enquanto elemento físico torna-se tema de reflexão. No século XX, o espaço que permitia percorrer uma determinada realidade urbana era projectado sobretudo para o veículo automóvel. No século XXI, o problema do automóvel persiste, conjugando-se com a digitalização da relação social. Acentua-se, assim, a necessidade dos espaços públicos se tornarem convidativos, a fim de de que as pessoas os possam visitar e percorrer.

Se numa grande urbanização este problema existe, torna-se mais intenso na realidade suburbana. Apesar da existência de elementos ecológicos, estes não se encontram qualificados para a fruição da população. As moradias unifamiliares com os seus espaços exteriores privados também não motivam a vontade de sair para o espaço público. A rua não constitui um lugar de usufruto, limitando-se a ser o meio que permite a deslocação para os afazeres diários.

O Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo surge, assim, como oportunidade de reflectir sobre as questões da qualificação do espaço público, ao mesmo tempo que permite o pensamento acerca da sua inserção no contexto urbano.

O parque é um lugar que, para além do interesse ecológico, acolhe as ruínas da antiga fábrica papeleira do Engenho Novo e de uma casa senhorial que lhe é adjacente. Estas encontram-se classificadas como imóveis de interesse público e constituem, portanto, uma possibilidade de reflexão da ruína enquanto arquitectura.

O processo construtivo da dissertação desenvolve-se em quatro partes fundamentais. A "Caracterização Prospectiva" é o primeiro momento de reconhecimento do lugar. Nele, expõe-se a sua localização geográfica, história e outros assuntos considerados pertinentes, que partem da leitura do território abrangido pelo concelho de Santa Maria da Feira, passando para a freguesia de Paços de Brandão e o Parque.

4. NORBERG-SCHULZ, *Christian - Arquitectura Occidental,* p.7.



|Imagem 2|- *Engenho Novo, Paços de Brandão,* Ramiro Relvas.

Em seguida, apresenta-se o capítulo "O projecto de um Parque: a pesquisa, a reflexão, o estudo e a acção" que se desenvolve em três partes. O "Prelúdio" que explica como será exposto o projecto e de que forma é que este se torna consequente enquanto motivador de reflexão acerca do exercício da arquitectura. O "Espaço Público Exterior: Desenhar um Parque" que, como o nome indica, é a reflexão do espaço público enquanto espaço exterior, utilizando como base o pensamento de Jan Gehl. A "Estratégia Territorial e Urbana" é a exposição do exercício prático de projecto, a uma escala territorial, enquadrando o parque municipal numa lógica de sistema que se estende para além dos seus limites. Por último, as propostas para o parque, expondo alguns dos elementos que o estruturam. Note-se que apesar de se exporem as "partes" do projecto no presente capítulo, este constitui apenas uma forma comunicativa na presente dissertação. Devido à multiplicidade de temas e casos concretos de projecto, foi necessária a explicação prévia dos elementos que compõem o projecto, antes de partir para a apresentação da sua totalidade. No entanto, o projecto foi elaborado como um conjunto, onde as partes perdem o sentido caso sejam desassociadas do mesmo.

O capítulo "Projectar no Património" aborda a questão da intervenção arquitectónica na ruína. Foram estudadas algumas teorias e exemplos de intervenção em arquitecturas pré-existentes, de um modo sumário, desde o Renascimento até à actualidade. Questionou-se ainda, o tipo de intervenção nas ruínas presentes na Quinta do Engenho Novo.

Por último, "O Projecto In Nuce", é o remate da comunicação do projecto, apresentando-o de forma breve, permitindo a leitura do seu conjunto e das principais linhas estruturantes que o compõem.

A dissertação não pretende ser um exercício exaustivo de exploração de cada tema, mas uma reflexão consciente e consequente através da acção de projecto.

2. Caracterização Prospectiva



|Imagem 3|- "Santa Maria da Feira - Vista Total" (1930/1940).

2.1. Santa Maria da Feira - o Concelho



|Imagem 4| - Castro de Romariz.

2.1.1. As origens das Terras de Santa Maria

Primeiras *passagens* e *permanências*

Situado a Norte, próximo da charneira que encontra o Centro de Portugal, o concelho de Santa Maria da Feira possui elementos que o caracterizam e que o tornam singular, desde o seu rico património arquitectónico e ecológico, à sua geografia, topografia, história e tradição.

Porém, antes de se proceder à caracterização e descrição actual do concelho, torna-se essencial recuar até ao período Neolítico/Calcolítico, de modo a obter uma leitura cronológica das primeiras passagens e permanências no território.

A Mamoela de Vinhó e a Mamoa da Quinta da Laje, ambas em Pigeiros, são testemunhos da presença humana, através de construções fúnebres que, no caso da Mamoa, terá sido erguida entre os milénios V e III a.C. [5]

Exemplo das primeiras ocupações sedentárias, isto é, de permanência e ocupação de povoados, destacam-se o Castro de Romariz (século V a.C) e o Castro de Fiães (século IV-V) na parte Nascente dos actuais limites do concelho de Santa Maria. O Castro de Romariz é, actualmente, um exemplar de arquitectura castreja em Portugal, devido à sua dimensão e estado de conservação. Trabalhos arqueológicos realizados no terreno, permitiram identificar várias fases de ocupação, incluindo o período proto-histórico e o período romano, com diferentes níveis quantitativos de população até ao séc. I d.C.

Diz-se que às Terras de Santa Maria corresponderia a outrora civitas romana de Lancóbriga, pensando-se que a sua localização seria em Fiães, ao qual faria parte o fortificado castrejo acima referido. Porém, a sua localização é motivo de discórdia entre historiadores, que também a pontam a possibilidade da actual cidade de Santa Maria da Feira ter sido uma reconstrução da antiga civitas romana.

O XI Século: *Civitas Sanctae Mariae.*

Após a sumária abordagem acerca das primeiras passagens e ocupações pela região, é necessário focar num determinado período de tempo para melhor compreensão das origens da região de Santa Maria da Feira - O século XI - quando uma iniciativa guerreira e o clima de Guerra Civil levaram à criação da Civitas Sanctae Mariae.

Devido à instabilidade concedida pelos conflitos enunciados, o Califado de Córdova encontrava-se fragilizado, situação que permitiu a D. Munio Viegas, capitão da armada dos Gascões, conquistar domínios entre o Douro e o Vouga, vencendo os Mouros.

---

5. Desconhece-se a data de construção da Mamoela de Vinhó.



|Imagem 5| - Castelo de Santa Maria da Feira, 1958.

Sob o apadrinhamento de Nossa Senhora, por parte dos fidalgos, atribuem o nome de Santa Maria à região. A sua localização beneficia dos eixos Norte/Sul e Litoral/ Beira Interior, permitindo deste modo a comunicação através de vias romanas de Lisboa a Braga e de Viseu ao Porto, tornando-se num recorrente ponto de passagem.

O Castelo, actual ex libris da região e exemplo de arquitectura militar medieval, era um elemento fundamental que compunha uma tríade de importância na Idade Média, em conjunto com o Mosteiro de Cucujães e o Mosteiro de Arouca, pontuando o território com edifícios de relevância militar, política e religiosa, numa relativa curta distância.

Humberto Lopes explica que terá sido ao redor do Castelo que se verificou o "despertar" de Santa Maria, ao referir:

Foi precisamente nas terras à volta do Castelo, local de depósito do tributo, que se verificou um surto de desenvolvimento mais intenso e precoce, acabando por surgir aí um importante pólo económico por via das actividades agrícolas e do comércio de produtos. O primitivo aglomerado populacional de Santa Maria da Feira terá emergido assim como consequência dessa dinâmica que reunia às portas da fortaleza mercadores de produtos agrícolas, de alfaias e de têxteis, numa grande feira que os camponeses da região frequentavam em grande número.[6]

Por outras palavras, foi nos arredores do Castelo que se construiu um aglomerado de habitações onde os rendeiros cobravam os prestimónios ao povo, lugar privilegiado para as trocas comerciais, como a venda e a compra dos proveitos das culturas, artefactos e os utensílios necessários. Do dinamismo patente nas trocas comerciais surge o nome "Feira" atribuído a esta terra.

A 10 de Fevereiro de 1514, a Feira e a Terra de Santa Maria vêem concedido o Foral, por D. Manuel I [7], que confirma o seu valor enquanto região. Neste documento estão presentes documentos referentes à portagem e outros direitos reais, "declarando primeiramente os direitos particulares de Feira por ser cabeça da Terra de Santa Maria e assim estar nos tombos antigos tirados da Torre do Tombo."[8]

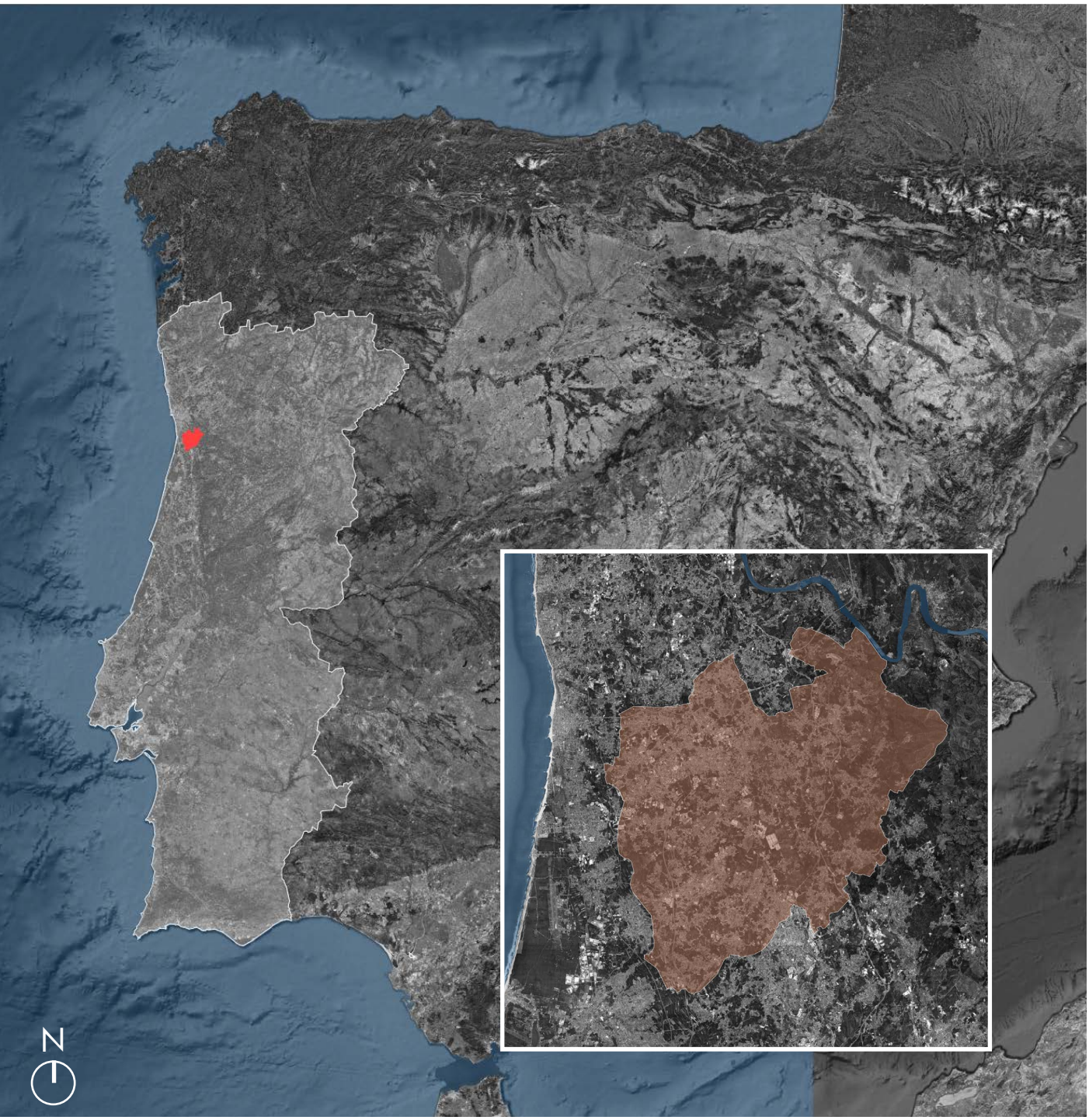
Em suma, Santa Maria beneficia há muito tempo da sua posição geográfica, da sua fortificação e, consequentemente, das trocas comerciais que permitiram o dinamismo e evolução da região, sendo esses mesmos elementos hoje caracterizadores de Santa Maria da Feira, quer na localização, no nome ou no símbolo que é o Castelo.

---

6. Em LOPES, Humberto. Suplemento do Comércio do Porto. - *apud* GOMES, Dra. Catarina Sofia; Silva, Dr. João Belmiro Pinto da. *Feira – Terras de Santa Maria….*

7. Em SILVA, Francisco Ribeiro - *O Foral da Feira e Terra de Santa Maria; Revista de História – p. 11.*

8. Em PEREIRA, Camacho - *Vila da Feira [Material Cartográfico]*, citando o Foral de Santa Maria da Feira concedido por D. Manuel I em 1514.



|Imagem 6| - Localização do concelho de Santa Maria da Feira em Portugal.

2.1.2. Santa Maria da Feira no presente

Fazendo parte do distrito de Aveiro e da Área Metropolitana do Porto, actualmente, o concelho de Santa Maria da Feira é composto por 21 freguesias e faz fronteira com os concelhos de Vila Nova de Gaia, Gondomar e Arouca a Norte e Este, com São João da Madeira e Oliveira de Azeméis a Sul, e com Ovar e Espinho a Oeste. Conta com uma população com cerca de 138 613 habitantes[9] e uma densidade populacional de 646,7 hab/Km2 [10].

Um dos sectores com maior destaque é o da indústria, nomeadamente no fabrico e produção de calçado, metalomecânica, ferragens, madeiras, papel e puericultura. A produção de cortiça é uma parte considerável na indústria da Feira e de Portugal, representando 11% da actividade industrial nacional e 60% no total da indústria internacional deste sector, sendo o maior produtor corticeiro no mundo. [11]

Em termos geológicos, Santa Maria é composta maioritariamente por xistos, porém existem outros tipos de rocha e minerais[12] como rochas intrusivas, Filões[13], Quartzito e Xistos Argilosos, Aluviões e um complexo Granítico[14]. Existem ainda depósitos de Praias e Formações Areno Pelíticas de Cobertura, a poente do concelho.

Em termos de mobilidade, o concelho conta também com uma vasta rede viária, destacando as autoestradas A1 e A29, artérias que permitem a deslocação rápida para outros pontos do território português. Possui uma rede de transportes públicos, embora não tão presente quanto a rede de Lisboa ou do Porto, mas que permitem a deslocação pela região e pelos concelhos vizinhos. Desta rede fazem parte os autocarros da UTC e o comboio da linha do Vouga, comummente chamado de "Vouguinha".

---

9. Dados retirados Instituto Nacional de Estatística [Consultado 22 abril 2020]. Disponível em www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

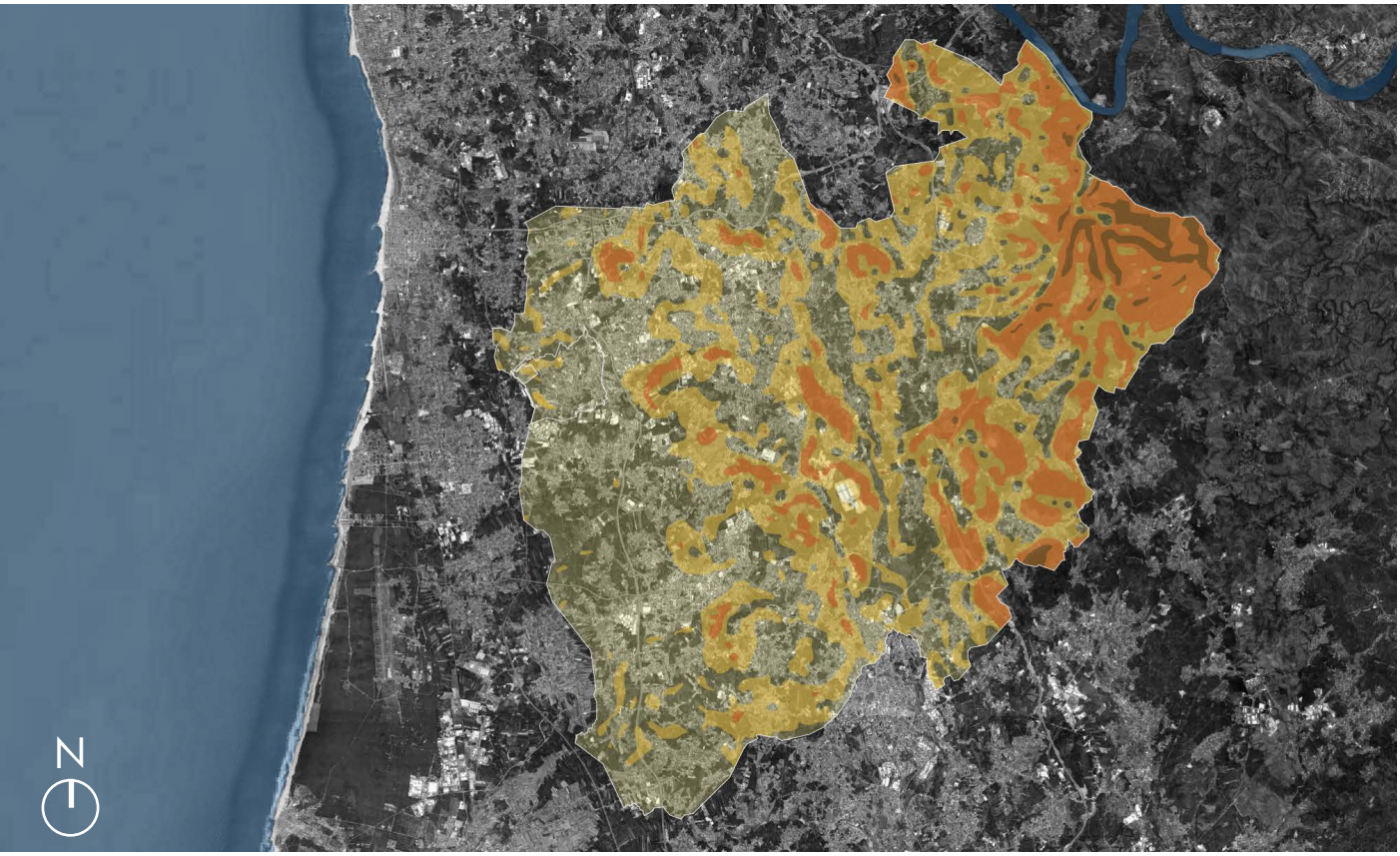
10. Dados retirados Instituto Nacional de Estatística [Consultado 22 abril 2020]. Disponível em www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes

11. " A indústria da cortiça (que representa 11% da actividade industrial nacional e assume-se como 60% no total da indústria em todo o mundo neste sector, sendo, por isso, o maior pólo corticeiro a nível mundial) perfila-se como um dos grandes "cartões-de-visita" deste concelho, sendo a indústria do calçado outro sector estratégico da actividade económica do concelho e que possui elevado peso na sua balança produtiva." Em *Atlas de Santa Maria da Feira – 35 anos de caminho, da democracia à União Europeia,* página 32.

12. O xisto é uma rocha que abrange a quase totalidade do Município de Santa Maria da Feira, sendo a rocha com maior presença física, em termos geológicos, no concelho.

13. Localizada numa pequena área de Milheirós de Poiares.

14. Localizada em Milheirós de Poiares.



|Imagem 7| - Carta de declives*.

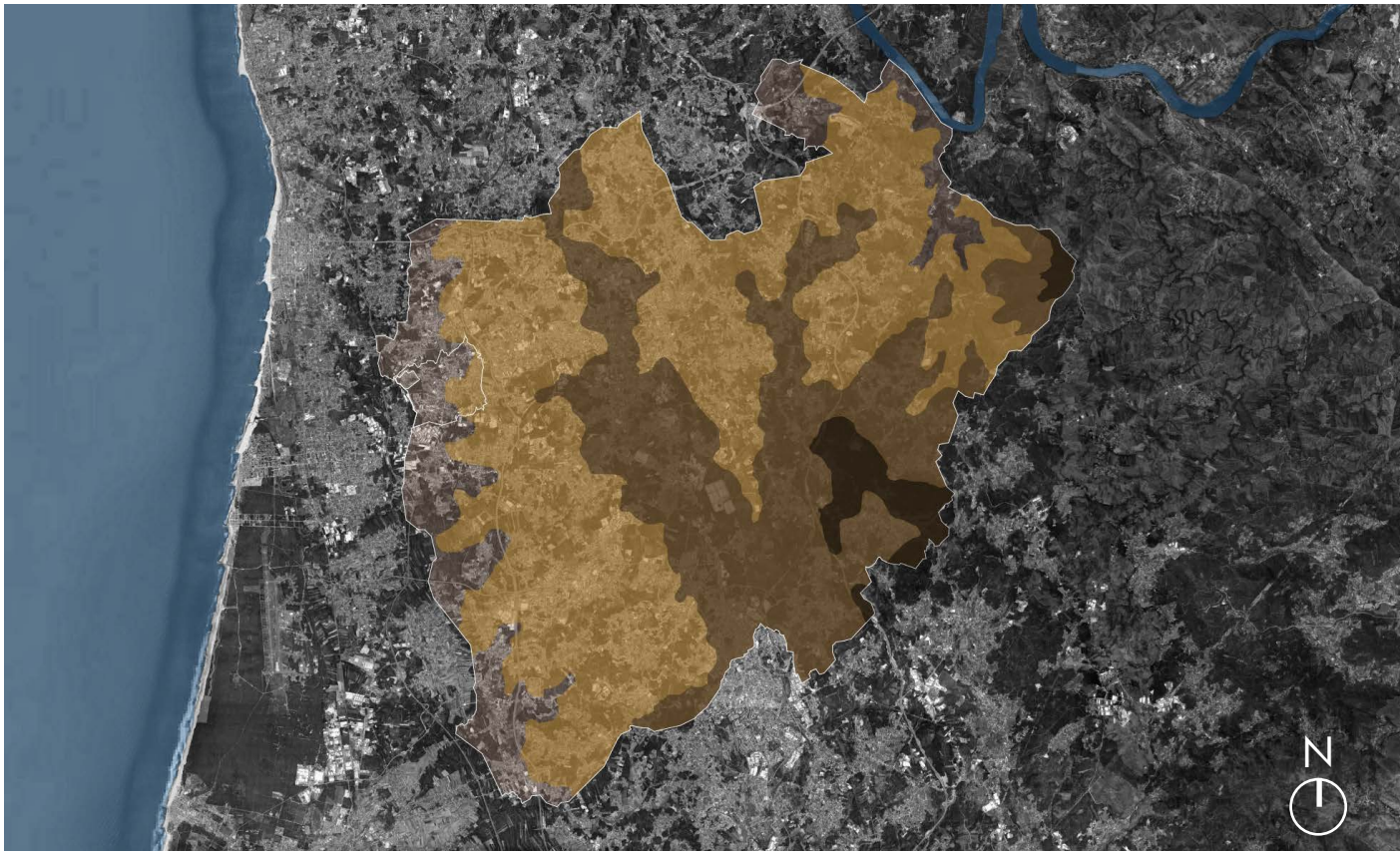
Legenda:

- Até 4%
- Entre 5% e 8%
- Entre 9% e 16%
- Superior a 17%

Em termos topográficos, o concelho de Santa Maria da Feira é composto por declives pouco acentuados a Poente do seu território, sendo esta parte do território praticamente plano.

Torna-se progressivamente mais acidentado a Nascente, sobretudo a Nascente Norte, na União de Freguesias de Canedo, Vale e Vila Maior, apresentando declives superiores a 17%.

* Elaborado segundo: Santa Maria da Feira. Câmara Municipal; Bastos, José Manuel, colab.; (2009), *Atlas de Santa Maria da Feira: 35 Anos de Caminho, da Democracia à União Europeia, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira*



|Imagem 8| - Carta Hipsométrica*.

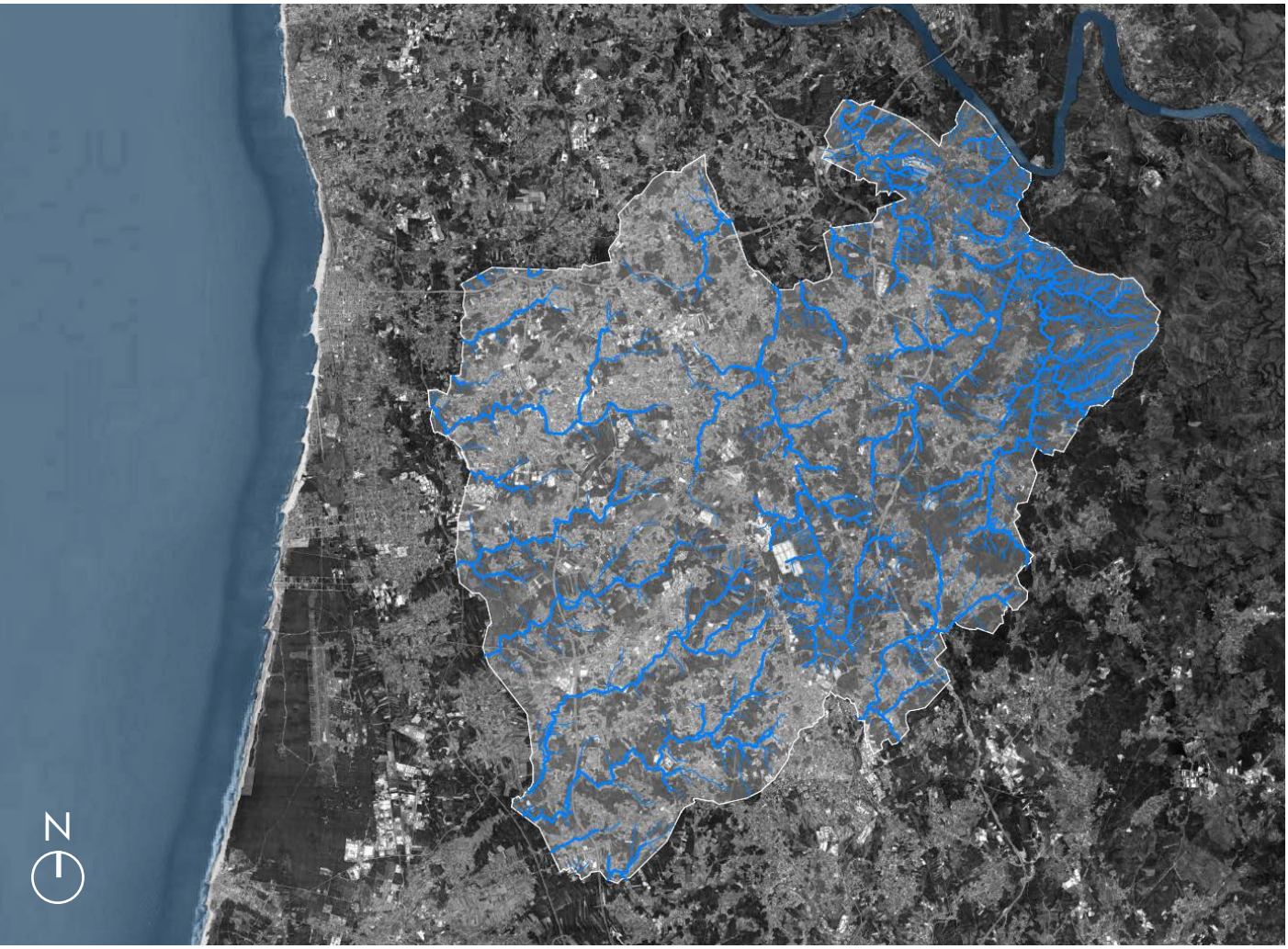
Legenda:

- Inferior a 100 m
- Entre 101 e 200 m
- Entre 201 e 300 m
- Superior a 301 m

Na maioria do seu território, Santa Maria da Feira apresenta altitude inferior a 200 metros, sendo a cota altimétrica mais baixa no limite Poente do concelho, inferior a 100 metros.

A Nascente a altimetria é a mais elevada, chegando a atingir valores superiores a 700 metros. Pode-se constatar que a altitude diminui à medida que o território se aproxima do mar (apesar de não fazer fronteira com o mesmo), e aumenta quando se aproxima da Serra.

* Elaborado segundo: Santa Maria da Feira. Câmara Municipal; Bastos, José Manuel, colab.; (2009), *Atlas de Santa Maria da Feira: 35 Anos de Caminho, da Democracia à União Europeia, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira*



|Imagem 9| - Localização dos Rios e Ribeiros no concelho de Santa Maria da Feira.

Apesar de, presentemente, o concelho não apresentar contacto físico directo com o mar, é composto por uma diversificada rede hidrográfica, sendo alguns elementos que a compõem o Rio Uma, Rio Ul, Rio Inha, Ribeira do Mocho, Ribeira de Silvalde, Ribeira de Rio Maior, Ribeira de Beire, Ribeira da Remolha, Ribeira de Caster, Ribeira da Lage, Ribeira da Senhora da Graça, Ribeira de Mosteiró e o Rio Douro.

* Elaborado segundo: Santa Maria da Feira. Câmara Municipal; Bastos, José Manuel, colab.; (2009), *Atlas de Santa Maria da Feira: 35 Anos de Caminho, da Democracia à União Europeia, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira*



|Imagem 10| - Festa das Fogaceiras (ano desconhecido).

Santa Maria da Feira é ainda rico em actividades de lazer e culturais, como festas ou festivais. As mais populares são a Feira Medieval em Terras de Santa Maria, o Perlim (vila Natal), o Imaginarius (festival de espectáculos de rua) e a Festa das Fogaceiras.



|Imagem 11| - Paços de Brandão - Adro da Igreja no Parque do Arraial.

2.2. A Freguesia de Paços de Brandão



|Imagem 12| - Paços de Brandão - Vista Panorâmica (1920).

2.2.1. Paços de Brandão: O nome, as lendas e a história.

Paços de Brandão **: A Origem**

O seu nome, "Paços de Brandão", crê-se que tem origem etimológica relacionada com a existência de uma residência senhorial, no século XI. Dessa habitação de carácter grandioso surge a palavra "Paço" que tem origem no latim "palatium" [15]. Esta residência terá sido fundada por um fidalgo francês, cujo apelido seria Blandon, que integrara a comitiva do Conde D. Henrique, no decorrer da reconquista cristã, em meados do século XV. Ainda assim, surgem incertezas acerca da verdadeira razão do nome da vila, motivadas por lendas e outros testemunhos medievais, que alimentaram a imaginação dos povos que ali habitavam.

Os primeiros relatos escritos mencionando a existência de um possível povoamento é referida num pergaminho do antigo Mosteiro de Pedroso, a 1025. Este documento dará origem ao conjunto de paróquias de S. Cipriano, em Paços de Brandão. Também nas "Inquirições" de D. Afonso II, em 1220, já surge a "frigisia"[16] de Palaçoo Vlando", dando nome à actual vila.

2.2.2. Tempo presente: Caracterização da vila

Pertencente ao distrito de Aveiro, situado nos limites do concelho de Santa Maria da Feira, distando cerca de sete quilómetros da sua sede [17], localiza-se a freguesia de Paços de Brandão. O seu limite geográfico é definido pelo contacto com cinco freguesias, sendo estas Rio Meão (a sul), São Paio de Oleiros (a norte), Santa Maria de Lamas (a nascente), Esmoriz (a poente, pertencente ao concelho de Ovar) e Paramos (a noroeste, pertencente ao concelho de Espinho).

Em termos demográficos, esta vila apresenta uma densidade populacional de 1 311,9 hab./km2 e uma população de cerca de 4 867 habitantes, [19] tendo apresentado um crescimento de cerca de 30% nos últimos 50 anos e 6% na última década [19]

15. Também associado ao vocabulário Galego-Português Medieval *paaço*.

16. Freguesia

17. A Sede do Concelho é em Santa Maria da Feira.

18. Dados retirados Instituto Nacional de Estatística [Consultado 22 abril 2020]. Disponível em www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes (última vez consultado a 22 de Abril de 2020)

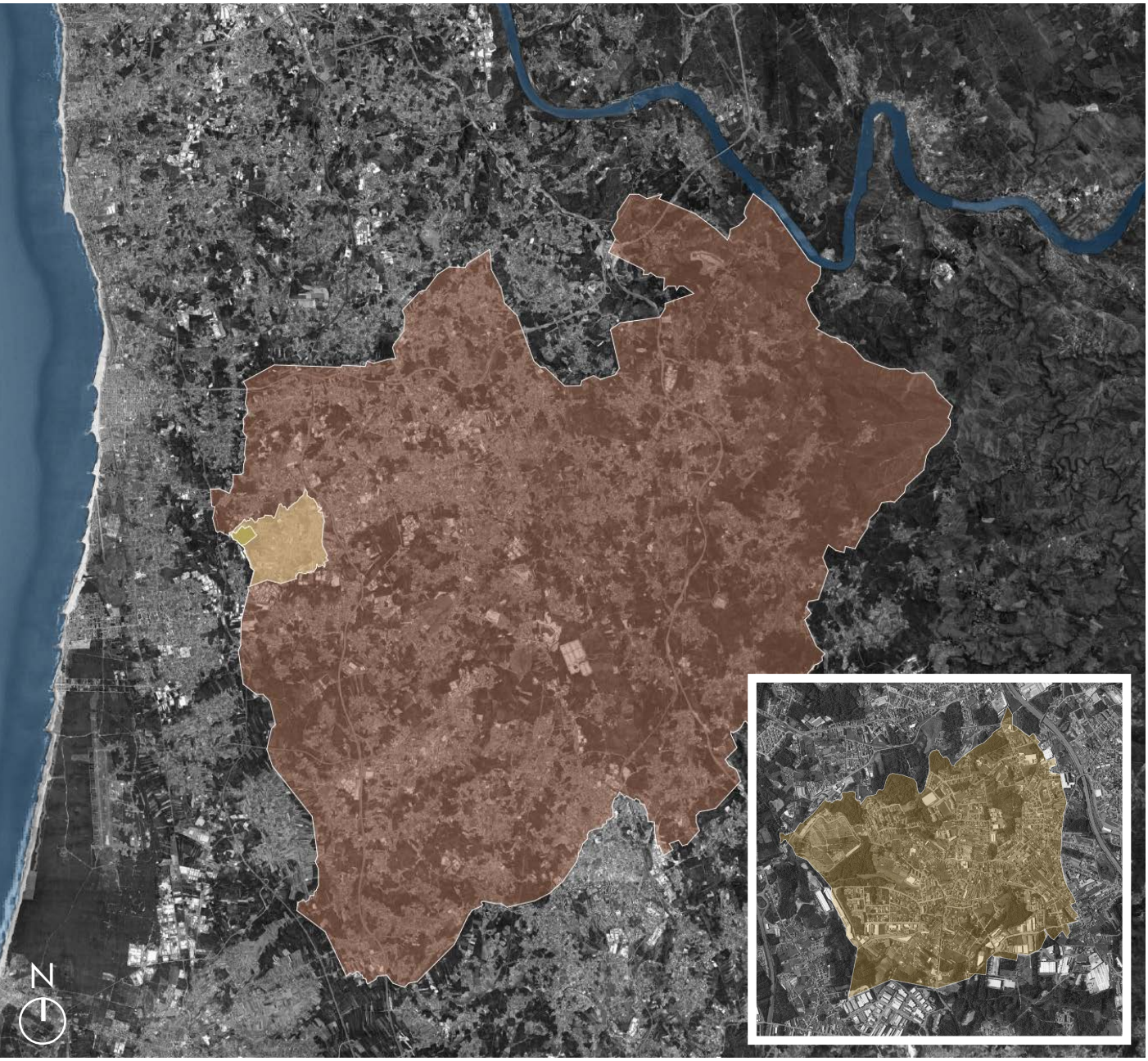
19. Dados retirados Instituto Nacional de Estatística [Consultado 22 abril 2020]. referentes aos anos de 1960, 1991 e 2011. Disponível em www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_publicacoes



|Imagem 13| - Igreja Paroquial de Paços de Brandão - Igreja de São Cipriano.

Quanto à densidade construída, Paços de Brandão varia entre área edificada e área composta por elementos sobretudo vegetativos. Os edifícios presentes são sobretudo destinados à habitação e à indústria, esta última com forte presença na freguesia, sobretudo pela produção de papel. Ainda assim, cerca de 40% da sua área é ocupada por zonas com forte densidade vegetativa, na sua grande maioria eucaliptais. São terrenos que pertencem a particulares ou estão sob domínio municipal.

Paços de Brandão caracteriza-se, ao nível arquitectónico, sobretudo por casas senhoriais, arquitectura industrial, nomeadamente as antigas fábricas de papel, e habitação unifamiliar generalizada. Sendo uma vila com presença religiosa activa, sobretudo Católica (Cristã), apontam-se alguns dos seus templos, Igrejas e Capelas, exemplares de Arquitectura Religiosa, como a Capela de São Cipriano, a Capela de São Cristóvão, a Capela de Nossa Senhora da Livração e a Capela de São. José.

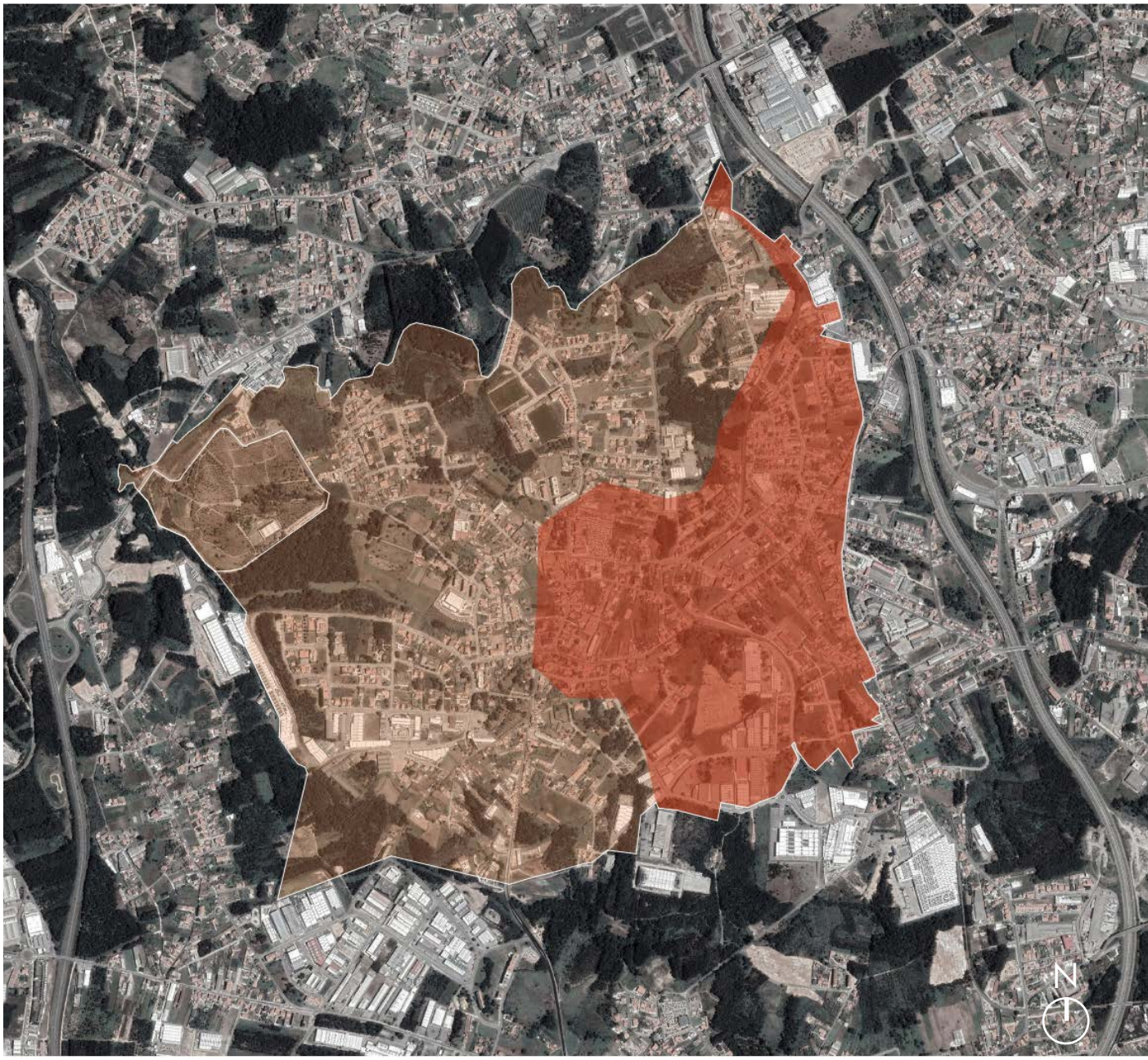


|Imagem 14| - Demarcação geográfica de Paços de Brandão no concelho de Santa Maria da Feira.*.

Legenda:

- Concelho de Santa Maria da Feira
- Freguesia de Paços de Brandão

* Elaborado segundo: Santa Maria da Feira. Câmara Municipal; Bastos, José Manuel, colab.; (2009), *Atlas de Santa Maria da Feira: 35 Anos de Caminho, da Democracia à União Europeia, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira*

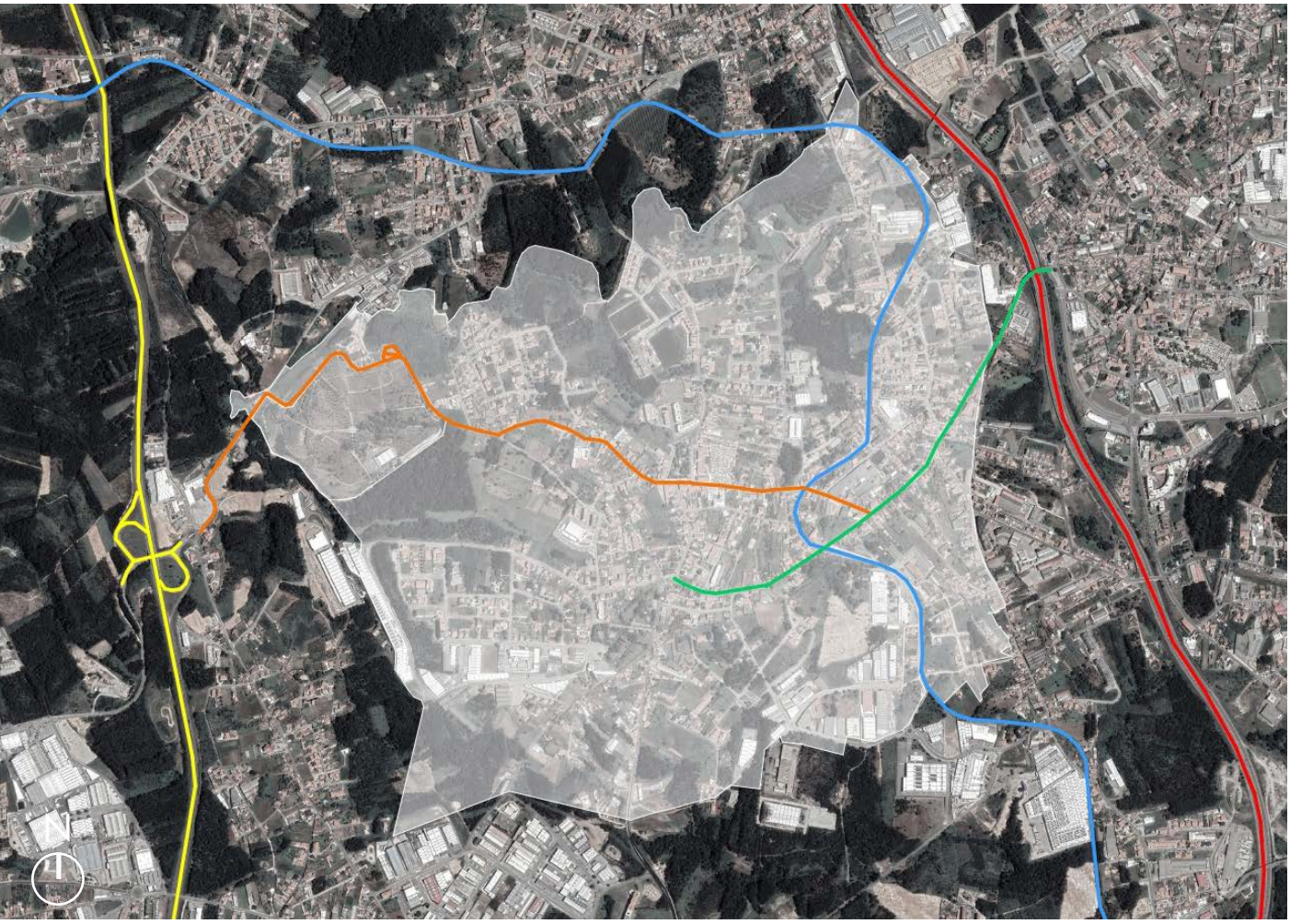


|Imagem 15| - Carta Hipsométrica da Freguesia de Paços de Brandão*.

Quanto à topografia, o território apresenta poucas variações de cota, variando entre planícies e montes com pouca elevação.

No geral, a altimetria é inferior a 100 metros na maior parte do território da freguesia, sendo apenas a Nascente de maior cota, não ultrapassando os 200 metros.

* Elaborado segundo: Santa Maria da Feira. Câmara Municipal; Bastos, José Manuel, colab.; (2009), *Atlas de Santa Maria da Feira: 35 Anos de Caminho, da Democracia à União Europeia, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira*



|Imagem 16| - Carta de Mobilidade da Freguesia de Paços de Brandão*.

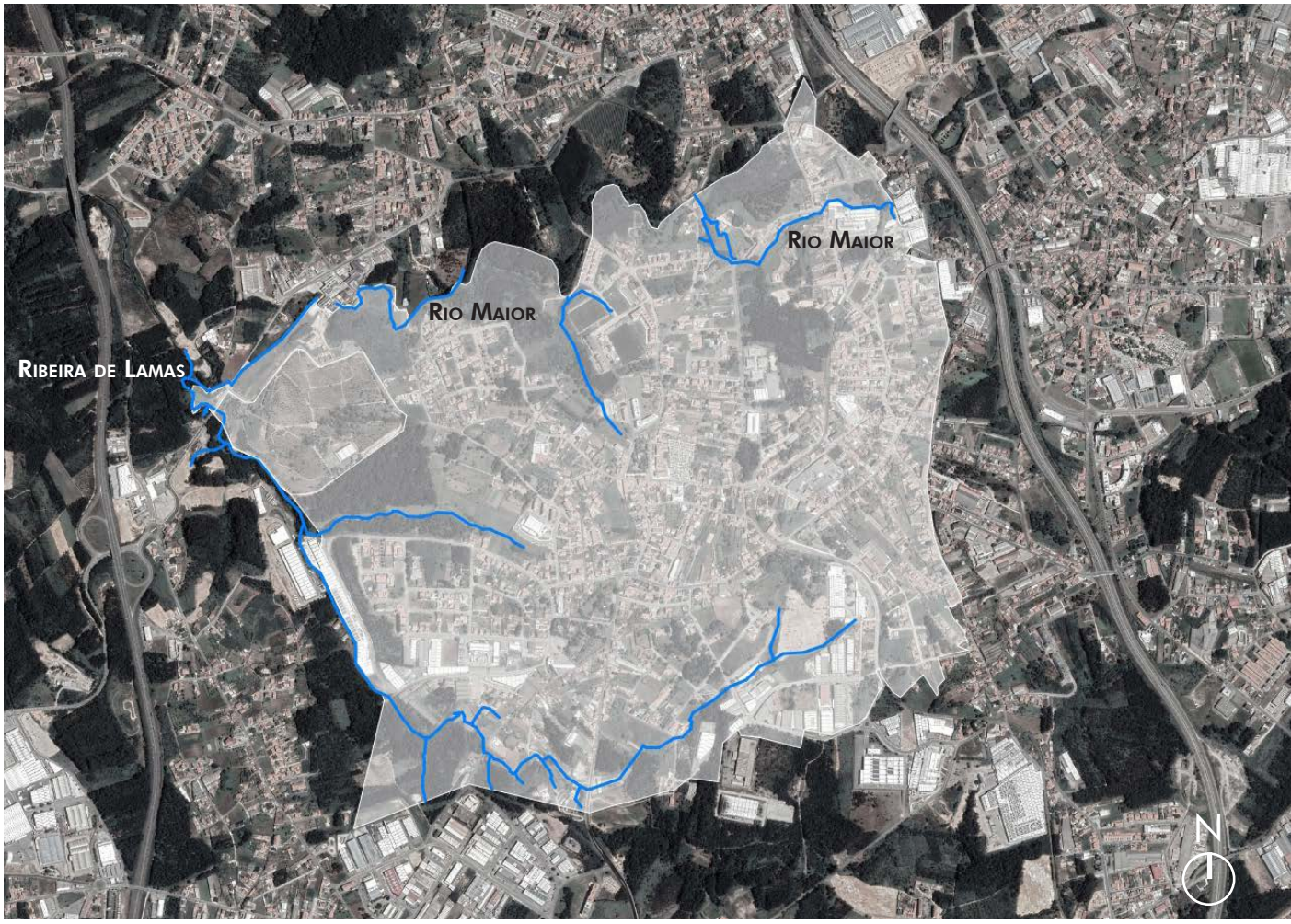
Legenda:

- A1
- A29
- Estrada Municipal 517
- Estrada Municipal 518
- Linha Ferroviária do Vouga

Apesar da sua pequena dimensão territorial, com pouco mais de três quilómetros quadrados, a freguesia de Paços de Brandão encontra-se beneficiada em termos de acessos rodoviários.

Nos extremos da sua delimitação geográfica encontram-se duas autoestradas, a A29 a poente e a A1 a nascente, fazendo a ligação viária com o território Nacional. Possui também as Estradas Municipais 517 e 518 que complementam a rede. Não obstante, conta ainda com ligações ferroviárias através da linha do Vouga, comummente designada por "Vouguinha", que estabelece a ligação entre Espinho e Oliveira de Azeméis, trespassando o território no sentido Norte/Sul, e que possibilita continuar a viagem até destinos mais distantes.

* Elaborado segundo: Dados retirados do portal Informação Geográfica da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira – Mirante. 2010 [Consultado 01 setembro 2020]. Disponível em http://mirante.cm-feira.pt/



|Imagem 17| - Localização dos Ribeiros na Freguesia de Paços de Brandão.*.

O mar, localiza-se a 9 quilómetros a poente, porém, Paços de Brandão possui diversas linhas de água, sendo a mais conhecida composta pelo Rio Maior, que desagua na Barrinha de Esmoriz. Apesar do seu nome "Rio Maior", trata-se de um pequeno ribeiro que percorre, de nascente para poente, a freguesia de Paços de Brandão e que, outrora, servia como força motriz dos Engenhos: "este rio não hé caudeloso; no Inverno orinariamente leva a água que podem moer duas rodas de moinho a par, e de Verão para moer hua he necessário emprezarse (…)"[20].

20. QUEIRÓS, José Barbosa de. *Memórias Paroquiais*. Em: Gomes, Dra. Catarina Sofia; Silva, Dr. João Belmiro Pinto da. (2000) Feira – Terras de Santa Maria…, Anégia Editores.

* Elaborado segundo: Dados retirados do portal Informação Geográfica da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira – Mirante. 2010 [Consultado 01 setembro 2020]. Disponível em http://mirante.cm-feira.pt/ e Santa Maria da Feira. Câmara Municipal; Bastos, José Manuel, colab.; (2009), *Atlas de Santa Maria da Feira: 35 Anos de Caminho, da Democracia à União Europeia, Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, Santa Maria da Feira*



|Imagem 18| - Casa da Portela.

2.2.3. Do Apogeu à Ruína: As Casas Senhoriais e as Fábricas de Papel em Paços de Brandão

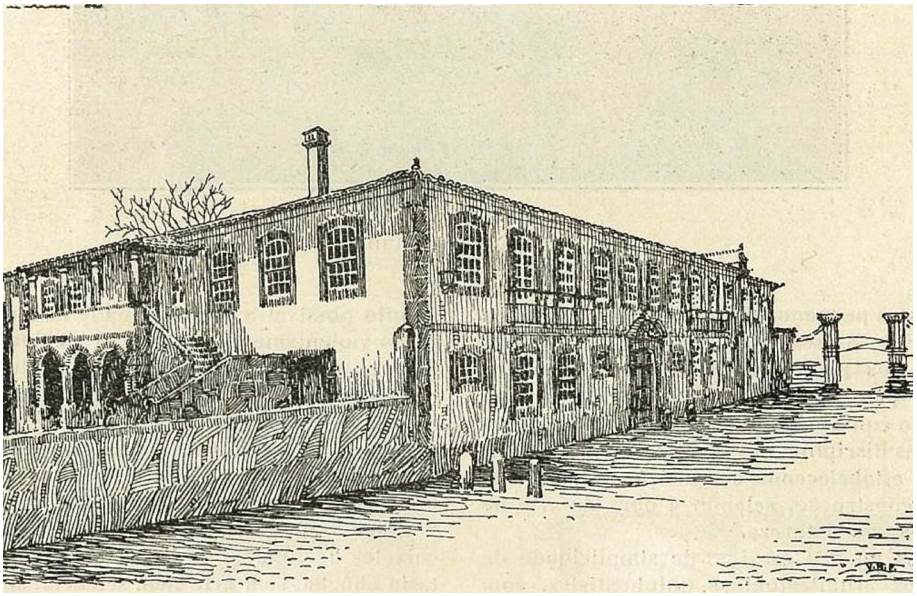
Da mesma forma que a Casa Burguesa faz parte da História da Arquitectura do Porto, as Casas Senhoriais e a Arquitectura Industrial do fabrico do papel são parte identitária da Arquitectura da própria vila de Paços de Brandão e do Concelho de Santa Maria da Feira.

Ao ler a paisagem de Paços de Brandão e o seu entorno, é possível constatar que as casas de domínio senhorial, muitas delas habitáveis e em relativo estado de conservação, e os antigos Engenhos de Papel, estes, na sua grande maioria, em ruína, constituem um importante legado tanto histórico como arquitectónico da vila.

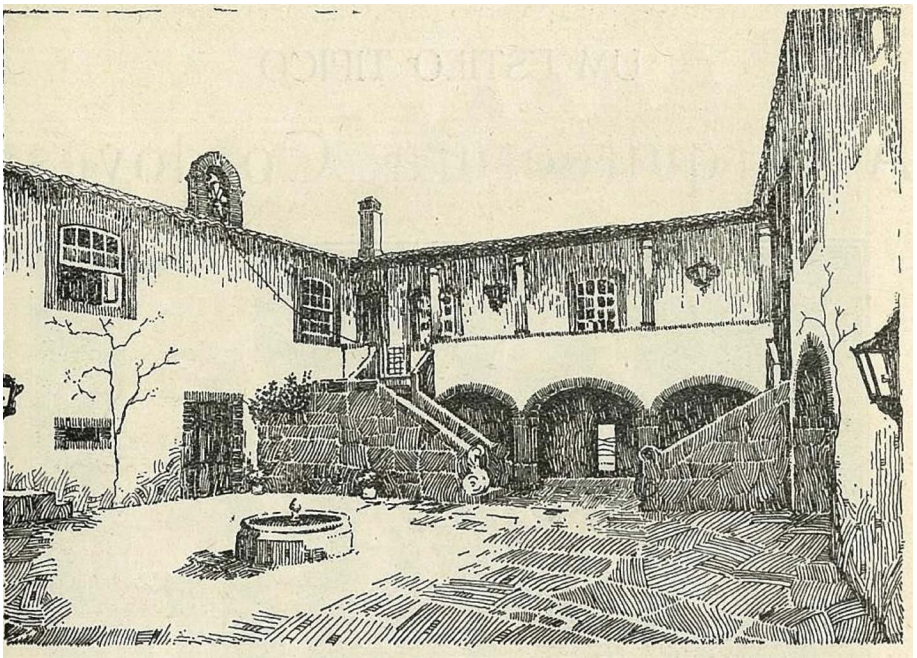
O pontuar das Casas bem como a presença dos engenhos junto ao ribeiro são, entre outros elementos, fundamentais no que ao carácter e reconhecimento daquele território diz respeito. O seu subaproveitamento leva ao desaparecimento progressivo destas estruturas, caindo no esquecimento ou, até mesmo, no desconhecimento por parte da população residente e/ou visitante.

O Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, tal como o seu nome indica, tem como marco identitário a Casa e a antiga fábrica do Engenho Novo. Deste modo, e sendo fundamental entender a importância destas arquiteturas na vila e a sua inter-relação, serão expostos alguns destes exemplos, como a Casa da Portela, a Casa da Torre, a Casa de Rio Maior e as Fábricas dos Azevedos e de Custódio Pais e a Quinta e Fábrica do Candal (São Paio de Oleiros).

O grau de aprofundamento da análise será variável, consoante o exemplo - primeiro porque não se pretende um estudo intensivo, mas sim um estudo alargado que contribua para o entendimento generalizado da Arquitectura Senhorial e Industrial Papeleira da vila; segundo – porque a informação recolhida não tem o mesmo grau de aprofundamento, impossibilitando a sua exposição no presente trabalho. Na verdade, reconhece-se um certo défice no levantamento e documentação da Arquitectura em Paços de Brandão, assunto de enorme interesse para o estudo da Arquitectura Portuguesa e que poderá ser tema de investigação futura.



|Imagem 19| - Casa da Portela - "Fachada Principal".



|Imagem 20| - Casa da Portela - "Patio Interior".

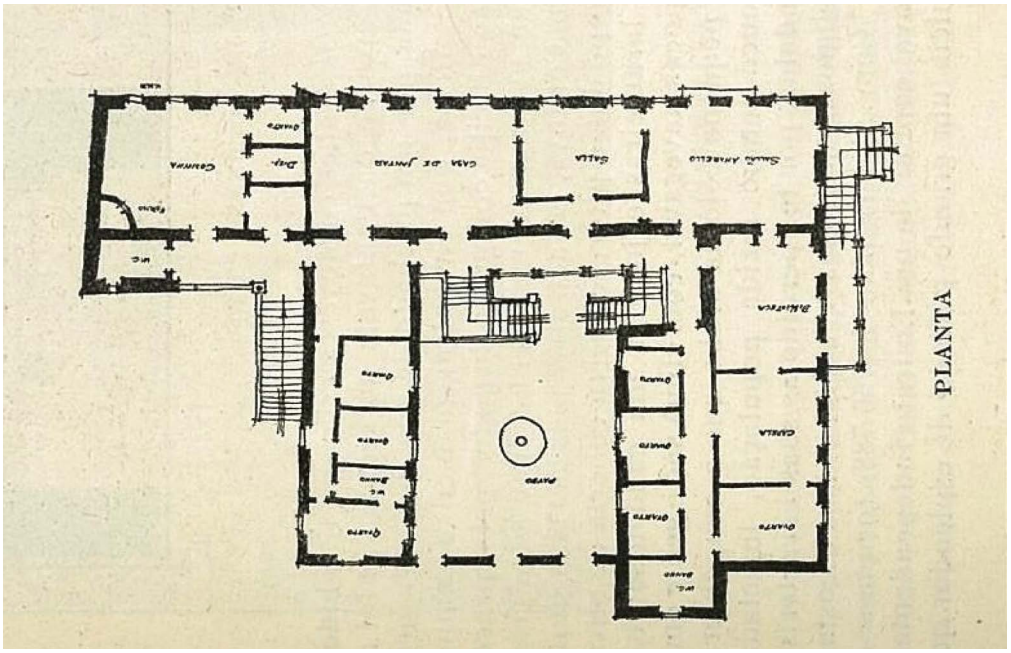
A Casa da Portela

A Casa da Portela é um importante marco de arquitectura em Paços de Brandão.

Edifício classificado como Imóvel de Interesse Público, esta casa senhorial terá pertencido à família Pintos e Almeidas, a partir do ano 1788, como o brasão que coroa a entrada o indica. No entanto, a sua construção terá sido anterior a este ano, existindo já no século XVII, tendo como proprietários Francisco Saraiva e a sua esposa, Britis Aranha, em 1629.

A planta em "U" poderá ser um indício de que a sua construção terá sido no século XVII, sendo este tipo de desenho planimétrico uma novidade à época. Ainda assim, desconhece-se algum tipo de documento que comprove a data do projecto e a sua respectiva execução.

A fachada principal, com orientação a nascente, caracteriza-se pela regularidade dos alçados – abertura de vãos simétricos, cuja charneira se encontra centrada na porta principal que, por sua vez, é encimada pelo Brasão da família.



|Imagem 21| - Casa da Portela - "Planta".



|Imagem 22| - Casa de Riomaior.



|Imagem 23| - Fábrica de Baixo dos Azevedos (ruína) e Fábrica Custódio Pais.

Com cobertura de telhado de quatro águas, o edifício desenvolve-se em dois pisos, separados por um friso linear, que demarca o rés-do-chão do primeiro piso, este último, de carácter nobre.

Revelando algum contraste com a fachada principal, a fachada posterior apresenta um desenho mais contido, abrindo-se para um pátio, espaço que é "abraçado" pelos volumes laterais que compõem o edifício. No piso superior, vê-se uma varanda, pontuada por colunas, originando um espaço de galeria. Desta, surge uma escada que arranca, não a eixo, mas a partir do lado norte do alçado, encontrando o centro quando alcança o plano do piso térreo. No rés-do-chão, e ainda sobre alçado posterior, existe uma arcada, cujo ritmo corresponde ao da galeria do piso superior. O desenho não simétrico do alçado e o seu carácter mais discreto, juntamente com a materialidade que compõe este espaço, conferem-lhe um certo carácter intimista e, poderá dizer-se, até pitoresco.

A Casa da Portela já foi cenário, não só da vida dos senhores nobres e dos que lá habitaram, mas também para o cinema português, no filme "Amor de Perdição", obra de Camilo Castelo Branco, em 1921.

A Casa de Riomaior, a Fábrica dos Azevedos e a Fábrica Custódio Pais

A Casa de Riomaior, também conhecida como Quinta de Riomaior ou Casa do Comendador, foi construída nos inícios do século XIX, por Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão.

Tal como a Casa da Portela, este edifício caracteriza-se pela sua planta em "U" e desenvolve-se em dois pisos. A fachada principal é orientada a nascente, simétrica, com um eixo que se encontra ao centro da porta da entrada principal. Um friso faz o encontro entre o plano da fachada e a cobertura, telhado de quatro águas, e é interrompido por um frontão triangular, ao centro, onde se destaca o Brasão de família.

Bem próximo da Casa, do outro lado da Rua, existe actualmente o Museu do Papel, constituído pelas antigas Fábricas de Papel dos Azevedos (de cima e de baixo) e a antiga fábrica Custódio Pais.

A primeira Fábrica de Papel dos Azevedos, também denominada "Fábrica de Cima", foi fundada no ano de 1825, apesar de, na documentação oficial, as datas variarem, como nas "Informações para a estatística Industrial de 1867" que aponta a fundação



|Imagem 24| - Fábrica de Cima dos Azevedos.



|Imagem 25| - Casa da Torre ou da Capela.

para a data de 1828, ou na "Relação Geral das Fabricas e Officinas do anno de 1845" que indica a data de 1826. Foi pela década de 1840 que a segunda fábrica foi construída, contígua à primeira, conhecida como a "Fábrica de Baixo", hoje em ruínas. Ambas foram fundadas por Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão.

A história da Fábrica de Custódio Pais iniciou-se em 1822, data da escritura dea sociedade que deu origem a um pequeno engenho de papel que teve como sócia fundadora uma mulher, de seu nome Lourença Pinto, moradora no lugar de Riomaior, Paços de Brandão, que se juntou a Joaquim de Carvalho, mestre papeleiro. Motivada pela existência de outros engenhos de produção de papel em Paços de Brandão e em Rio Meão, embora desconhecendo a arte de fazer papel, Lourença aproveitou os moinhos de cereal que possuía em Riomaior e construiu o engenho com características proto-industriais.

No início do século XX, a ausência de inovação técnica por parte desta indústria, levou à decadência desta unidade papeleira, tendo sido vendida a José Ferreira Pais, em 1916, a preço reduzido.

Após a compra, foram realizadas obras pelo novo proprietário, substituindo as velhas construções de pedra e saibro por um novo espaço fabril, apostando em maquinaria mais actual, como a pequena máquina contínua de forma redonda, em madeira.

Manteve a sua actividade até finais da década de oitenta, tendo sido adquirida pela Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, em 1992. A 26 de Outubro de 2001 foi fundado o Museu do Papel, primeiro espaço museológico dedicado à História do Papel em Portugal.

A linguagem arquitectónica dos Engenhos de Papel é muito semelhante. Os grandes vãos ritmados, destinados à secagem do papel, são a principal característica destes edifícios, juntamente com a proximidade à água, elemento e força motriz da produção papeleira.

A Casa da Torre

A antiga Casa da Torre ou da Capela é, actualmente, o edifício da Junta de Freguesia de Paços de Brandão. Em 1796 já existiria, pois lá nasceu Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão.



|Imagem 26| - Casa da Quinta do Candal.

À semelhança da Casa da Portela e da Casa de Riomaior, a antiga Casa da Torre apresenta um desenho planimétrico em "U", porém, é um dos seus volumes laterais, e não o do centro (ao contrário dos edifícios referidos), onde se situa o alçado principal. O mesmo está orientado a Norte e o desenho da fachada é assimétrico, colmatado a poente por uma pequena capela – A Capela de S. Cristóvão. O pátio formado pelo conjunto dos volumes abre-se para nascente e é ladeado por uma arcada no piso térreo. O rés-do-chão e o primeiro piso são demarcados por um friso que os separa e que percorre o perímetro de todo o edifício. No extremo do volume sul, encontra-se uma escada que o remata e que faz o contacto exterior entre os dois pisos.

A Casa e a Fábrica do Candal

A Casa do Candal (data de construção desconhecida) é composta por um edifício de planta rectangular, orientado norte, com cobertura de quatro águas. O seu alçado principal é simétrico e, a eixo, possui um brasão. É, talvez, o edifício com mais semelhanças à Casa da Quinta do Engenho Novo.

Ao seu redor, e adjacentes ao edifício principal, existem construções de menor dimensão, umas de expansão e outras que servirão como anexos e apoio à Quinta.

Bem próximo, a sul, encontramos as ruínas da antiga fábrica da Cardenha do Candal de Baixo, fundada a 1811, por Joaquim de Sá Couto, junto ao Rio Maior e que viria a ser, segundo Pinho Leal, "(…) uma das mais antigas e mais bem acreditadas fábricas de papel da Terra da Feira (…)".[21]

"No logar do Candal, d'este freguezia, ha uma grande fabrica de óptimo papel, fundada em 1811, propriedade do sr. Joaquim de Sá Couto.
Os productos d'esta fabrica teem sido premiados em varias exposições portuguezas, e nas internacionaes de Londres (1862) e Paris (1867). Foi destruída por um incendio em 1854, e reedificada em 1859. O seu motor é hydraulico. Emprega já madeira para matéria prima, e produz annualmente uns 16 contos de réis de papel. Emprega 65 operários."[22]

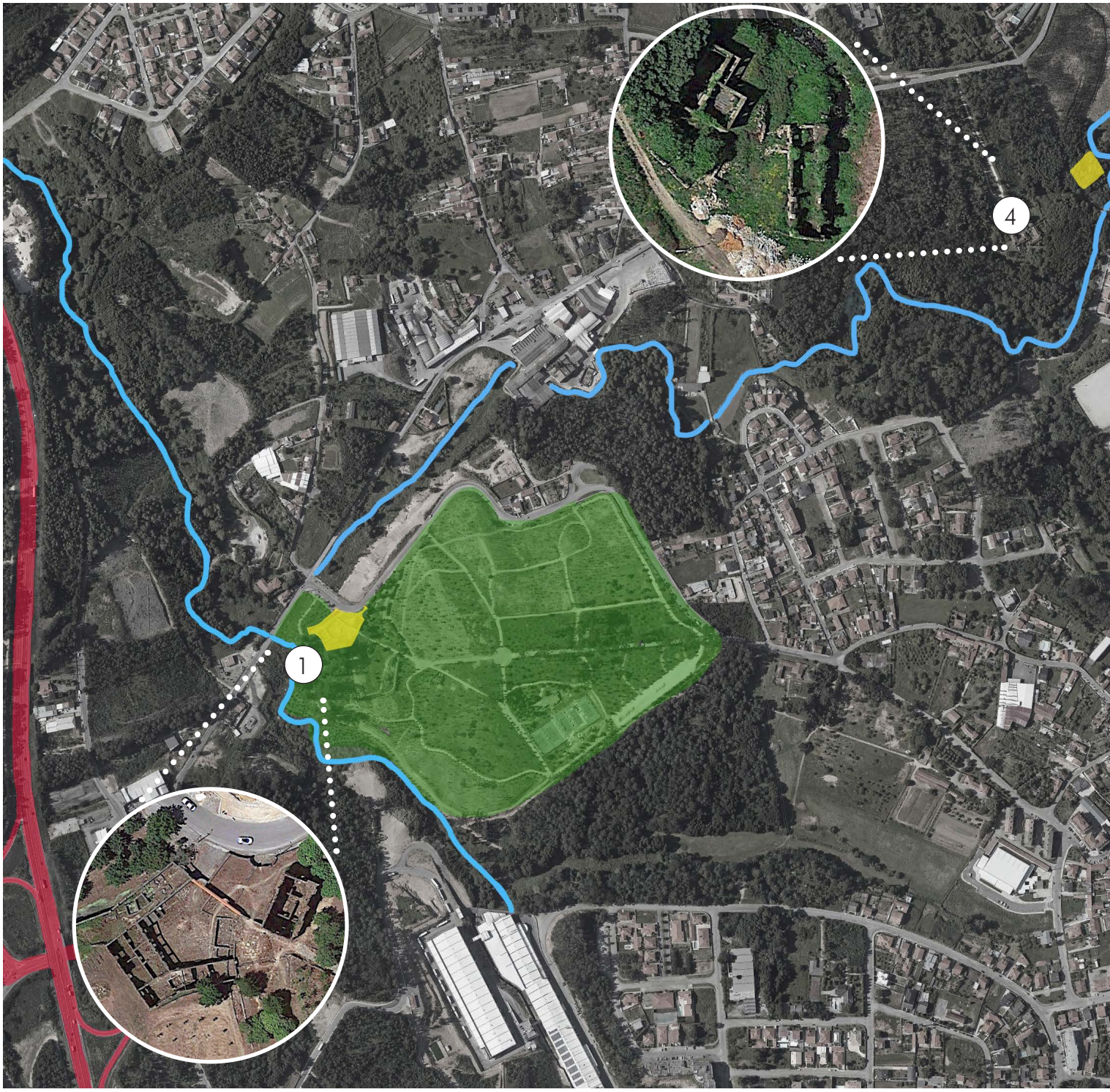
O seu desenho é semelhante a vários engenhos da freguesia de Paços de Brandão e, até, de alguns exemplares do município.

A Fábrica foi destruída por um incêndio em 1854, e reconstruída em 1859. Actualmente, a vegetação, sobretudo o silvado, escondem as ruínas da fábrica, tornando-a impossível de visitar.

---

21. Em MONTEIRO, Anthero. – "Historial de São Paio de Oleiros". In Aa. Vv. – "Roteiro da Vila de São Paio de Oleiros. São Paio de Oleiros. Junta de Freguesia de São Paio de Oleiros. 2002. p.5

22. Em LEAL, Augusto Soares d'Azevedo Barbosa de Pinho –"Portugal Antigo e Moderno – Diccionario. Volume Sexto". Lisboa: Livraria Editora de Mattos & Companhia, 1875. p. 219



1 Casa e Antiga Fábrica do Engenho Novo

2 Casa da Portela

3 Casa da Torre ou da Capela

4 Antiga Fábrica do Zabumba



|Imagem 27| - Localização de Casas Senhoriais e Antigos Engenhos de Papel em Paços de Brandão e São Paio de Oleiros.

5 Quinta do Candal e Antiga Fábrica da Cardenha do Candal de Baixo

6 Antigas Fábricas dos Azevedos e Custódio Pais

7 Casa de Riomaior



|Imagem 28| - Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo - Vista para as Ruínas a partir do caminho poente.

2.3. O Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo



|Imagem 29| - Localização do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo na freguesia de Paços de Brandão.

2.3.1. Contextualização Histórica

Engenho ("do latim ingeniu-[23]"): "(…) Aparelho, máquina, maquinismo, armação. (…) Provinc. Aparelho de tirar água dos poços ou rios; o m. q. nora nuns sítios, e o m.q. cegonha, noutros. (…)" [24]

O Parque Municipal da Quinta do Engenho localiza-se no concelho de Santa Maria da Feira e nos limites da freguesia de Paços de Brandão.

A sua localização deve-se à existência de património arquitectónico legado por uma antiga fábrica de Papel, exemplar de arquitectura fabril, fundada a 1773, pelo Padre José Pinto de Almeida, outrora denominada "Real Fábrica e Almasso" ou ainda "Fábrica de Papel de Paços de Brandão". Deve-se também à presença de uma casa de domínio senhorial, construída por volta do século XIX.[25]

Actualmente, apesar do seu estado de ruína, a Quinta mantem o nome aparentemente paradoxal - "Engenho Novo" - atribuído em oposição à fábrica de Nossa Senhora, em Rio Meão, vulgarmente nomeada "Engenho Velho" ou então, segundo algumas suposições, devido à inovação tecnológica conferida pelo novo equipamento de produção utilizado, as *Pilas holandesas*, vanguardista em Portugal à época. Também poderá ser conhecida por Quinta D. António, embora esta denominação seja menos frequente.

Tendo passado por diversos proprietários, nomeadamente a família Azevedo Aguiar Brandão [26], a fábrica manteve as suas funções durante cerca de 185 anos. Foi precisamente em 1958 que ocorreu um incêndio nas instalações da mesma, levando ao seu encerramento. O mesmo ocorreu na residência que, em 1980, se viu tomada pelas chamas. Desde então, ambos os edifícios em ruína, pertencem ao domínio da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

---

23. Retirado de *Dicionários Porto Editora* – Infopédia. Porto: Porto Editora, 2003-2021 [Consultado 03 março 2020]. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/engenho

24. Em *Grande Dicionário da Língua Portuguesa - Volume III*, Empresa do Jornal de Notícias, S.A.. p 161.

25. Desconhece-se ao certo a data da construção da casa, porém crê-se que terá sido por volta do século XIX: "A casa foi construída, ao que tudo indica, no século XIX.". Informação retirada de: Direção-Geral do Património Cultural – Património Cultural [em linha]. [Consultado 02 de março 2020]. Disponível em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/patrimonio/patrimonio-imovel/pesquisa-do-patrimonio/classificado-ou-em-vias-de-classificacao/geral/view/74963/

26. O primeiro elemento conhecido da família Azevedo Aguiar Brandão foi João José de Azevedo Aguiar Brandão e, futuramente, os seus descendentes. O seu irmão, Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão, esteve igualmente ligado à indústria papeleira através das fábricas de Riomaior.



|Imagem 30| - Planta de Intenções apresentada na reunião extraordinária da Câmara Municipal, em 1985.

Em 1985, durante uma reunião extraordinária da Câmara Municipal, é apresentada uma planta de intenções, muito generalizada, sem qualquer informação técnica pormenorizada. No programa desse plano constava o Museu do Papel (sendo a sua localização alterada posteriormente para as antigas fábricas dos Azevedos e antiga fábrica Custódio Pais), um Centro Cultural, um Auditório ao ar livre, uma Piscina, um Aquário e Aviário, um Parque Infantil, um Circuito de Manutenção, um Miradouro, uma Escultura, Sanitários, Campos de Ténis, Restaurante e um Sistema de Energia Hidráulica a recuperar. Apesar das intenções, apenas o Restaurante, os Sanitários e as instalações do Clube de Ténis avançaram, não correspondendo, em grande parte, à localização destinada no projecto. No mesmo, as diferenças de cotas acentuadas, características do terreno, parecem ter sido ignoradas, valendo-se apenas do desenho planimétrico.

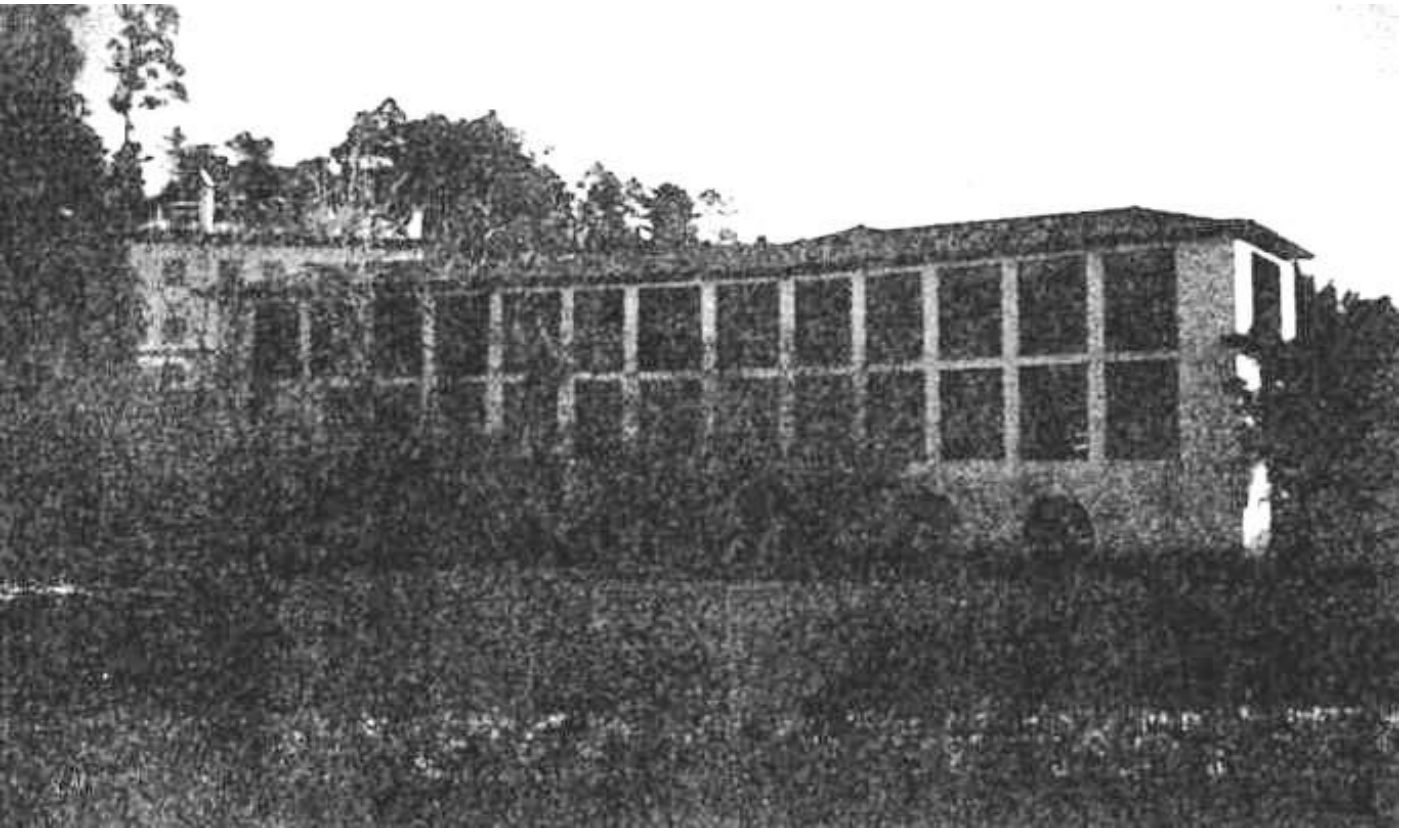
Em 1997 a Câmara Municipal procedeu ao corte de grande parte das árvores. Foi um processo de desflorestação e devastação que, posteriormente, levantou problemas, nomeadamente a revolta da população e o deslizamento de terras.

Em 2005, a Arquitecta Paisagista Ana Osório, propõe outro plano cujo programa se enuncia: um núcleo Interpretativo de Quintas, Paços e Engenhos, uma Biblioteca, Salas Polivalentes e Confeitaria, Oficinas, Jardins, Pomar, Horta, Viveiro de Mudas, Centro de Apoio a Actividades Físicas, Centro de Apoio a Actividades Radicais, Manifestos Culturais ao Ar Livre, Esplanada Móvel, Centro de Ténis, Balneários e Restaurante, Jogos Infantis, Zonas de Recreio Livre, Centro de Apoio aos motoristas, segurança e emergências e, por fim, os serviços do Parque. Até à data, o projecto não avançou e desconhece-se se existirá algum projecto em curso para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.



|Imagem 31| - Planta do projecto elaborado pela Arquitecta Paisagista Ana Osório, em 2005.

2.3.1.1. O Tempo - Breve Cronologia da Quinta do Engenho Novo



|Imagem 32| - Vista Norte da Antiga Fábrica do Engenho Novo, década de 40.

...

1708 — Fundação da Real Fábrica de Papel de Nossa Senhora da Lapa (Engenho Velho)

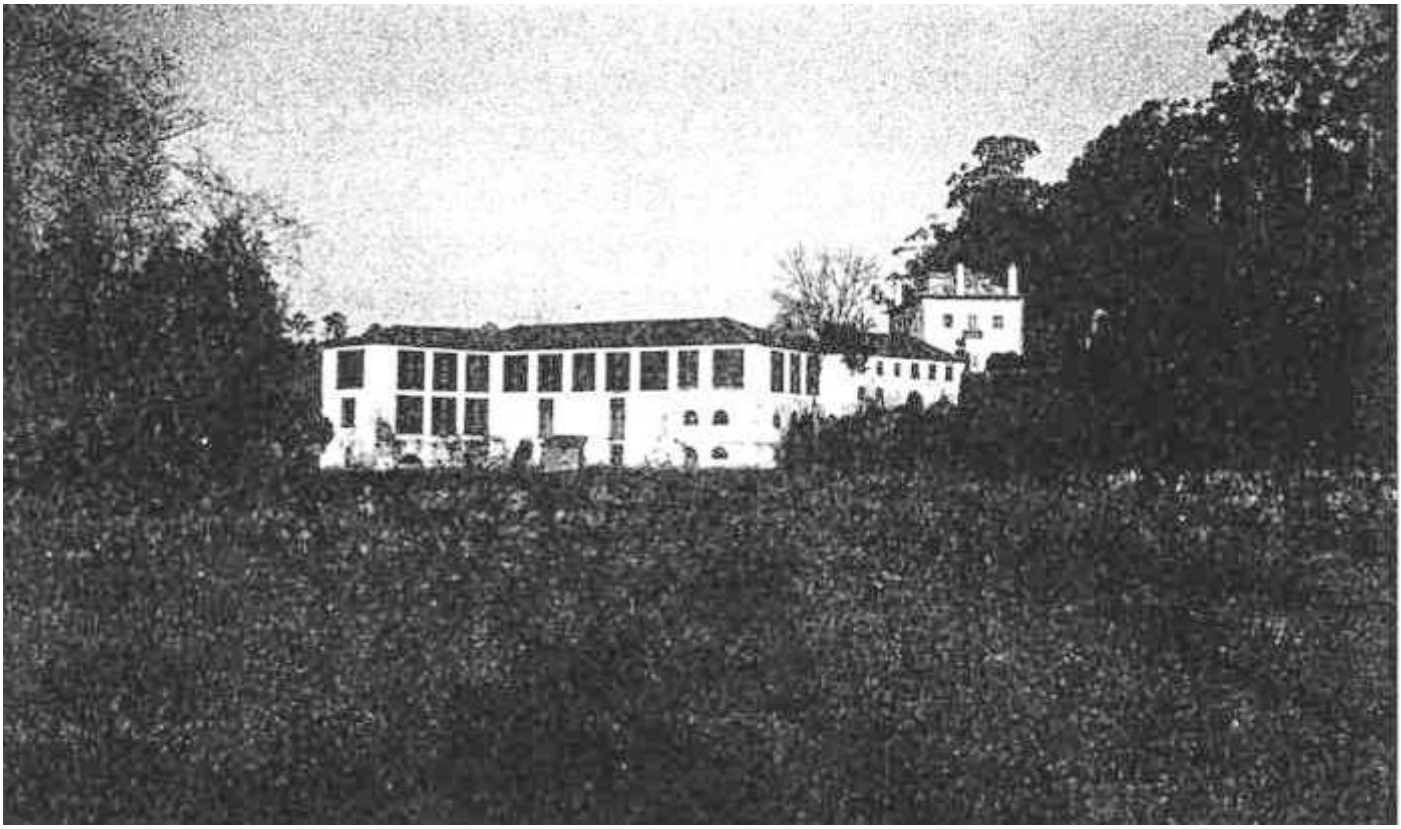
1773 — Fundação da Fábrica de Papel do Engenho Novo, pelo Padre José Pinto de Almeida.

Séculos **XVIII-XIX**

Na transição entre os dois séculos, a situação industrial era favorável, beneficiada pela política de industrialização pombalina.

Ao nível externo, a Revolução Francesa e outros conflitos contribuíram para reforçar a política de exportações.

Aumento de fábricas de papel.



|Imagem 33| - Vista Poente da Antiga Fábrica do Engenho Novo e da Casa Senhorial da Quinta, década de 40.

Século **XIX**

1825

Na segunda metade deste século, o distrito beneficia da "arte de fazer papel", contribuindo para uma viragem económica.

No final do século e primeiro quarto do século XX, surge uma depressão económica, que faz encerrar algumas indústrias.

Em meados do século XIX, a indústria papeleira era a maior implantada no distrito de Aveiro.

Transformação Progressiva, que provoca alterações na vida económica e financeira do Concelho.

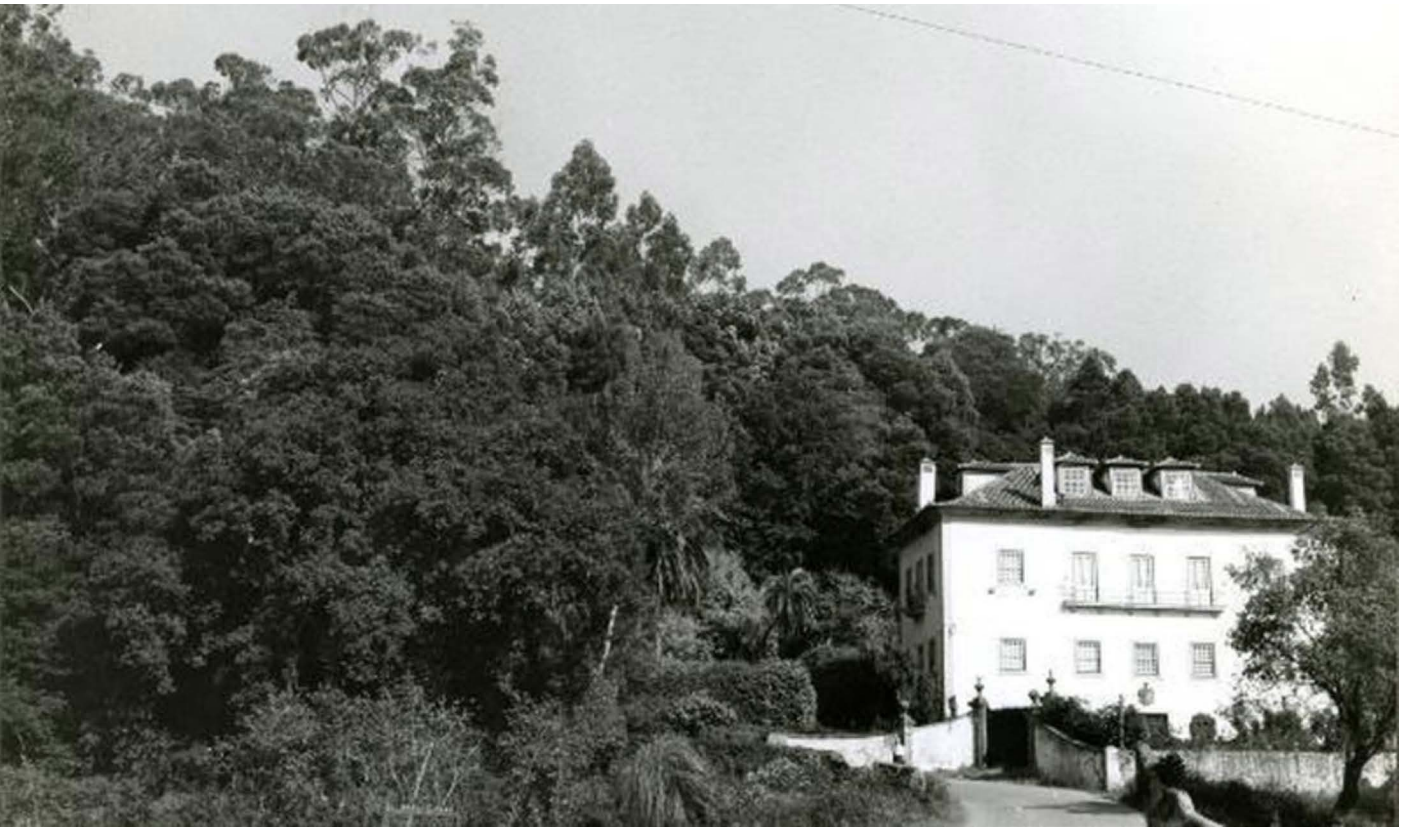
1826

Fundação da Primeira Fábrica de Papel dos Azevedos (actual Museu do Papel)

Pedido de isenção do pagamento da portagem na cidade do Porto, feito por Francisco José de Azevedo Aguiar Brandão a D. Pedro IV, proprietário da fábrica dos Azevedos.

1835

Revolução Industrial terá chegado com a máquina a vapor.



|Imagem 34| - Vista da Entrada na Quinta do Engenho Novo e a respectiva Casa Senhorial.

1840

Francisco José de Azevedo edificou uma segunda fábrica de papel contígua à primeira, desconhecendo se alguma vez tenha sido registada.

1866

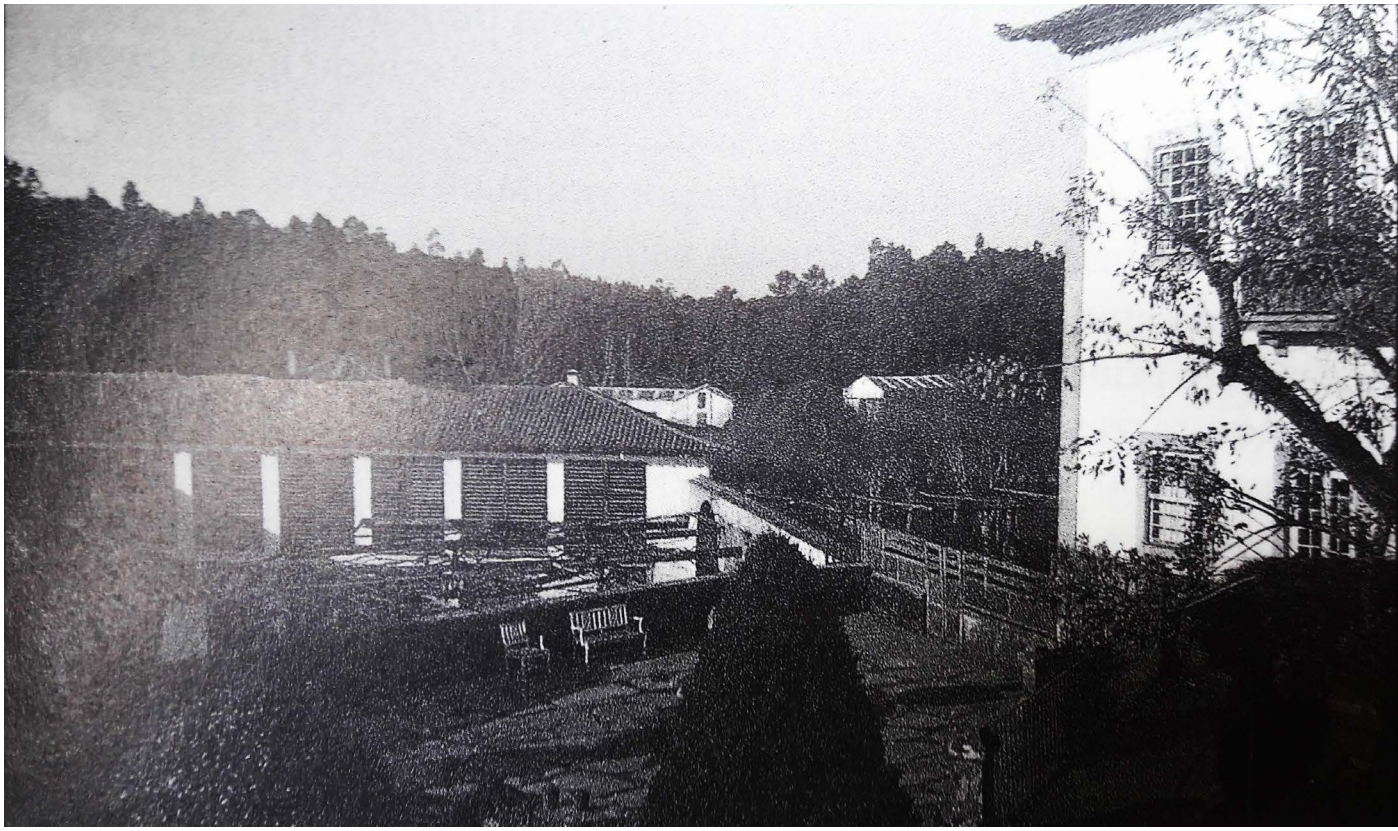
João de Azevedo Aguiar Brandão (irmão de Francisco José de Azevedo) herdou a fabrica do Engenho Novo do seu pai, João José de Azevedo Aguiar Brandão que a adquiriu ao Padre José Pinto de Almeida.

Século XX

Crise industrial em diversos sectores industriais portugueses, nomeadamente na indústria papeleira.

Anos 1970-80

Fábricas começam a encerrar, paulatinamente.



|Imagem 35| - Um pátio no interior da Quinta do Engenho Novo, década de 40.

1958

Incêndio na Fábrica do Engenho Novo

1980

Incêndio na Casa da Quinta do Engenho Novo.
Edifícios passam a ser propriedade da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira.

1985 - é apresentado um projecto de intenções para o Parque Municipal da Quinta do Enhenho Novo.

1997

Fábrica outrora pertencente à família Azevedo Aguiar Brandão e actual Museu do Papel, passa a ser propriedade da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira. (Fábrica Custódio Pais e Fábrica dos Azevedos).

2005

Projecto da Arquitecta Paisagista para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo

...



|Imagem 36| - Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo – Registo a partir de um dos pontos mais altos.

2.3.2. Caracterização Geral

Actualmente, o Parque da Quinta do Engenho Novo tem cerca de 21 hectares, sendo caracterizada pelo vasto espaço "verde" atribuído à sua vegetação que em muito se assemelha a um prado composto por árvores de distintas espécies, salientando-se a predominância de Carvalhos. Recentemente plantadas, estas árvores vieram substituir o abate de inúmeras outras, em 1997, sobretudo Eucaliptos e Acácias.

Realça-se que este Parque é o habitat de inúmeras espécies, vegetais e animais, umas de permanência e outras migratórias, que o tornam num lugar de Interesse Ecológico. O cantar dos pássaros[27], o coaxar das rãs[28] e tantos outros sons, estimulam o sentido auditivo do visitante, combinando com o "White noise"[29] de fundo produzido, ao longe, pelo som da auto-estrada ou, mais perto, pelos automóveis que passam na Rua Comendador Sá Couto. [30]

Quanto à Arquitectura, este espaço é ainda pontuado por edifícios, entre eles, as ruínas da fábrica papeleira e uma casa senhorial, um complexo de Ténis, e pequenas construções dedicadas a serviços de manutenção do parque e sanitários.

27. Clicar na |Imagem 37| - QRCode 1 (na versão digital do documento) ou ler |Imagem 37| - QRCode 1 com um leitor de QRCode num dispositivo móvel (versão física do documento), para ouvir um excerto gravado do cantar dos pássaros no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

28. Clicar na |Imagem 38| - QRCode 2 (na versão digital do documento) ou ler |Imagem 38| - QRCode 2 com um leitor de QRCode num dispositivo móvel (versão física do documento), para ouvir um excerto gravado do coaxar das rãs no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

29. "White Noise", tradução directa para "Ruído Branco" em português, significa "(…) um ruído no qual os espectros da frequência e da potência são constantes e independentes da frequência." [tradução livre da Autora], (segundo MANCIN, Carter; BRUCE, Ron - Op Amps for Everyone, pp.10-11). Exemplos de ruídos como este são o passar dos carros num ritmo constante (como na auto-estrada, por exemplo), um rádio e/ou uma televisão sem sinal (nesta última, quando a tela apresenta uma imagem com "formigueiro", a preto e branco.).

30. Ver "Inventário de Espécies" no Anexo I, p. 203.

|Imagem 37| - QRCode 1.

|Imagem 38| - QRCode 2.



|Imagem 39| - Ribeiro Rio Maior, no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

Os limites que definem a área do terreno do Parque são: a Poente o Ribeiro Rio Maior, que era a força motriz dos engenhos de toda a freguesia através da energia hidráulica, e uma das matérias-primas na produção do papel – a água; a Sul, o terreno onde se situa a Quinta de Baixo; a Norte, a Rua Comendador Sá Couto; a Nascente, a Rua Engenho Novo, onde o parque começa a ser delimitado com um muro de cerca de um metro de altura.

O terreno é caracterizado por uma topografia singular, ondulante, com diferenças de cota muito acentuadas, marcado pela presença de montes, pequenos vales e colinas. A partir dos pontos mais altos, é possível vislumbrar os arredores mais próximos, sobretudo se o olhar for direccionado a Norte. Aí, observam-se algumas casas, que pontuam a paisagem, e os tufos verdes das árvores, que desenham o encontro entre as suas copas e o céu.

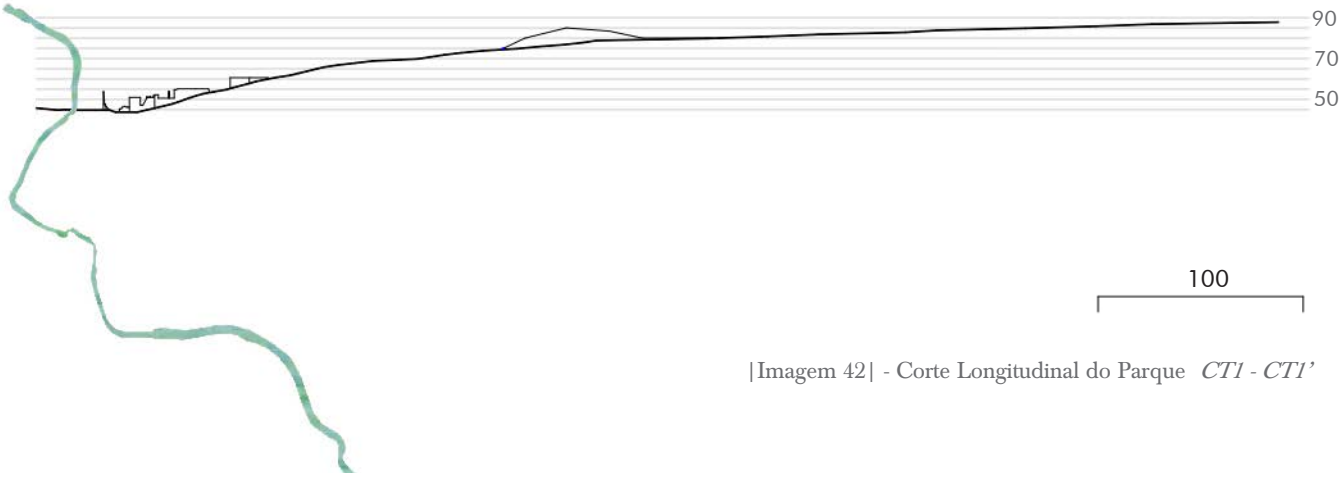
A curiosidade e deslumbramento pelas ruínas, a prática de exercício físico ou o simples passeio são uns dos principais motivos que levam as pessoas a visitar o Parque. Por vezes, vêem-se pais e filhos, avós e netos, cães e donos, pessoas sós ou acompanhadas a percorrerem os trilhos em terra batida que se desenham este lugar.



|Imagem 40| - Ciclista no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.



|Imagem 41| - Vista aérea e identificação do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.



|Imagem 42| - Corte Longitudinal do Parque *CT1 - CT1'*



|Imagem 43| - Elementos ecológicos/vegetais nas proximidades da Quinta do Engenho Novo.
Excluem-se elementos relacionados com a prática agrícola e logradouros privados.

Legenda:

Elementos Ecológicos

Ao redor do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, é possível constatar que existe uma vasta mancha verde que compõe a paisagem. Esta é constituída pelas mais diversas plantas silvestres, desde ervas a flores bravias, bem como árvores, das quais os Eucaliptos (-*Eucalyptus*) e as Acácias (- *Acacia longifolia*) sobressaem pela sua quantidade.

Apesar do Parque estar cercado por todos estes espaços que possuem elementos vegetais, estes não estão aptos para a visita e permanência de pessoas. Em primeiro lugar, porque o seu cariz não é público, sendo que muitos dos terrenos pertencem a privados. Em segundo, porque não possuem desenho nem foram projectados para fins de lazer, não detendo as qualidades necessárias para constituir um espaço de usufruto público.

Não obstante, contribuem para uma fusão de espaços com cariz ecológico, constituindo um sistema alargado que confere uma sensação de amplitude espacial a quem visita a Quinta do Engenho Novo.

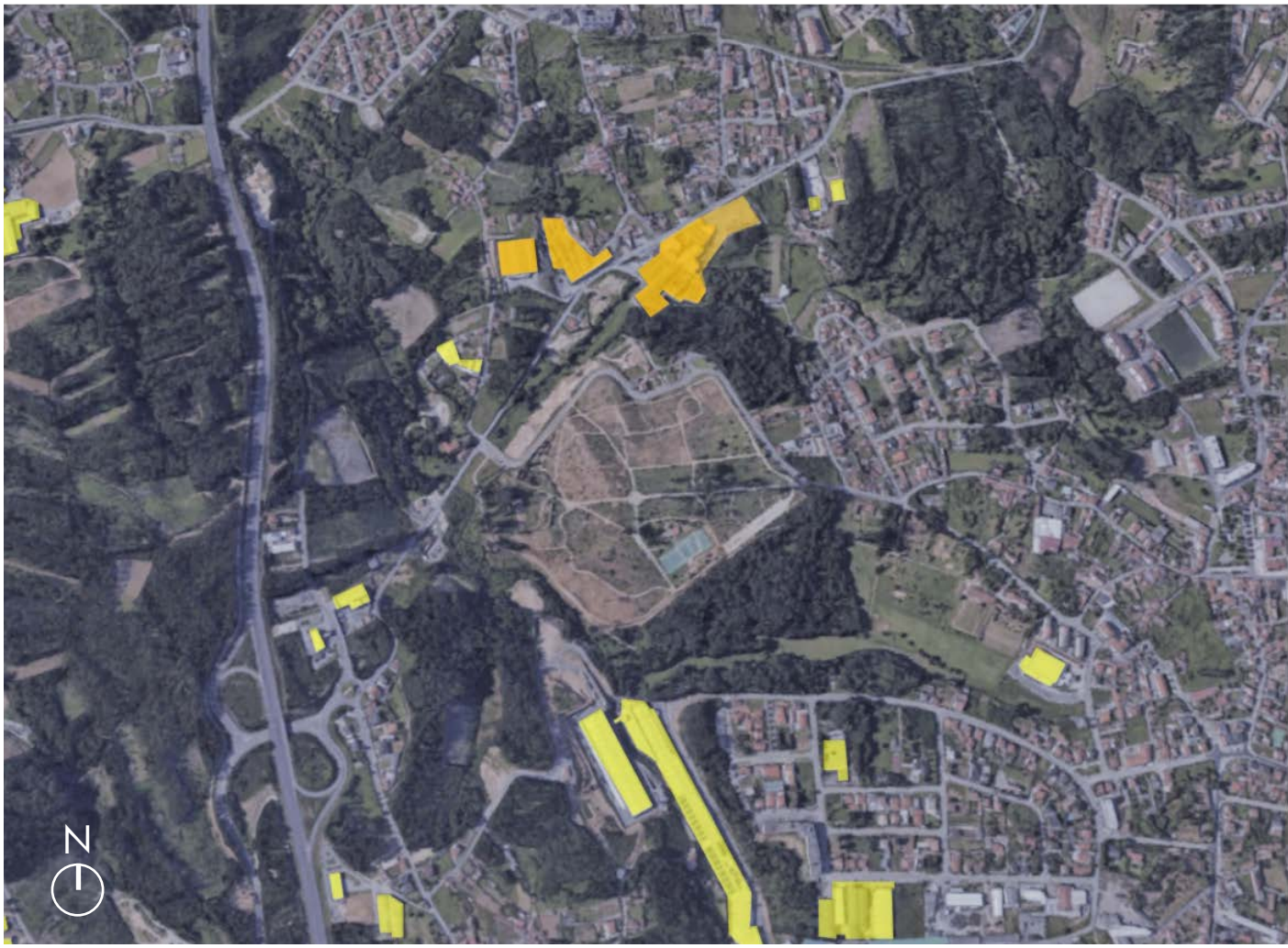


|Imagem 44| - Identificação de áreas habitacionais nas proximidades da Quinta do Engenho Novo.

Legenda:

Áreas habitacionais

Os aglomerados habitacionais caracterizam, igualmente, as proximidades da Quinta do Engenho Novo. São, por norma, edifícios de um a três pisos, de habitação unifamiliar, por vezes com logradouros e/ou espaços destinados à agricultura para consumo pessoal. Organizam-se, na sua maioria, em lotes paralelos entre si, perpendiculares à via pública.



|Imagem 45| - Edifícios industriais nas proximidades do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

Legenda:

Indústria Papeleira

Outro tipo de Indústria

Nas imediações do Parque, é também possível verificar a presença industrial, nomeadamente duas Papeleiras, a Fábrica de Papel da Lapa e a Papeleira Coreboard. Esta última, de maior dimensão, beneficia da passagem da água do Rio Maior, que atravessa parte das suas instalações.

Existem, igualmente indústrias que, não sendo de fabrico directo do papel, dedicam-se à produção de embalagens e outros bens provindos do mesmo. É o caso da fábrica DS Smith Packaging Portugal, a Sul da Quinta do Engenho Novo.



|Imagem 46| - Localização das Entradas no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

O Parque é composto por seis entradas – três adjacentes às ruínas (entradas 1, 2 e 3) [31], uma próxima do Complexo de Ténis (entrada 6) [32] e duas entre as mencionadas e que se encontram ao longo da Rua do Engenho Novo (entradas 4 e 5) [33]. Apenas a entrada próxima do complexo de Ténis é que apresenta características de recepção ao parque, com os seus portões, geralmente, abertos. Quanto às entradas pelas ruínas, duas delas encontram-se fechadas (entradas 2 e 3), e uma não tem qualquer tipo de barreira, como portão ou porta, não demarcando formalmente a passagem entre o exterior/interior do recinto (entrada 1).

As restantes entradas encontram-se, na maioria das vezes, encerradas.

31. Ver |Imagem 47|, |Imagem 48| e Imagem |49|.

32. Ver |Imagem 52|.

33. Ver |Imagem 50| e |Imagem 51|.



|Imagem 47| - Entrada 1.



|Imagem 48|- Entrada 2.



|Imagem 49| - Entrada 3.



|Imagem 50| - Entrada 4.



|Imagem 51| - Entrada 5.



|Imagem 52| - Entrada 6.



|Imagem 53| - Vista aérea e identificação da localização da Casa Senhorial da Quinta do Engenho Novo no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.

2.3.3. Os edifícios

A Casa Senhorial

A casa caracteriza-se pela sua cor branca, molduras dos vãos e remates em argamassa de tons cinza. É de planta rectangular e de alçados simétricos, desenvolvendo-se em três pisos, sendo que a Poente e a Sul o edifício encontra-se subterrado. Estando no seu interior, é possível constatar que o número de estratos corresponde ao número de pisos, através da observação dos vestígios demarcados nas paredes.

Presentemente, o tom branco das paredes desbota, transparecendo a cor argilosa da argamassa que a compunha. O grafiti é uma marca comum neste edifício, manifesto contemporâneo de pessoas que visitam o parque. As molduras desprendem-se, e o que resta dos frisos, cornijas e telhados, tomba. Duas chaminés ainda se erguem, embora frágeis, demarcando a verticalidade num conjunto que se constrói, sobretudo, horizontalmente.

Na fachada principal, orientada a Norte, as aberturas dos vãos são, maioritariamente, rectangulares. Ao centro, a porta principal (que, outrora, era encimada pelo brasão de armas de identificação desconhecida) é ladeada por dois óculos simétricos. A eixo, existe também uma varanda no último piso, cujo acesso seria realizado através de três portas.

No seu interior ainda restam as paredes do piso térreo, que revelam com clareza o desenho dos vãos e a divisão dos espaços. Ainda um pouco cobertas de revestimentos que vão caindo, estão sobretudo revestidas com vegetação, patine e despidas de qualquer ornamento maior. A Poente e a Sul, pode ver-se que, por estarem enterradas, as paredes são em pedra, contrariando as restantes onde tal só existe onde realmente é necessário, sobretudo na base e nos cunhais, por questões de estrutura e/ou remate. O restante é completo por uma argamassa argilosa com fragmentos de pedra menores.

O chão aparenta ser em cerâmica de tom vermelho, com desenho rectangular de 10x20cm, disposto a cerca de 45.º em relação ao plano do alçado principal, que ainda se encontra em aparente bom estado de conservação.

De momento as aberturas dos vãos encontram-se tapados com tijolo, porém alguns já rompidos por visitantes.



|Imagem 54| - Vista aérea da Casa Senhorial da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 a 6).



|Imagem 55| - Ponto de Vista 1.



|Imagem 56| - Ponto de Vista 2.



|Imagem 57| - Ponto de Vista 3.



|Imagem 58| - Ponto de Vista 4.



|Imagem 59| - Ponto de Vista 5.



|Imagem 60| - Ponto de Vista 6.



|Imagem 61| - Vista aérea da Fábrica da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (9 a 14).

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 62| - Ponto de Vista 7.



|Imagem 63| - Ponto de Vista 8.



|Imagem 64| - Ponto de Vista 9.



|Imagem 65| - Ponto de Vista 10.



|Imagem 66| - Ponto de Vista 11.



|Imagem 67| - Ponto de Vista 12.



|Imagem 68| - Elemento Arquitectónico - Friso em gesso



|Imagem 69| - Elemento Arquitectónico - Painel em gesso



|Imagem 70| - Elemento Arquitectónico - Pavimento cerâmico do piso térreo

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 71| - Elemento Arquitectónico - Revestimento cerâmico



|Imagem 72| - Abertura de um vão no piso térreo



|Imagem 73| - Elemento Arquitectónico - Pormenor da Entrada



|Imagem 74| - Vista aérea e identificação da localização da Fábrica do Engenho Novo no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

A Fábrica

Quanto à fábrica, esta apresenta uma forma em planta mais complexa, parecendo composta por três volumes, que se ligam entre si, e rodeiam um pátio pentagonal. Por se desconhecer a existência de plantas da mesma e qualquer vestígio de outras construções, quer escritos, quer físicos, não se poderá afirmar que esta seria do modo descrito. No entanto, com a informação acessível, como visitas ao local, relatos, registos escritos e fotográficos recentes, é possível fazer uma breve descrição da mesma.

À semelhança de outros Engenhos na região, esta é caracterizada sobretudo pelos seus grandes vãos ritmados, situados principalmente na antiga zona de secagem do papel. Estes compartimentos necessitavam da luz solar e, sobretudo, da circulação do ar de modo a retirar toda a água em excesso do composto que formaria o almaço.

Para além das aberturas rectangulares, observam-se algumas encimadas por arcos de volta perfeita, nomeadamente entradas e trechos da base do edifício. Quanto à sua materialidade, assim como a casa, a fábrica é sobretudo composta por uma argamassa argilosa, em tons castanhos, composta por fragmentos de pedra. Contudo, as suas vigas são em betão, bem como as molduras, no mesmo material ou em pedra granítica.

É também possível observar os tanques e depósitos de água, em betão, que anteriormente fariam parte de toda a maquinaria necessária para a produção de papel. Esses mesmos dispositivos, semelhantes aos que se encontram na antiga fábrica do Engenho Novo, encontram-se em exposição no Museu do Papel, na antiga Fábrica Custódio Pais e antiga Fábrica dos Azevedos, em Paços de Brandão.

Actualmente, a vegetação, com a sua organicissidade e fluídez, envolve-se com o edifício, rígido e geométrico. A fragilidade da ruína, fruto da acção do tempo, contrasta com a vivacidade dos elementos naturais, resultando num conjunto pitoresco, que suscita a sua contemplação.



|Imagem 75| - Vista aérea da Fábrica da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 a 6).



|Imagem 76| - Ponto de Vista 1.



|Imagem 77| - Ponto de Vista 2.



|Imagem 78| - Ponto de Vista 3.



|Imagem 79| - Ponto de Vista 4.



|Imagem 80| - Ponto de Vista 5.



|Imagem 81| - Ponto de Vista 6.



|Imagem 82| - Vista aérea da Fábrica da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 a 6).

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 83| - Ponto de Vista 7.



|Imagem 84| - Ponto de Vista 8.



|Imagem 85| - Ponto de Vista 9.



|Imagem 86| - Ponto de Vista 10.



|Imagem 87| - Ponto de Vista 11.



|Imagem 88| - Ponto de Vista 12.



|Imagem 89| - Elemento Arquitectónico - Dispositivo de água



|Imagem 90| - Elemento Arquitectónico - Dispositivo de água



|Imagem 91| - Elemento Arquitectónico - Fragmento de uma fonte

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 92| - Elemento Arquitectónico - Dispositivo de água



|Imagem 93| - Elemento Arquitectónico - Nicho com fonte



|Imagem 94| - Vista aérea e identificação da localização do Campo de Ténis no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

Legenda:

1 Clube de Ténis

2 Sanitários

3 Sanitários e Arrumos/Manutenção

O Clube de Ténis outros Edifícios

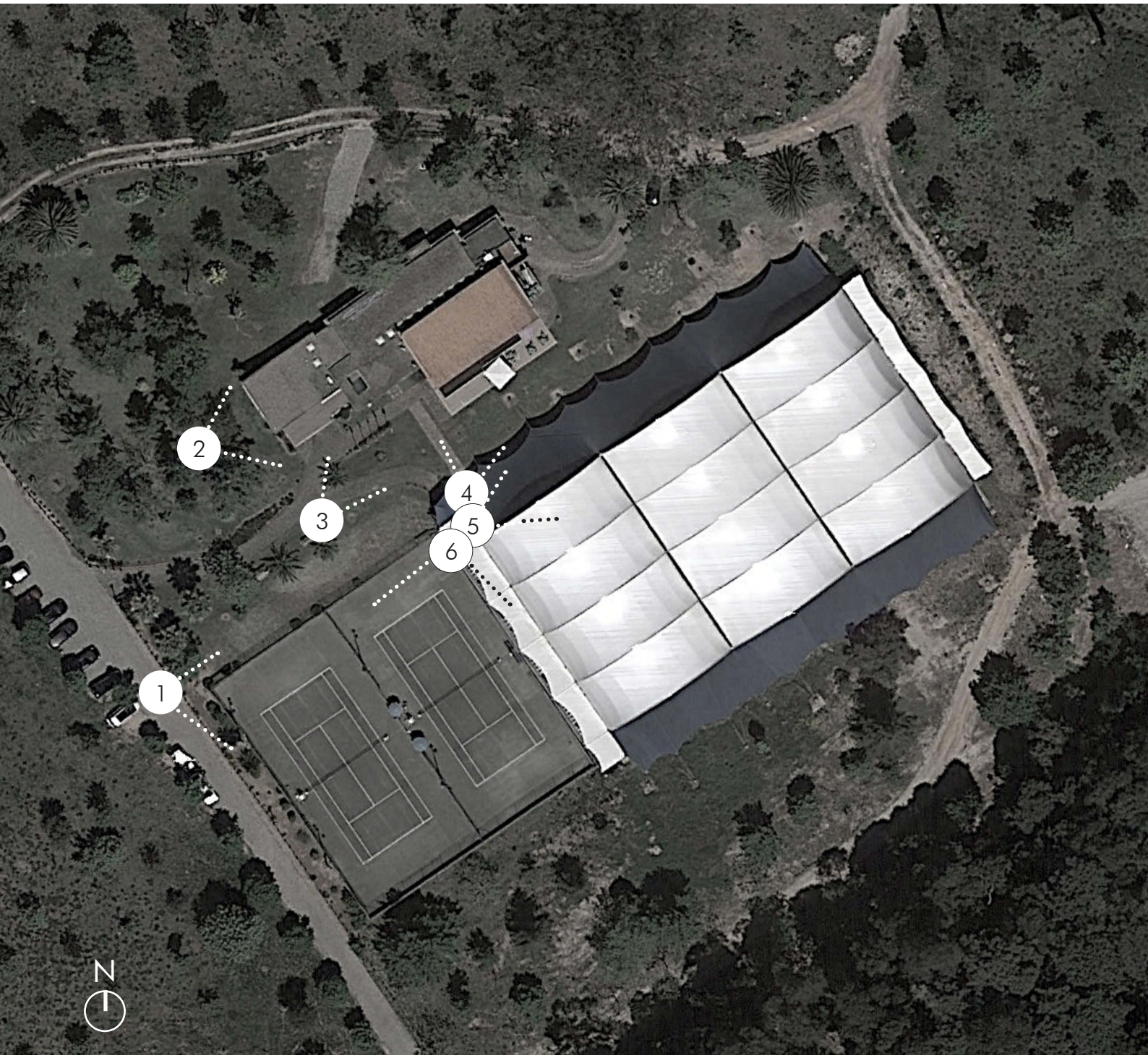
Fundado a 1 de julho de 1986, o Clube de Ténis de Paços de Brandão está sediado no interior do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, próximo limite Sul/Nascente do terreno. As suas actuais instalações estão construídas há cerca de 25 anos, tendo sofrido sucessivas alterações e melhoramentos com o decorrer do tempo.

O Clube é constituído por um edifício principal, caracterizado pela sua fachada revestida com ladrilhos cerâmicos em tons laranja e pastel que contrastam com apontamentos rebocados a branco, como as molduras das portas e das janelas, e a demarcação de entradas. Nas suas instalações existe um restaurante, com esplanada virada para os campos de ténis, que permite usufruir do sol e do jardim em seu redor, este último bem cuidado, com relvado verde aparado e uma diversidade de espécies vegetais devidamente estimadas. O clube é ainda composto por cinco campos de ténis, três deles cobertos, sendo o maior complexo de ténis do Concelho de Santa Maria da Feira.

Outros Edifícios

Existem ainda dois edifícios no Parque Municipal, ambos Sanitários (actualmente encerrados), sendo que um deles possui um espaço destinado a arrumos/manutenção.

Ambos são caracterizados pelas fachadas em pedra, portas vermelhas, telhados com uma água, com a pendente direccionada para a entrada dos sanitários. Encontram-se abaixo da cota do solo naqueles lugares, sendo o seu acesso permitido através de escadas, dificultando a utilização por pessoas com condições de mobilidade reduzida.



|Imagem 95| - Vista aérea da Fábrica da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 a 6).



|Imagem 96| - Ponto de Vista 1.



|Imagem 97| - Ponto de Vista 2.



|Imagem 98| - Ponto de Vista 3.



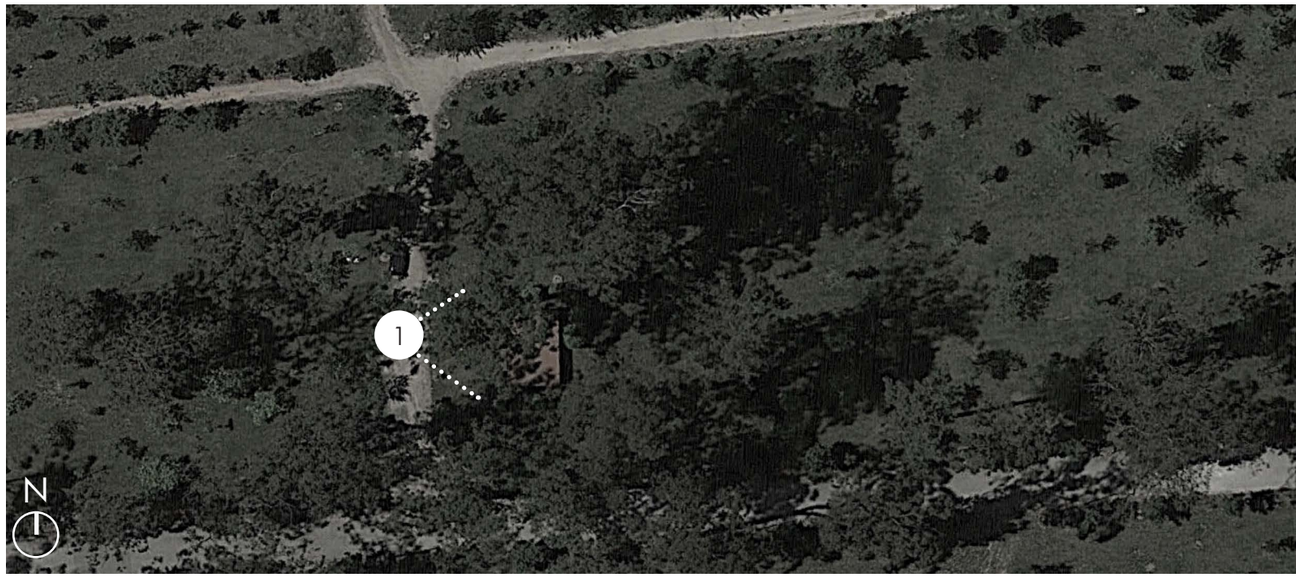
|Imagem 99| - Ponto de Vista 4.



|Imagem 100| - Ponto de Vista 5.



|Imagem 101|- Ponto de Vista 6.





|Imagem 102| e |Imagem 103| - Vista aérea dos Sanitários Nascente (em cima) [Google Earth, captação 06/2018], Vista aérea dos Sanitários Poente (em baixo)[Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 e 2).

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 104| - Ponto de Vista 1.



|Imagem 105| - Ponto de Vista 2.

3. O Projecto de um Parque:

A pesquisa, a reflexão, o estudo e a acção



|Imagem 106| - Esquisso de projecto para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo

3.1. Prelúdio



|Imagem 107| - Caminho em calçada portuguesa junto à ruína, direcção Norte/Sul.

Nenhum livro pode ser terminado. Enquanto se trabalha nele, aprendemos o suficiente para o acharmos imaturo no momento em que o abandonamos.[34]

O desenvolvimento da presente dissertação é a consequência de uma procura entre o que já existe, em termos escritos e/ou projectados por outros, o conhecimento empírico do lugar, a interpretação, e o que a partir destes, resulta a acção de projecto. Deste modo, não faria sentido isolar um capítulo de "teorias" e/ou "referências" que o antecedesse, quando na verdade a "procura", a "interpretação", a "reflexão" e o "fazer" estão em constante ligação e relação. Assim, os vários temas de projecto, as teorias de arquitectura, as influências e os demais contributos que possibilitaram o desenvolvimento do trabalho serão evocados e relacionados conforme a sua pertinência, sendo o resultado desta simbiose entre as acções de ler/captar/interpretar e as de projecto - fazer/experimentar/agir, o verdadeiro motor da dissertação.

Para tal, o presente capítulo será dividido por partes, de modo a permitir a sua fácil leitura e compreensão, mas ao mesmo tempo possibilitar o acompanhamento do percurso e desenvolvimento do projecto. É a tentativa de expor o que os sentidos captam, o que a mente pensa e o que a mão produz.

Quanto ao exercício de projecto, este é o principal motivador prático que, na sequência dos problemas e questões que dele surgem, permite reflectir alguns temas de arquitectura. Neste caso, a requalificação do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo é o lugar que se pretende tomar como exercício de projecto. Este não tem como objectivo constituir um fim, isto é, não se pretende que o projecto seja o resultado da dissertação. Tenciona-se, sim, que o projecto seja o impulsor de questões, que possibilitem a reflexão e o estudo acerca da Arquitectura. Também não se pretende que o projecto tenha um fim, ou uma solução, porque tal seria contraditório e redutor ao que é a prática da Arquitectura – em permanente convivência com o tempo e com a vida, sujeita ao contexto e à circunstância que, por sua vez, são passíveis de transformações.

A proposta desenvolvida aproxima-se mais de um plano de intenções do que um plano de execução. Não se pretende uma exposição exaustiva e, nesse sentido, apesar de se considerarem elementos fundamentais para a linguagem do conjunto, alguns dos mesmos serão apresentados de forma sumária, como por exemplo o desenho de certos pormenores construtivos ou do mobiliário urbano.

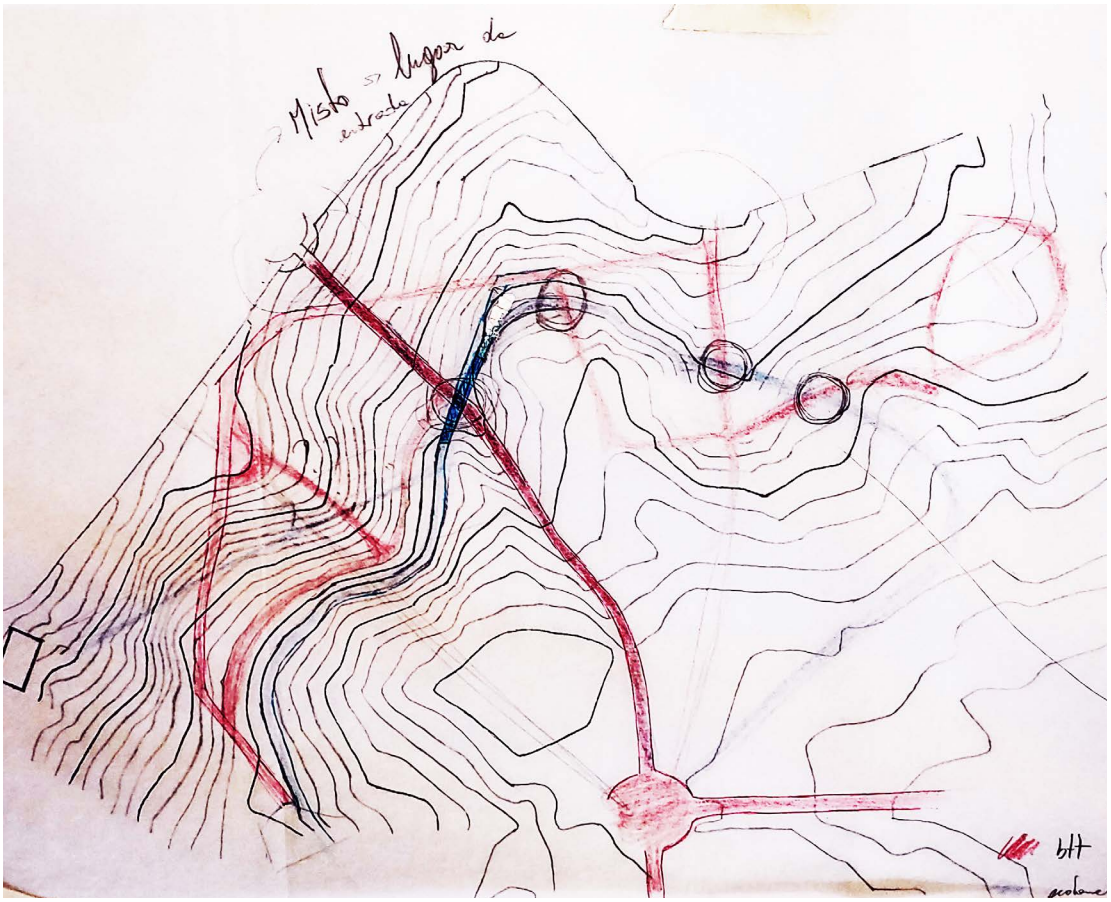
34. "No book can ever be finished. While working on it we learn just enough to find it immature the moment we turn away from it" (tradução livre) em POPPER, Karl. - *The Open Society and Its Enemies: The spell of Plato* (tradução livre)



|Imagem 108| - Caminho em calçada portuguesa junto à ruína, direcção Sul/Norte.

A escolha deste espaço público enquanto exercício projectual deve-se a algumas características e circunstâncias do mesmo, tais como: 1. O terreno delimitado como área de estudo e intervenção ser rico ecologicamente, relacionando-se com o território circundante, quer ao nível da fauna e flora, quer pela presença da água; 2. A presença de edifícios com valor patrimonial e histórico reconhecido, em estado devoluto; 3. Posição estratégica, de fácil acesso sobretudo automóvel, destacando a presença de uma auto-estrada nas proximidades e da ferrovia da linha do Vouga; 4. Lugar de restauração e escola de ténis a sul, localizada no interior do Parque; 5. Percursos construídos e topografia que motiva a prática de desportos, quer de corrida, quer cicláveis.

O interesse pelo lugar surgiu durante as inúmeras e breves passagens de carro, aproveitando o trajecto para contemplar as ruínas. Nos limites do concelho de Santa Maria da Feira e próximo ao concelho de Ovar, a Quinta integra a paisagem que se pode vislumbrar através do vidro dos veículos, ou mesmo em modos de deslocação suaves, no percurso feito pela rua Pia dos Cavalos/rua Comendador Sá Couto. Histórias de família também suscitaram a curiosidade, alimentando o imaginário de acontecimentos que lá se passaram.



|Imagem 109| - Esquisso de projecto para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

3.2. *O Espaço Público Exterior*

Desenhar um Parque



|Imagem 110| - Percurso no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, próximo do Clube de Ténis.

A língua inglesa diferencia de uma forma clara a distinção entre "inside" ("in"- "dentro" • "side" – lado) e "outside" ("out" – "fora" • "side" lado) e "indoor" ("in" – "dentro" • "door" – porta) e "outdoor" ("out" – "fora" • "door" – "porta"). Existe, portanto, uma clara distinção entre o exterior enquanto espaço "aberto" comummente designado como "ao ar livre", e o espaço exterior enquanto o espaço que está "do lado de fora da porta". A palavra "porta" pressupõe uma certa noção de interioridade e de abrigo.

Segundo Jan Gehl, existem três tipos de actividade ao "ar livre" (exteriores). São estas as "actividades necessárias", as "actividades opcionais" e as "actividades sociais".

São as condições que influenciam a variedade de actividades que podem ser praticadas num espaço público exterior. Um dos factores é o ambiente físico, "um factor que influencia as actividades até um certo grau e de diferentes maneiras"[35].

As "actividades necessárias" são "(…) todas as actividades nas quais os envolvidos são, em maior ou menor grau, obrigados a participar"[36], como por exemplo, ir às compras, deslocar-se ao trabalho ou à escola, e/ou exemplos semelhantes. Enquadram-se nas tarefas diárias e passam-se, essencialmente, num plano físico, motivado sobretudo pelas deslocações.

As "actividades opcionais" são "(…) praticadas se existir uma vontade em fazê-lo e um espaço que o torne possível"[37], como apanhar ar, passar o tempo e apanhar sol. Estas actividades apenas são possíveis se as condições físicas, atmosféricas e do espaço, foram favoráveis.

As "actividades sociais" são "todas as actividades que dependem da presença de outros nos espaços públicos"[38], permitindo ao Homem explorar a sua capacidade enquanto ser social.

Deduz-se, deste modo, que nas áreas exteriores que são de qualidade pobre e que não motivam a sua permanência, apenas ocorram as "actividades necessárias".

No Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, apesar da sua designação ser de "Parque Municipal", apresenta algumas fragilidades no que diz respeito à sua qualidade enquanto espaço público. Os caminhos em terra batida, os edifícios abandonados e a falta de diferenciação e hierarquização dos diferentes espaços revelam uma aparente falta de desenho daquele que deveria ser um espaço público qualificado. A única excepção será a zona do equipamento do Clube de Ténis e o seu entorno, onde se nota algum cuidado.

35. GEHL, Jan - *Life Between Buildings*. p. 9

36. Ibidem, p. 9

37. Ibidem, p. 9

38. Ibidem, p.12



|Imagem 111| - Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, a Norte.

Pretende-se que o Parque Municipal seja um lugar onde se possam explorar as "actividades opcionais" e ainda as "actividades sociais", situação que actualmente não acontece devido à sua área exterior ser de qualidade pobre.

Uma posição face ao crescimento suburbano e ao modernismo levaram a que uma geração de arquitectos e projectistas reflectissem sobre o desenvolvimento urbano. Algo estaria em falta, o que levou a um "renascimento", que incluía o planeamento cuidado dos espaços públicos.

Actualmente, esta reflexão continua e torna-se cada vez mais essencial. O "espaço público" passou a ser o "espaço virtual", resultado de uma sociedade cada vez mais evoluída tecnologicamente e com o "conhecimento" acessível através de um botão. Se antes a crítica vinha no seguimento do desenvolvimento industrial, presentemente essa discussão resulta da evolução digital e tecnológica. Relações sociais são estabelecidas na rede digital, consequência não só do avanço tecnológico, mas da multiplicidade de espaços públicos que não apresentam qualidades físicas que motivem a sua passagem e a sua permanência.

As prioridades mudaram. Actualmente vive-se à velocidade que parece querer acompanhar os sucessivos avanços da era digital. Porém a esperança média de vida do Homem são, aproximadamente (em 2019), 81 anos, e o primeiro computador criado por Georges Stibitz, o Modelo K, já tem 84.Fala-se de qualidade de vida, de saúde pública que, ao contrário da informação, não se acede quando se liga um dispositivo electrónico.

As mudanças começam a surgir. O interesse nas actividades ao ar livre parece aumentar, e surgem projectos que motivam a essa prática. Surgem conceitos novos como o Glamping (glamour + camping – acampamento) e opções de turismo que oferecem oportunidades únicas, como o chamado "turismo rural". Ainda assim, a intervenção com vista a melhorar os espaços públicos das cidades surge, muitas das vezes, pontualmente e não com uma lógica de conjunto. A Arquitectura não se trata de um objecto, mas sim do que se constrói integrado num determinado contexto, numa determinada circunstância.

Melhores qualidades de espaços públicos exteriores, sejam eles praças, largos, ruas, avenidas, parques, jardins ou outros, e o modo como eles se encontram ligados entre si, aumentam exponencialmente o número de peões, permitindo que o "espaço público virtual" seja substituído pelo "espaço público exterior", motivador de relações sociais e favorável à saúde física e mental de cada indivíduo.



|Imagem 112| - *Study for Introspection of Space,* Albert Swinden (1948)

3.3. *Estratégia Territorial e Urbana*



|Imagem 113| - Rio Maior no Museu do Papel.

Como o nome da presente dissertação indica, projectar o Parque da Quinta do Engenho Novo é projectar o "espaço comum", o espaço que é de todos, o espaço público. Nesse sentido, surgem três questões fundamentais que traçam, até certo ponto, o rumo do trabalho. O que é que se quer deste parque? O que é que se quer com este parque? Que tipo de parque estaremos a projectar?

Com estas perguntas não se pretendem respostas estanques, indiscutivelmente correctas, mas sim motivadoras que impulsionem o exercício de projecto. O exercício de projectar em arquitectura, é ter nos problemas a oportunidade de criar. Assim, foi através do reconhecimento do lugar e do seu conjunto de relações, que se começou o processo intuitivo consciente de projectar.

Numa escala afastada, que engloba a Freguesia de Paços de Brandão e entorno próximo, e com o estudo anterior das Casas Senhoriais e Engenhos de Papel [39], foi possível constatar que uma parte dos edifícios estudados partilhavam tipologias arquitectónicas semelhantes e a passagem do ribeiro de Rio Maior por eles, ou com relativa proximidade. Entre esses mesmos edifícios estavam as ruínas inseridas no Parque Municipal em estudo.

Deste modo, surgiu a possibilidade de pensar um sistema de lógica estratégica, através da criação de uma dinâmica suburbana, ancorada no percurso desenhado pelo Rio Maior. Foi desenhado um esquema que ligava alguns pontos de interesse com relativa proximidade: o Museu do Papel, a Casa de Riomaior, a Quinta do Candal (e as ruínas da Antiga Fábrica adjacente), as ruínas da antiga Fábrica do Zabumba e as ruínas da Quinta do Engenho Novo. A este percurso deu-se o nome de "Rota dos Engenhos" pela sua passagem em pontos de interesse da história da indústria papeleira no concelho. Além disso, todo o trajecto é acompanhado pela presença da água e da biodiversidade do Rio Maior, elemento físico aglutinador do conjunto. Os dois pontos mais afastados entre si, o Museu e o Parque Municipal, distam cerca de dois quilómetros em linha recta, medindo planimetricamente.

39. Referido em "2.2.3. Do Apogeu à Ruína: As Casas Senhoriais e as Fábricas de Papel em Paços de Brandão.", página 45 da presente dissertação.



|Imagem 114| - Ruínas da antiga Fábrica do Zabumba.

A continuidade deste ribeiro até à Barrinha de Esmoriz, concelho de Ovar, permitiu ainda pensar no prolongamento da "Rota dos Engenhos" - a "Rota do Rio Maior" - que poderia alargar a lógica do sistema ecológico territorial, estabelecendo uma ligação entre as rotas propostas e os actuais Passadiços de Esmoriz. Nesse sentido, as rotas propostas na presente dissertação poderiam ser parte da rede ecológica ao qual pertencem a Ria de Aveiro e a Barrinha de Esmoriz, abrindo a possibilidade de integração em projectos como a Cicloria[40], o programa Polis Litoral – Ria de Aveiro[41] e a Rede Natura 2000 [42].

Não seria apenas o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo beneficiado com a inclusão num sistema ambiental alargado, mas todo o conjunto, exponenciando as qualidades próprias de cada lugar. A ampliação do sistema ecológico existente através dos novos percursos poderá ser favorável para a preservação de espécies, constituindo uma mais-valia ao nível ambiental.

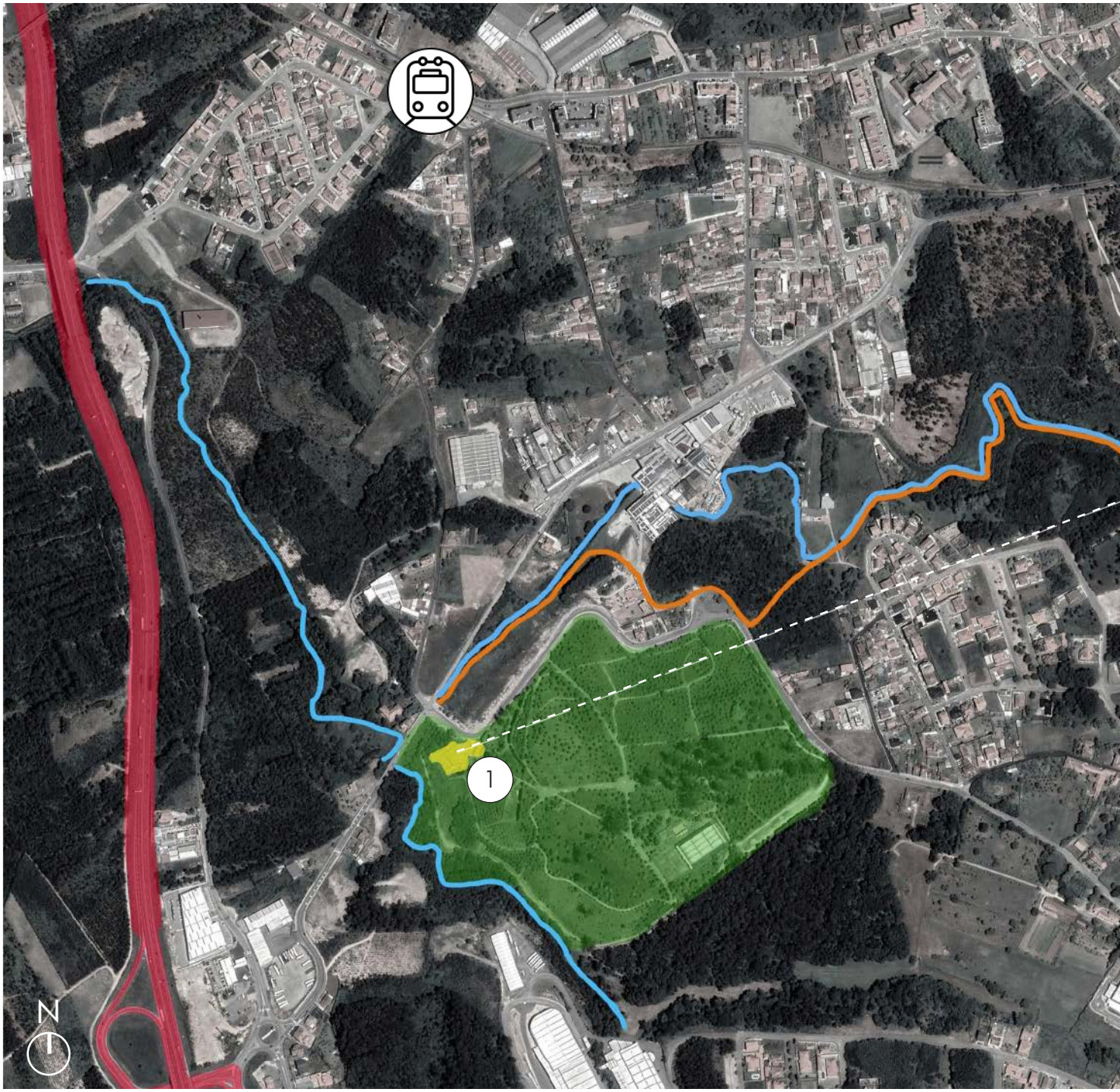
"E da circunstância deverá ele [o arquitecto] contrariar os aspectos negativos e valorizar os aspectos positivos, o que significa, afinal, educar e colaborar."[43]

40. Projecto da responsabilidade dos municípios de Estarreja, Murtosa e Ovar, centrado na mobilidade e no lazer cicláveis, mas também pedonais. O percurso é caracterizado pelo valor paisagístico e ambiental, num contexto de relação e proximidade com a Ria de Aveiro e outros elementos ecológicos de interesse.

41. O programa "Polis Litoral – Ria de Aveiro | Requalificação e valorização da orla costeira" surge no âmbito da protecção ambiental e valorização paisagística, reconhecendo a importância estratégica das zonas costeiras. É determinado um conjunto "de operações de requalificação e valorização de zonas de risco e de áreas naturais degradadas situadas no litoral, em espaços de intervenção prioritária, a que se designa de Programa Polis Litoral - Operações Integradas de Requalificação e Valorização da Orla Costeira." em https://www.polisriadeaveiro.pt/pg01.php (consultado a 20/10/2021)

42. "A Rede Natura 2000 é uma rede ecológica para o espaço comunitário da União Europeia (…) que tem como finalidade assegurar a conservação a longo prazo das espécies e dos habitats mais ameaçados da Europa, contribuindo para parar a perda de biodiversidade. Constitui o principal instrumento para a conservação da natureza na União Europeia." em http://www2.icnf.pt/portal/pn/biodiversidade/rn2000 (consultado a 20/10/2021)

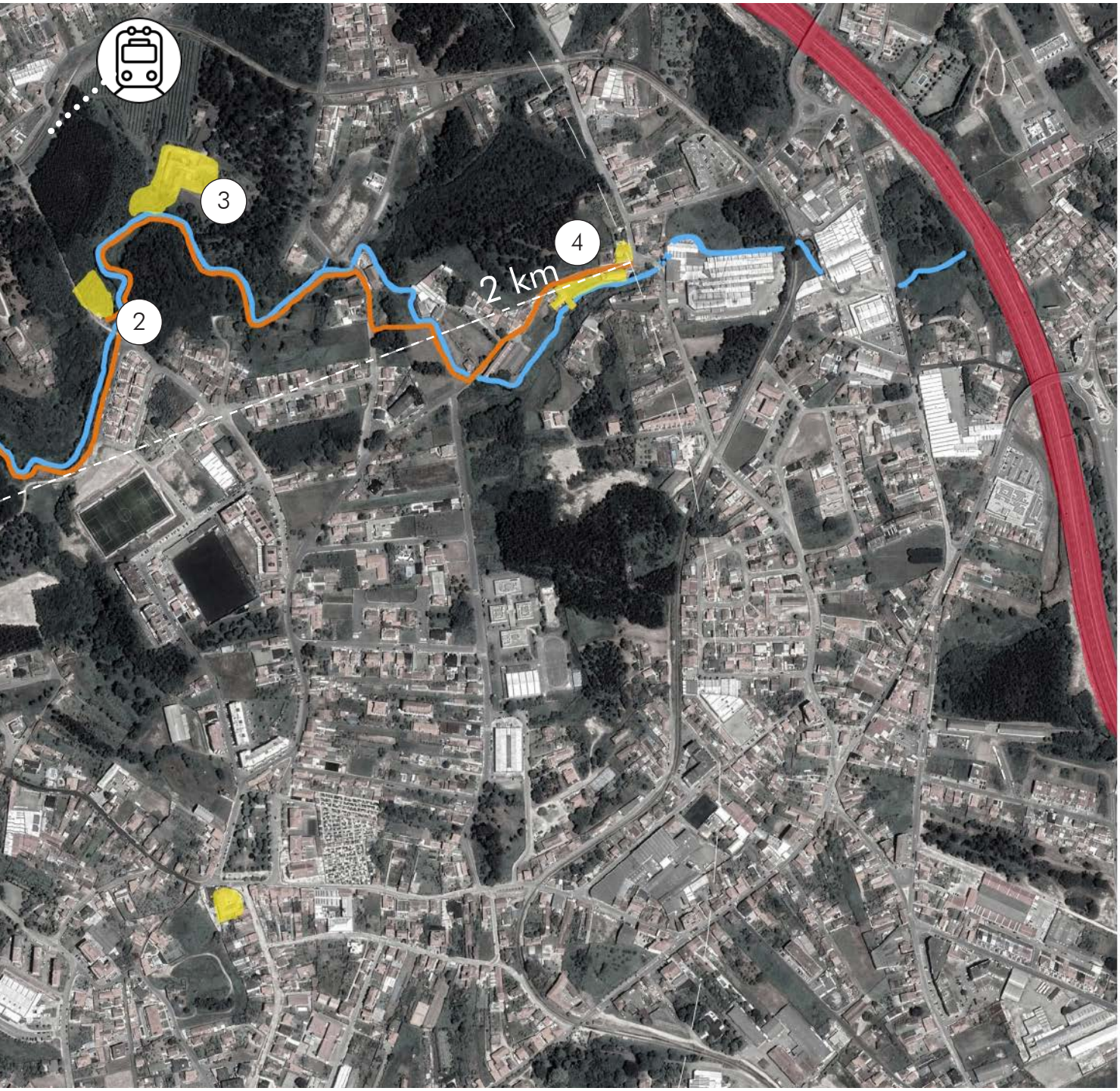
43. Em TÁVORA, Fernando - *Da Organização do Espaço*. p. 74



1 Casa e Antiga Fábrica do Engenho Novo

2 Antiga Fábrica do Zabumba

3 Quinta do Candal e Antiga Fábrica da Cardenha do Candal de Baixo

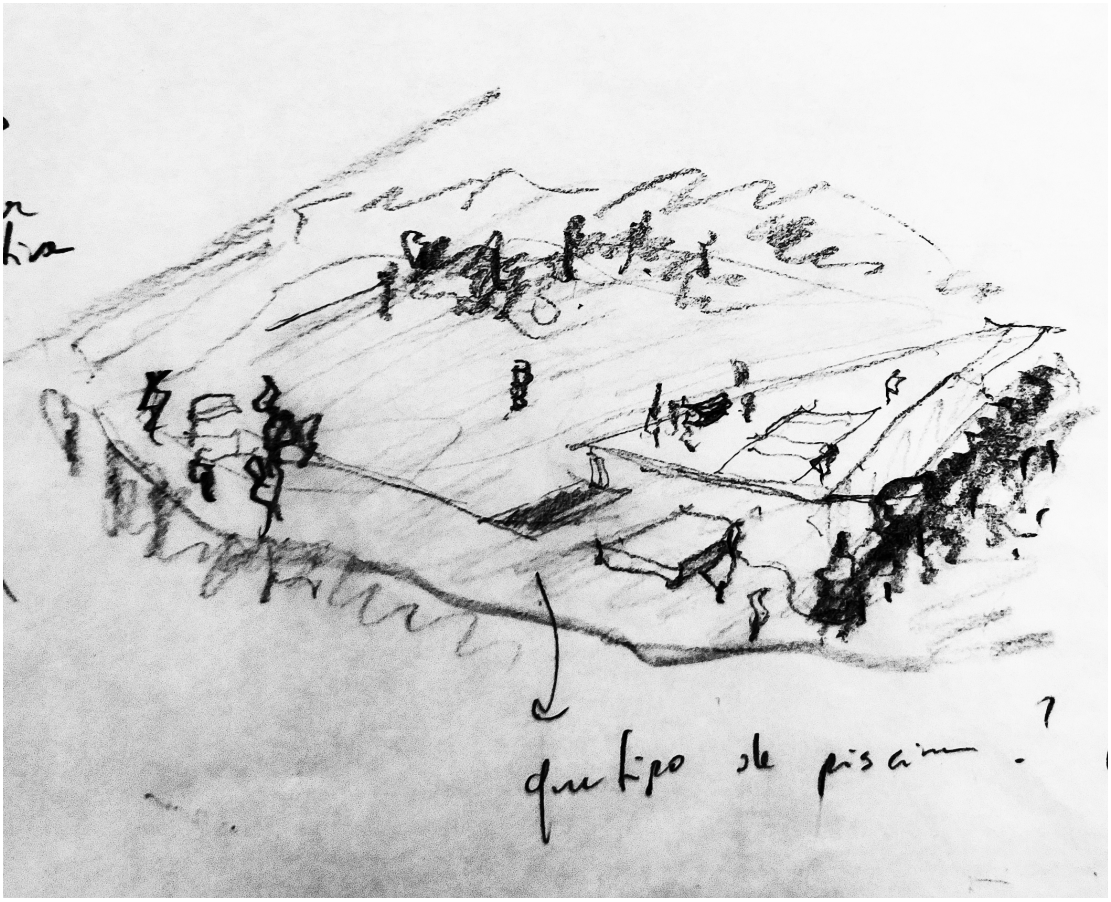


|Imagem 115| - Proposta para a "Rota dos Engenhos".


Barrinha de
Esmoriz
N



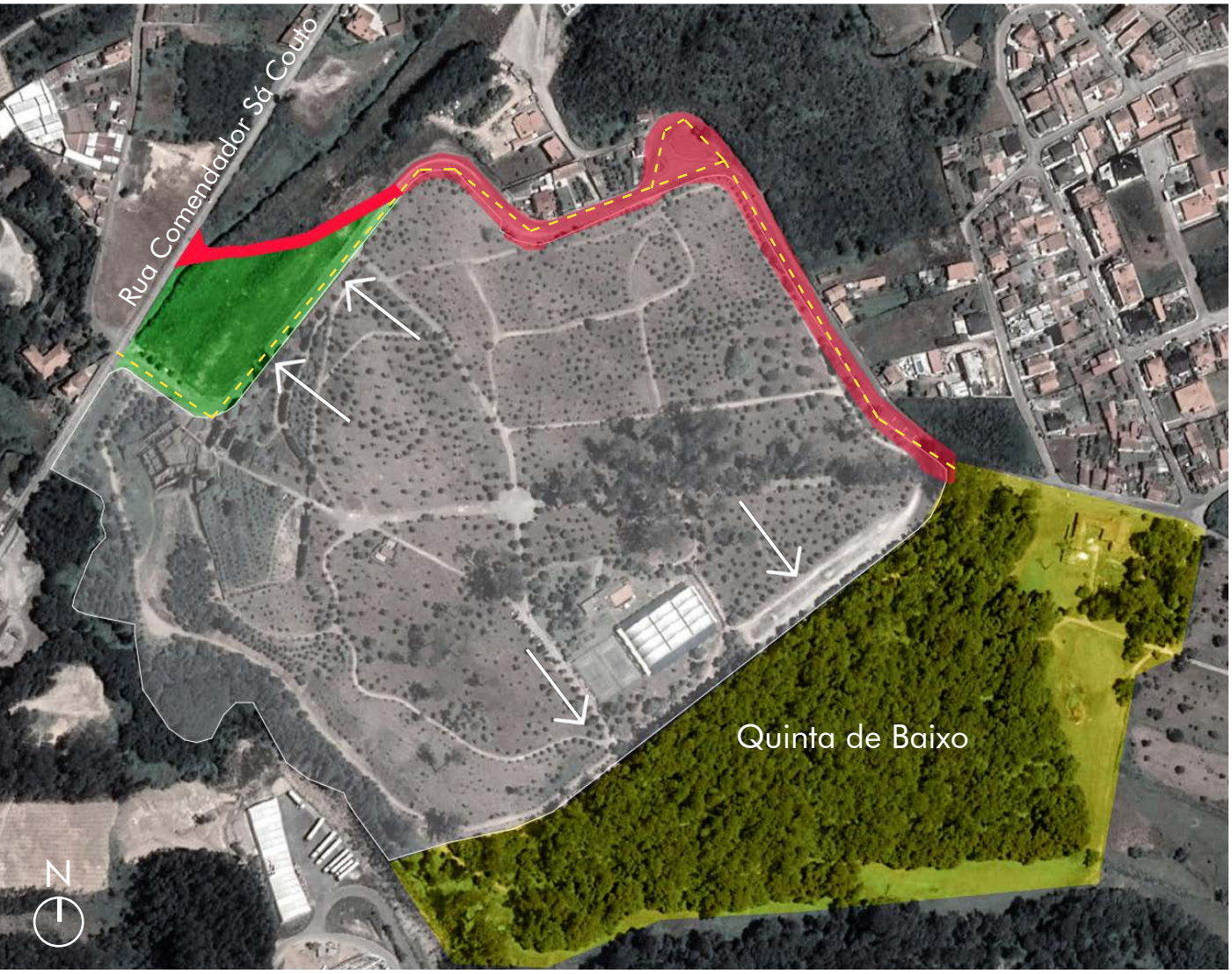
|Imagem 116| - Proposta para a "Rota dos Engenhos" e da "Rota do Rio Maior".



|Imagem 117| - Esquisso de projecto para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.

3.4. *Uma Proposta*

para o Parque Municipal
da Quinta do Engenho Novo



|Imagem 118| - Desenho/Esquema da proposta para a extensão do Parque a Norte e desenho da via alternativa

Legenda:

Extensão do Parque para Norte (proposta)

Extensão do Parque para Sul (proposta do PDM)

Troço da Rua Engenho Novo

Troço da via alternativa proposta

Com o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo inserido num sistema que estabelece relações com território e sendo um dos pontos de interesse nos percursos propostos, é possível pensar numa intenção projectual para o lugar. O Parque seria, dentro da "Rota dos Engenhos", o ponto de partida ou de chegada, tendo no seu extremo oposto o Museu do Papel. Assim, e pertencendo a uma lógica territorial que considera e potencia os valores patrimoniais ecológicos e arquitectónicos, este lugar seria o culminar de uma experiência contemplativa e sensorial.

Foi analisada a documentação escrita relativa ao PDM[44], verificando-se a intenção de prolongar o parque para Sul, considerando o terreno e os edifícios da Quinta de Baixo. No âmbito do exercício de projecto da presente dissertação, tomou-se em consideração essa intenção por parte da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, no entanto, a área sugerida não fará parte da proposta da presente dissertação.

Existe neste projecto, contudo, a intenção de prolongamento do parque para Norte (conforme a |Imagem 118|), de forma a estabelecer a ligação entre o Parque Municipal e a proposta "Rota dos Engenhos". Tal decisão permite uma fluidez na transição entre o espaço interior do parque e o seu exterior, através da continuidade do percurso e do remate dos seus limites.

Presentemente, o topografia ondulante do terreno não é sustentada por um muro de contenção nos limites do parque, mas sim por um pequeno murete com um metro de altura, insuficiente para travar um eventual deslizamento de terras e para conter as raízes de algumas espécies arbóreas, vertiginosamente apoiadas nos montes moldados pela morfologia do terreno. Ao estender o parque para Norte, é possível moldar o terreno de forma a que a relação entre as suas cotas inferiores seja menos íngreme.

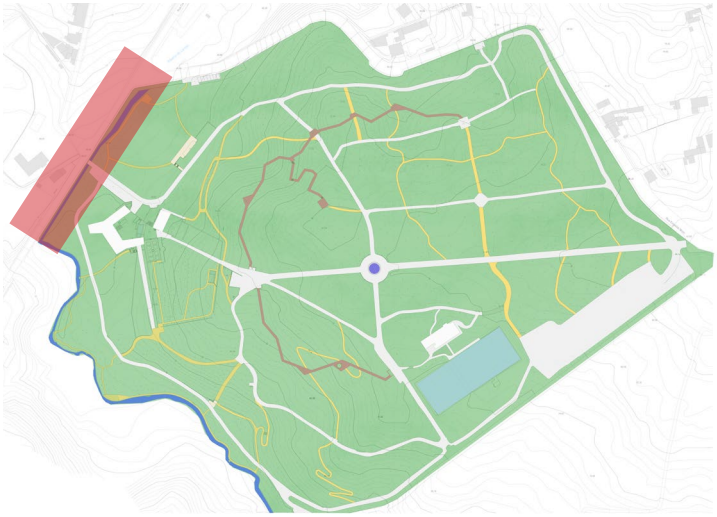
Esta proposta possibilita, ainda, um desenho de uma entrada junto às ruínas, dirigindo o trânsito automóvel para uma outra via. Actualmente, todo o trânsito para uma das zonas industriais de Santa Maria da Feira passa pela rua Engenho Novo – uma via com um desenho ziguezagueante e de largura estreita. Para além de ser de difícil acesso a veículos pesados, encontra-se próxima da ruína, contribuindo para a sua degradação e interferindo numa vivência que deveria ser contemplativa. Sugere-se que parte da rua Engenho Novo pertença ao interior do parque em conjunto com o terreno sugerido, a Norte. Consequentemente, propõe-se o desenho de uma nova via que, mais a Nascente da rua Comendador Sá Couto, faça a ligação para o troço mais a sul da rua Engenho Novo, como indicado na |Imagem 118|.

---

44. PDM – Plano Director Municipal.
"1 — A UOPG 3 — Quinta de Baixo e Zona Envolvente tem como objetivos estratégicos:
a) Criação de um Parque Verde envolvente à Quinta de Baixo, interligando -o e associando-o à Quinta do Engenho Novo; / b) Promoção da expansão da Quinta do Engenho Novo como Espaço Verde de Recreio e Lazer, reforçando as áreas destinadas à localização de equipamentos públicos." Em *Plano Director Municipal de Santa Maria da Feira*, publicado em *Diário da República*, 2.ª série — N.º 109 — 5 de junho de 2015.



|Imagem 119| - Planta do Projecto do Parque, 1:2000



|Imagem 120| - Localização da Proposta do desenho do Rio Maior Norte/Poente

Com o prolongamento e integração da área proposta no conjunto do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, foi igualmente possível reabilitar o curso de água do Rio Maior, a Norte/Nascente.

Sendo uma zona inundável e ameaçada pelas cheias, como referido na documentação do PDM - "Ordenamento - Classificação do Solo"[45] propôs-se que esta linha de água fosse murada[46], de modo a conter eventuais alagamentos. Esta solução permite a definição do ribeiro e, simultaneamente, a continuidade do percurso da "Rota dos Engenhos".

45. Ver anexo II, p. 208.

46. Corte da solução apresentada adiante no documento, p. 134.



|Imagem 121| - Entrada Norte do Parque Municipal Quinta da Conceição, vista Sul.

Também se visitaram alguns parques e jardins, como a Quinta da Conceição, em Leça da Palmeira, projectada pelo arquitecto Fernando Távora, o Parque Biológico de Gaia, o Parque da Lavandeira, em Gaia e o Jardim do Cerco em Mafra.

Tomou-se em atenção o conjunto de cada espaço público, mas também elementos concretos, como as entradas, os caminhos, a relação com o sistema ecológico e a relação com o património.

O Parque Municipal Quinta da Conceição será, talvez, o que mais se aproxima ao Parque da Quinta do Engenho Novo. O nome já em si o denuncia: *Quinta* da Conceição e *Quinta* do Engenho Novo. Dotada de pré-existências construídas, como as ruínas do antigo claustro do Convento de Nossa Senhora da Conceição, da Ordem de São Francisco, o Arquitecto Fernando Távora projecta um parque que não só valoriza a importância do património arquitectónico como a estrutura ecológica.

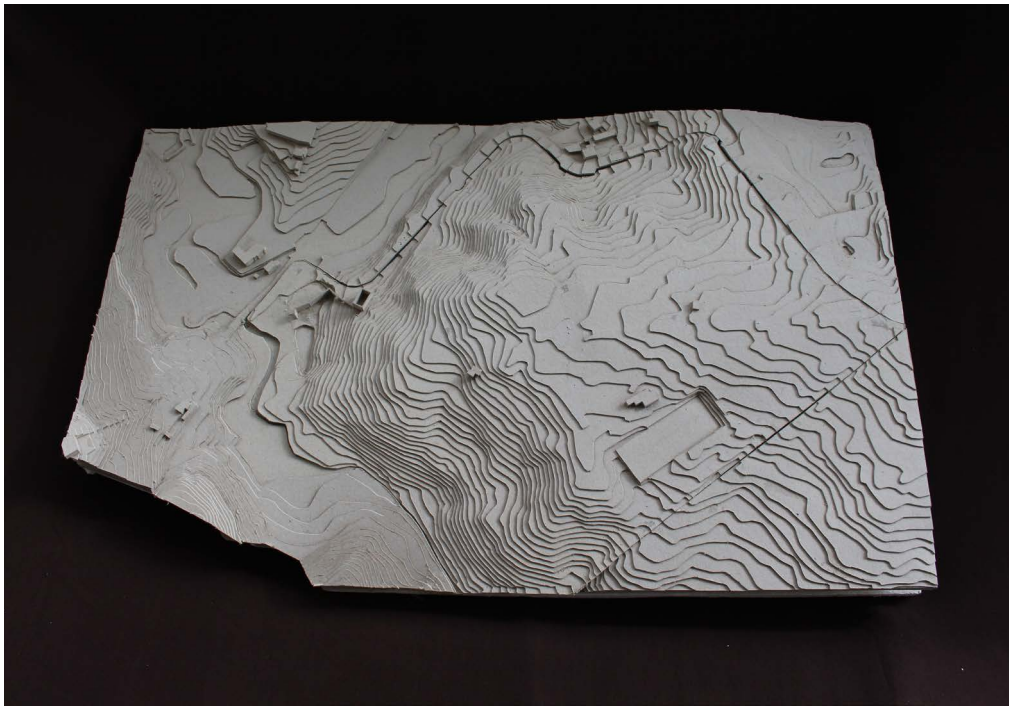
O Parque foi um Convento de frades que se instalaram ali no séc. XV e, depois, uma propriedade particular. Existiam a avenida, a capela, o claustro, os tanques e, portanto, havia já elementos que garantiam uma estrutura a manter. (…).[47]

Também no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo existem elementos que garantem uma estrutura a manter: as ruínas da Antiga Fábrica do Engenho Novo e a Casa Senhorial; um eixo que trespassa o terreno de nascente a poente; o ribeiro Rio Maior e as entradas. Outros podiam ser enunciados, porém crê-se que estes sejam os elementos fundamentais que determinaram o desenho do Parque.

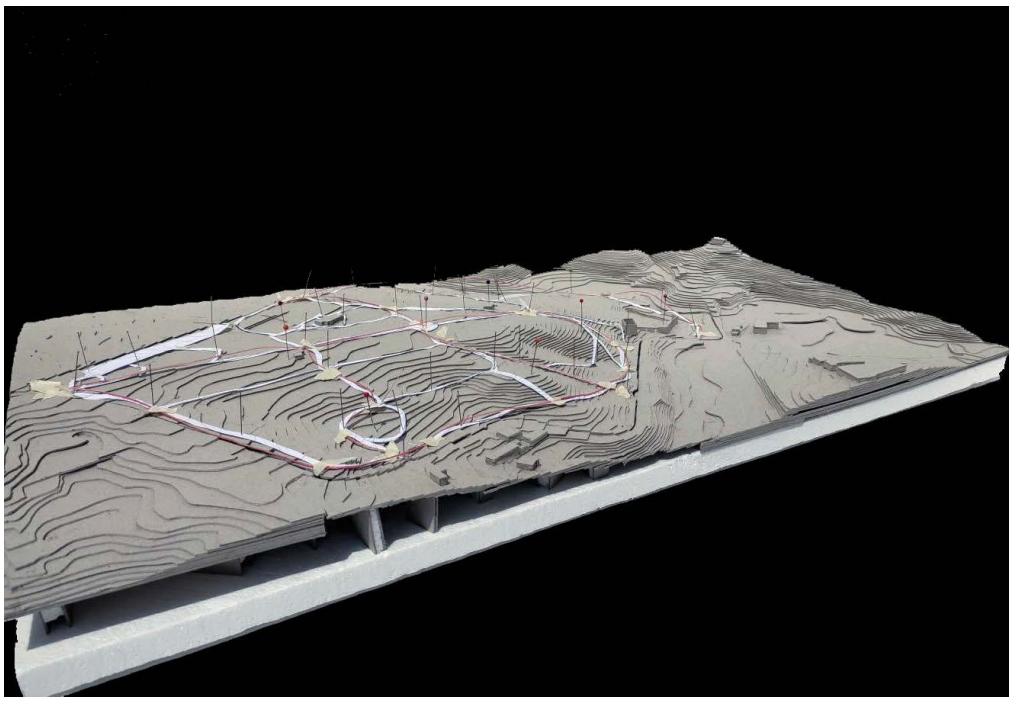
Tornou-se, igualmente, fundamental estudar a morfologia do terreno, ondulante e com diferentes cotas altimétricas, bem como o sistema de percursos existentes no parque à data, e o modo como estes se relacionam com a envolvente e com o projecto de estratégia territorial. Desta maneira, foi elaborada uma maqueta, à escala 1:1000, que permitiu um melhor entendimento da topografia. Os meios digitais de exploração do terreno, como o Google Earth, também foram fundamentais, sobretudo porque permitiram ter uma visão do conjunto inserido numa área mais extensa, impossível com a maqueta devido à sua dimensão limitada.

Foram desenhados os percursos do parque, dividindo-os em dois tipos: - os de uso exclusivo pedonal (ou outros meios de locomoção suave); - os que permitiam a passagem de veículos motorizados no acesso ao parque de estacionamento e em casos excepcionais como o acesso de veículos de emergência, de serviço ou de manutenção do parque. Os primeiros caminhos, em saibro, teriam uma largura com cerca de 1,5 m (variável). Os segundos seriam em calçada portuguesa, de pedra granítica, com uma largura máxima entre os 2 e os 4 metros.

47. TRIGUEIROS, Luiz - Fernando Távora. p. 66



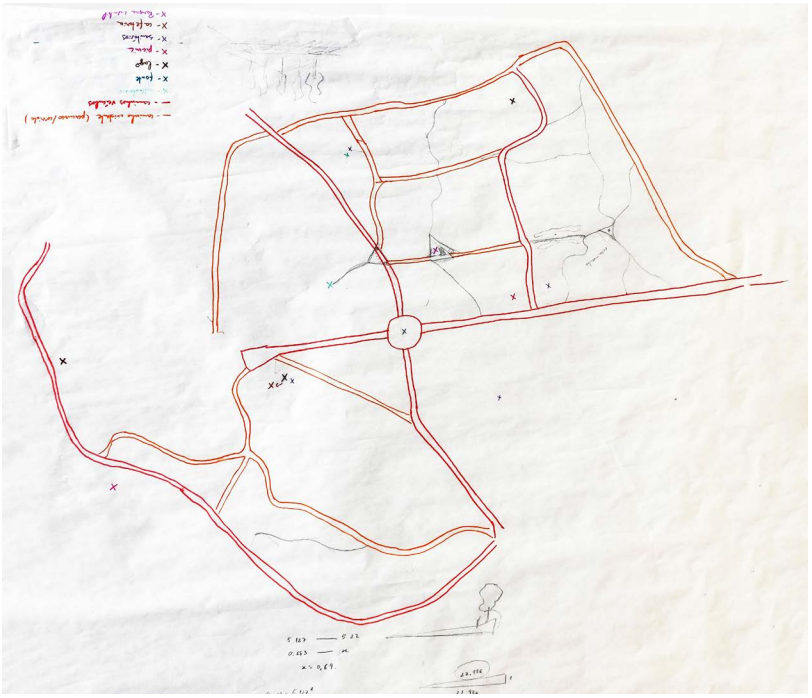
|Imagem 122| - Maqueta à escala 1:1000: vista de cima.



|Imagem 123| - Maqueta à escala 1:1000: estudo do sistema de percursos e do programa.



|Imagem 124| - Percursos do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo. (actual)



|Imagem 125| - Estudo dos caminhos



|Imagem 126| - Proposta de localização das entradas e dos caminhos propostos.

Legenda:

1 Entrada das Ruínas

2 Entrada da "Rota dos Engenhos"

3 Entrada auxiliar

3 Entrada do Clube de Ténis

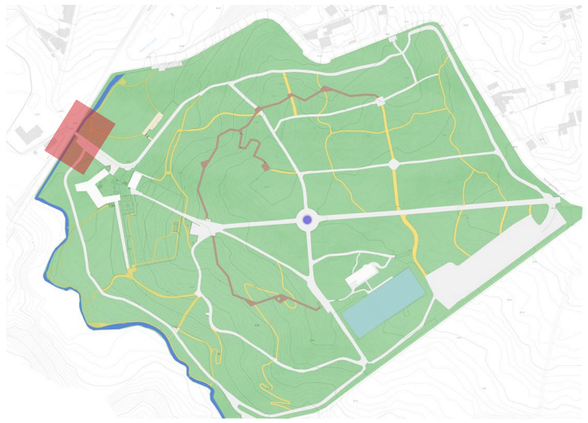
A entrada no parque é um momento particular. É nela que se faz a passagem entre o "estar dentro" e o "estar fora" e que se estabelece a relação interior/exterior.

Ao falar do parque, falamos num espaço exterior ("outdoors") que, ainda assim, pressupõe um momento de entrada que marque a transição entre o seu interior ("inside", ou seja, "lado de dentro") e a via pública. Esta transição deve ser clara e marcar um momento de passagem, permitir a permanência e o repouso, e ter uma capacidade receptiva na visita ao parque.

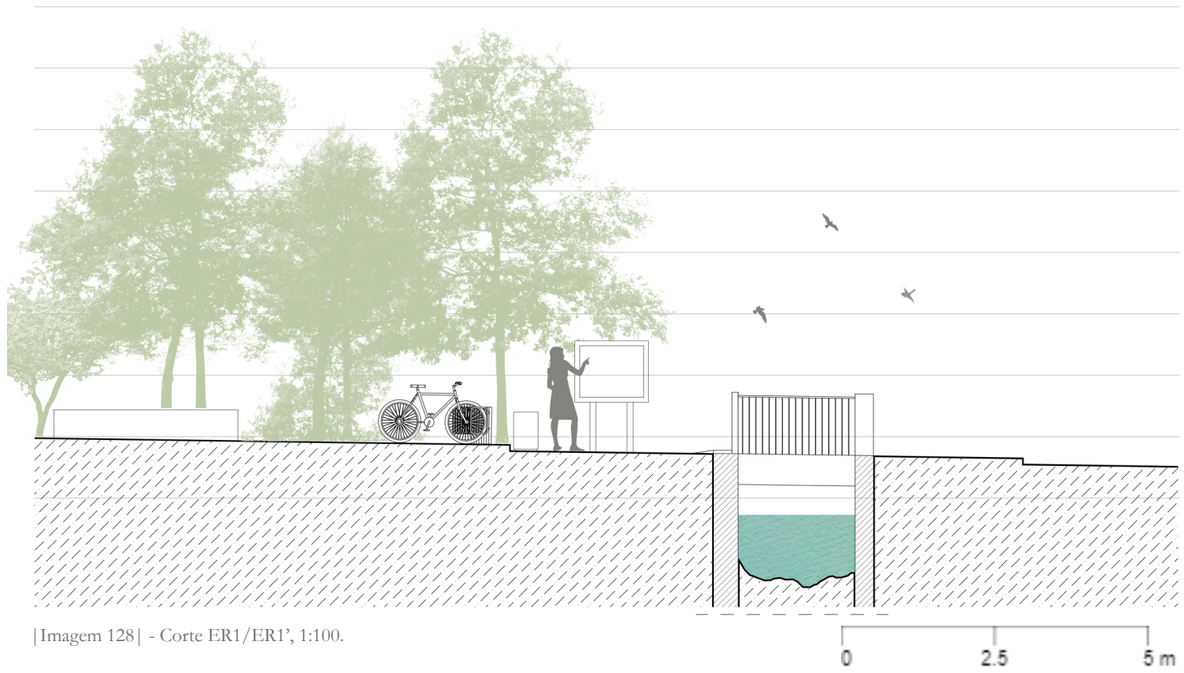
São quatro as entradas propostas: 1 - Entrada das Ruínas; 2 - Entrada da "Rota dos Engenhos"; 3 - Entrada auxiliar; 4. Entrada do Clube de Ténis. [48]

48. A atribuição de nomes às entradas destina-se à eficácia da comunicação do projecto.

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 127| - Localização da "Entrada das Ruínas".

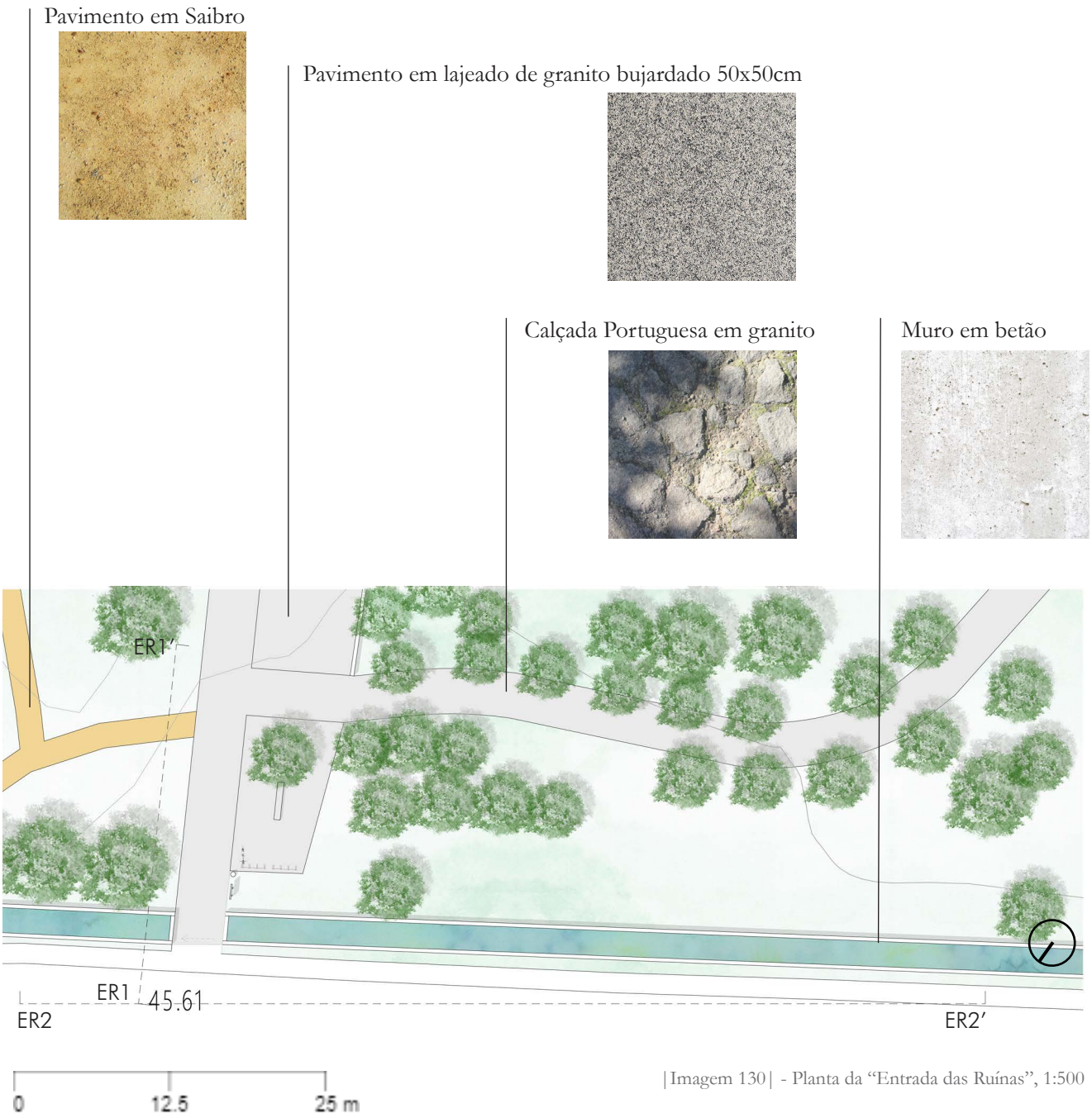


|Imagem 128| - Corte ER1/ER1', 1:100.



|Imagem 129| - Corte ER2/ER2', 1:300.

A "Entrada das ruínas" constitui um dos principais acessos ao parque. De passagem sobretudo pedonal ou outros modos de mobilidade suave, beneficia da sua proximidade ao património arquitectónico e de uma linha de água proposta no projecto. O anterior troço da rua Engenho Novo deu lugar a um caminho em calçada portuguesa de menor largura, permitindo o seu atravessamento.



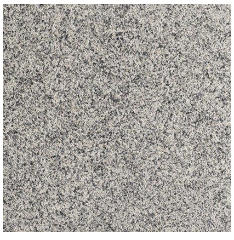
|Imagem 130| - Planta da "Entrada das Ruínas", 1:500



|Imagem 131| - Localização da entrada da "Rota dos Engenhos"

A entrada da "Rota dos Engenhos", como o nome indica, estabelece a continuidade do roteiro proposto com a entrada parque. Situa-se do lado Nascente e segue o desenho do Rio Maior proposto no projecto. Destina-se à passagem pedonal e ciclável, ou outros meios de locomoção semelhantes.

Pavimento em lajeado de granito bujardado 50x50cm



Muro em betão

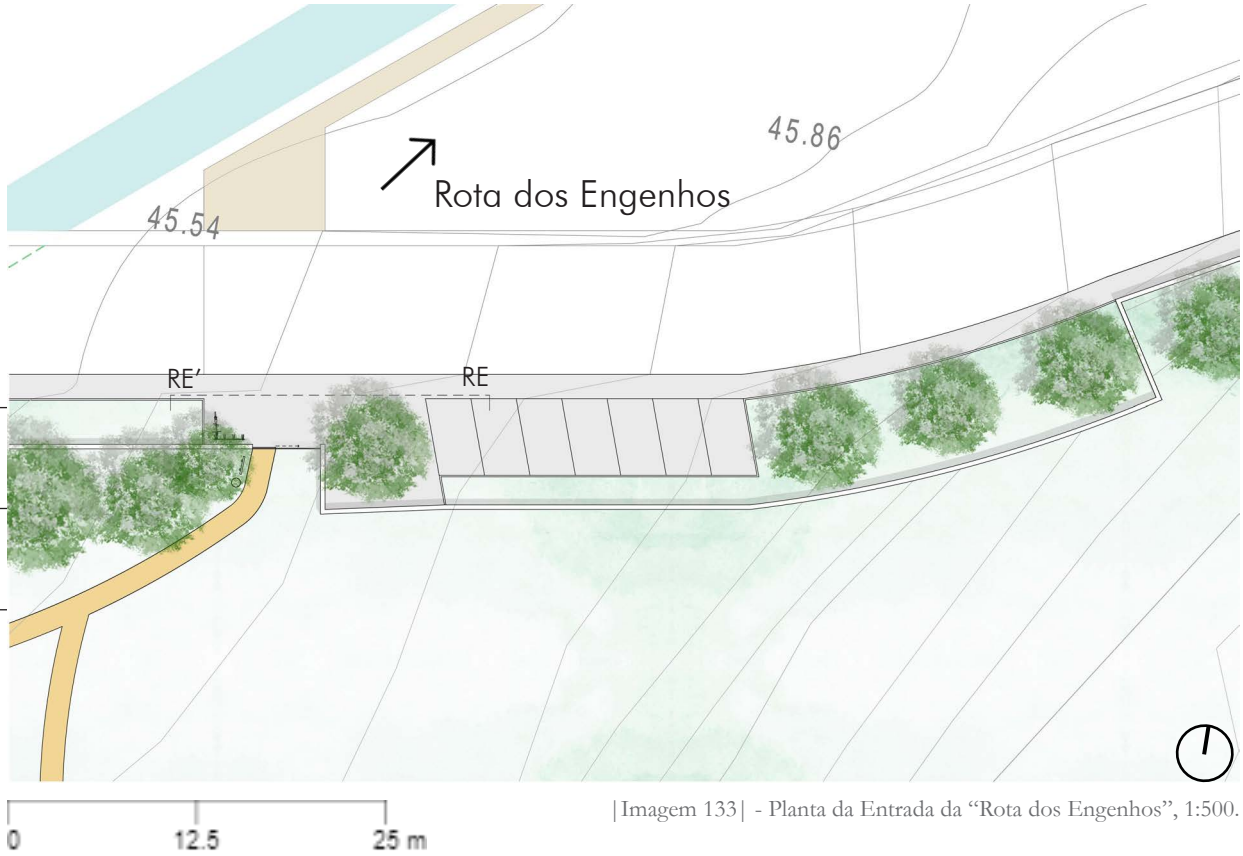


Pavimento em Saibro





|Imagem 132| - Corte RE/RE', 1:100.



|Imagem 133| - Planta da Entrada da "Rota dos Engenhos", 1:500.



|Imagem 134| - Localização da Entrada Auxiliar.

A "Entrada Auxiliar" é um tipo de acesso facultativo, podendo ser utilizado em situações de maior afluência. Este está integrado no "circuito de manutenção" do parque – lógica de percursos que permitem salvaguardar o acesso motorizado em caso de necessidade, permitindo o acesso a veículos de emergência, manutenção e serviços.

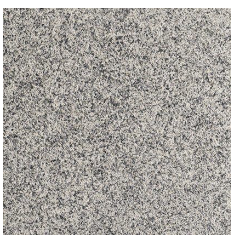
Calçada Portuguesa em granito

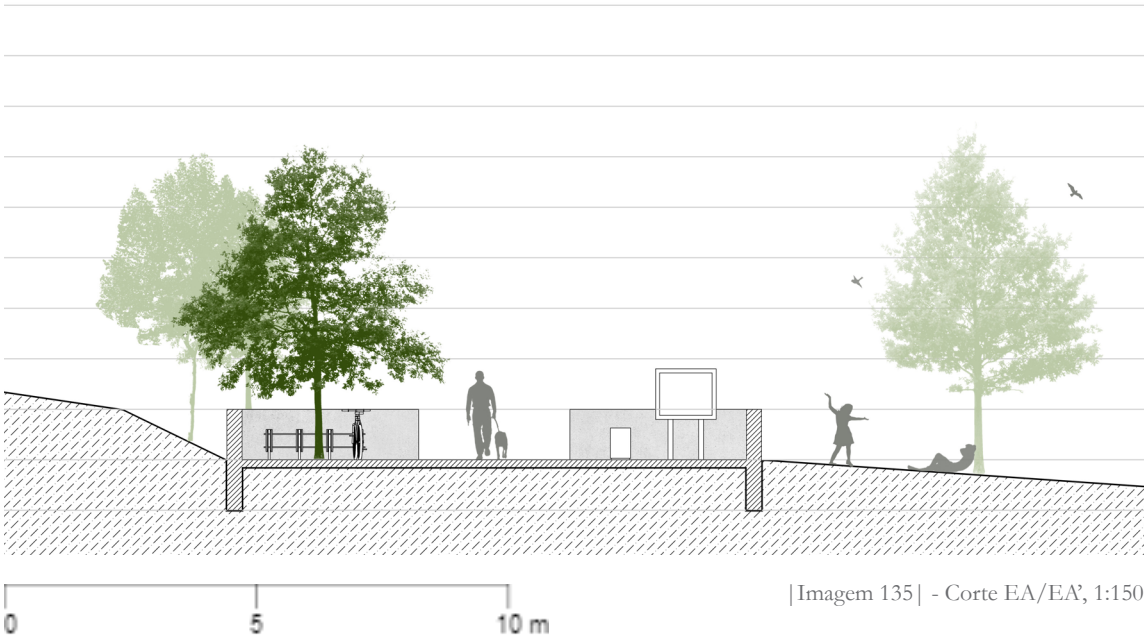


Muro em betão



Pavimento em lajeado de granito bujardado 50x50cm

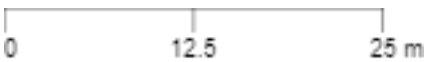


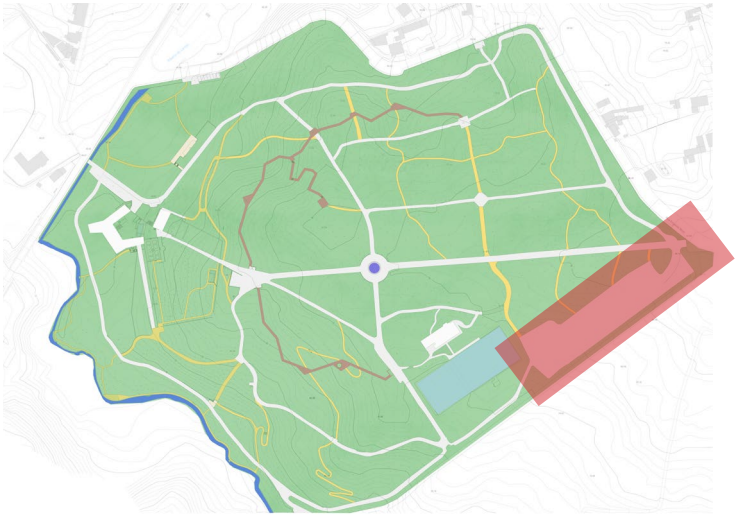


|Imagem 135| - Corte EA/EA', 1:150



|Imagem 136| - Planta da Entrada Auxiliar., 1:500.





|Imagem 137| - Localização do Parque de Estacionamento.

A "Entrada do Clube de Ténis" é uma entrada que já existe actualmente e que dá acesso a um parque de estacionamento, actualmente em terra batida. Propõe-se a reestruturação do parque de estacionamento com o objectivo de permitir a maior eficácia no parqueamento de veículos, aumentando o rendimento dos lugares.

A pavimentação seria em calçada portuguesa em pedra granítica, à semelhança dos caminhos que permitem a passagem de veículos motorizados.

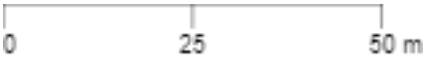
Quando à entrada, crê-se que esta não necessite de uma intervenção substancial.

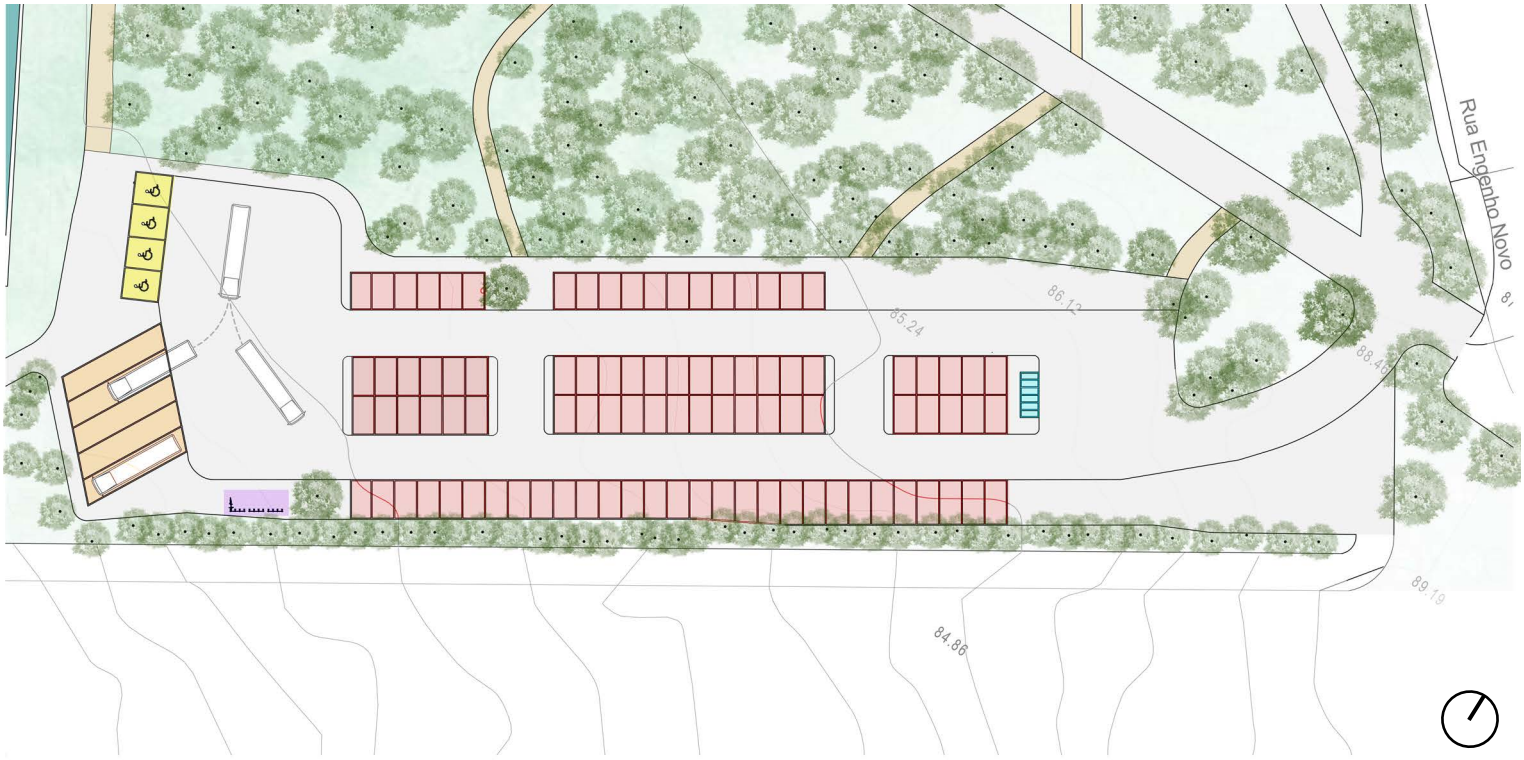
Legenda:

- Lugares Gerais (95 lugares)
- Lugares Mobilidade Reduzida (4 lugares)
- Lugares Bicicleta (12 lugares)
- Lugares Autocarros (5 lugares)
- Lugares Motociclos (6 lugares)

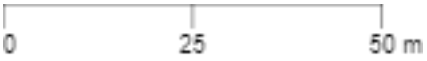


|Imagem 138| - Planta do Parque de Estacionamento, 1:1000





|Imagem 139| - Planta do Parque de Estacionamento - Esquema de organização dos lugares, 1:1000





|Imagem 140| - Localização do Ribeiro Rio Maior, a Poente.

O ribeiro Rio Maior constitui um dos momentos de particular interesse no Parque Municipal. A água que corre e a biodiversidade que o toma como habitat ou lugar de passagem, conferem-lhe uma ambiência distinta, que se torna ainda mais especial quando se aproxima das ruínas.

Deste modo, traçaram-se caminhos que permitissem deambular entre as árvores, na sua maioria carvalhos, num jogo de luz e de sombra projectada pelas suas copas.

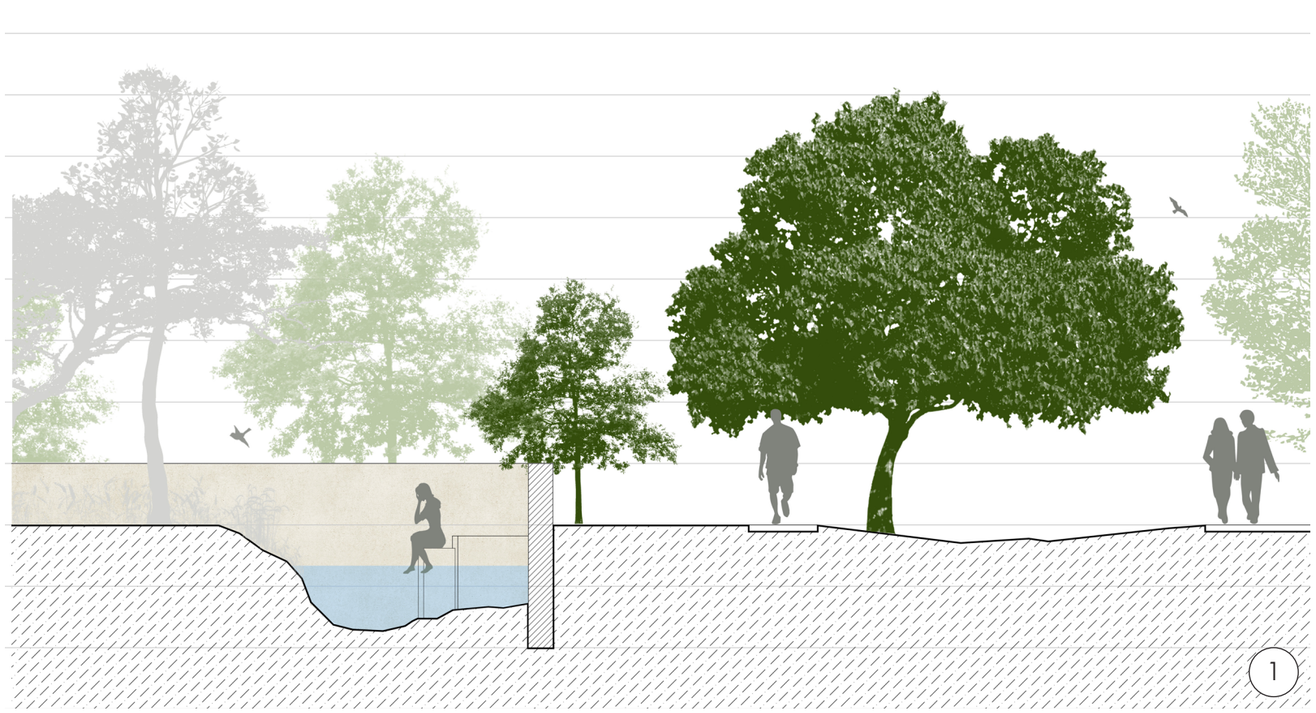
De larguras e profundidades variáveis, a proposta propicia o contacto físico entre o visitante e a água. Através das suas plataformas, que se aproximam à materialidade da antiga fábrica do Engenho Novo, é possível ter um contacto próximo com a água.



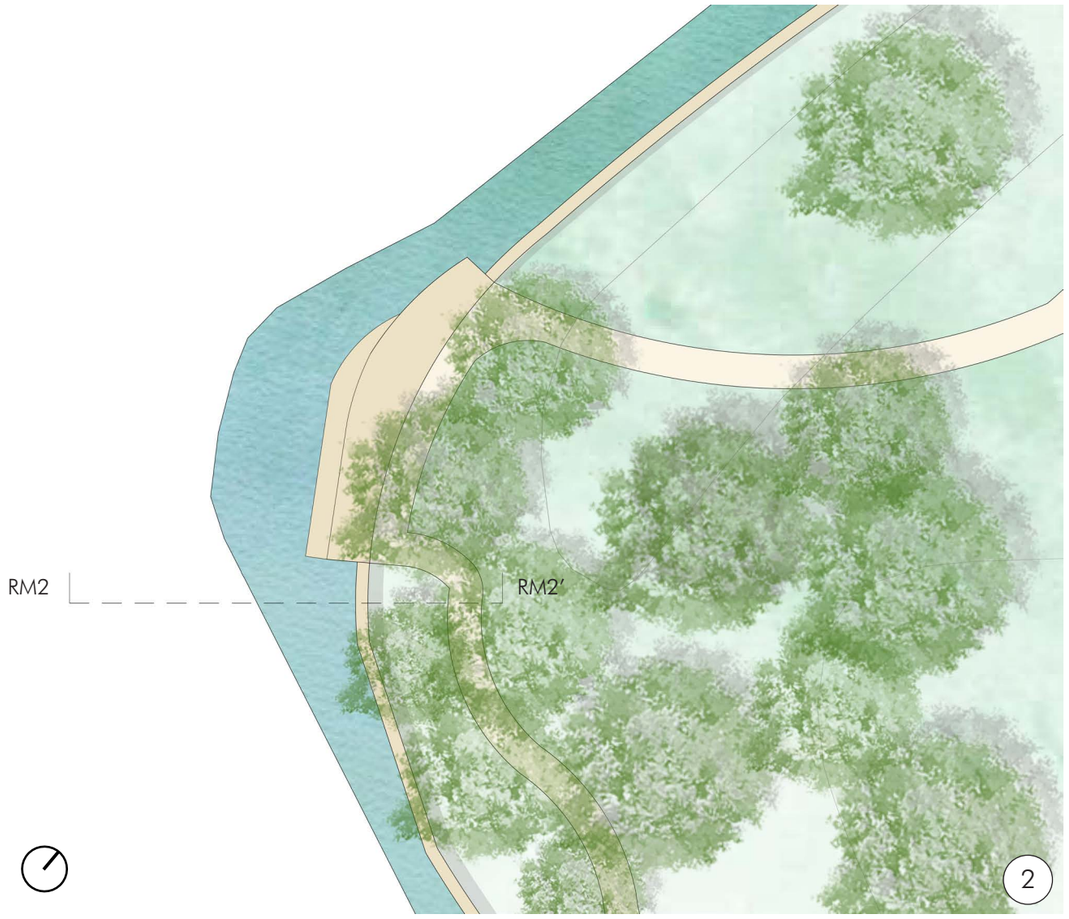
|Imagem 141| - Planta da Proposta para o Rio Maior (Nascente), 1:1000



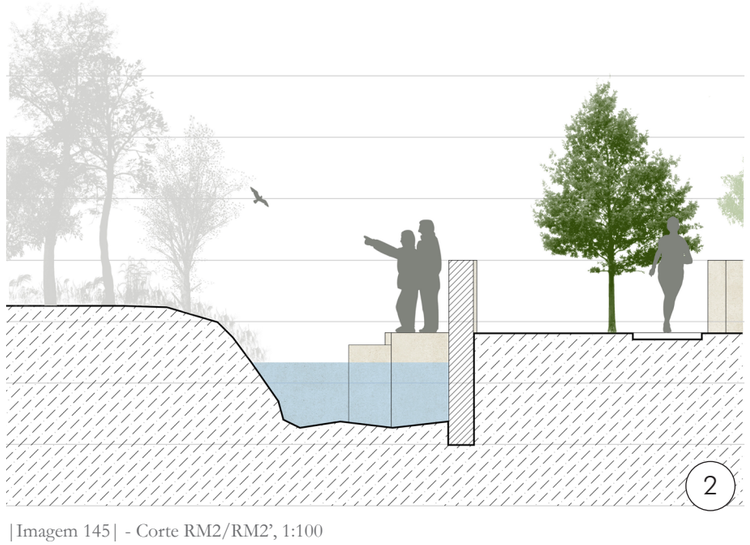
|Imagem 142| - Planta da Proposta 1 para o Rio Maior, 1:200



|Imagem 143| - Corte RM1/RM1', 1:100

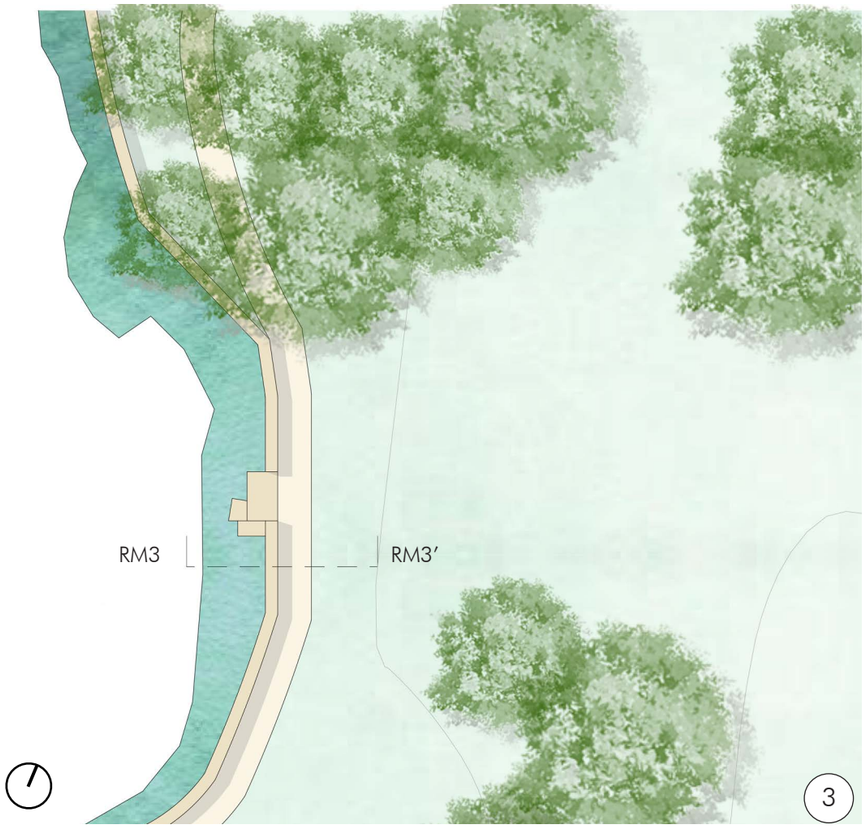


|Imagem 144| - Planta da Proposta 1 para o Rio Maior, 1:200

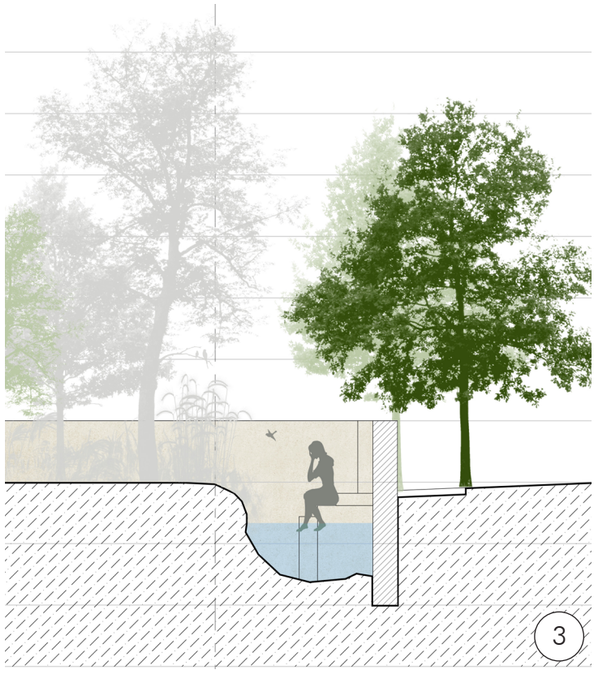


|Imagem 145| - Corte RM2/RM2', 1:100

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 146| - Planta da Proposta 3 para o Rio Maior, 1:200

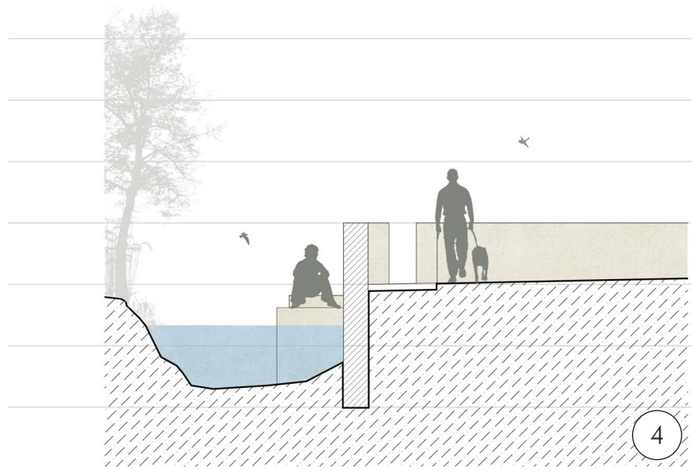


|Imagem 147| - Corte RM3/RM3', 1:100



|Imagem 148| - Planta da Proposta 4 para o Rio Maior, 1:200

0 5 10 m



|Imagem 149| - Corte RM4/RM4', 1:100

0 2.5 5 m



|Imagem 150| - Localização dos Sanitários 1 e Plataforma.

Com a carência de acessos a pessoas com mobilidade reduzida aos actuais sanitários presentes no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, e pela falta de uso (talvez devido à sua degradação), tornou-se fundamental integrar novos no projecto. Deste modo, foram desenhados dois sanitários: um na área de ampliação proposta a Norte; outro no principal eixo Nascente/Poente do Parque.

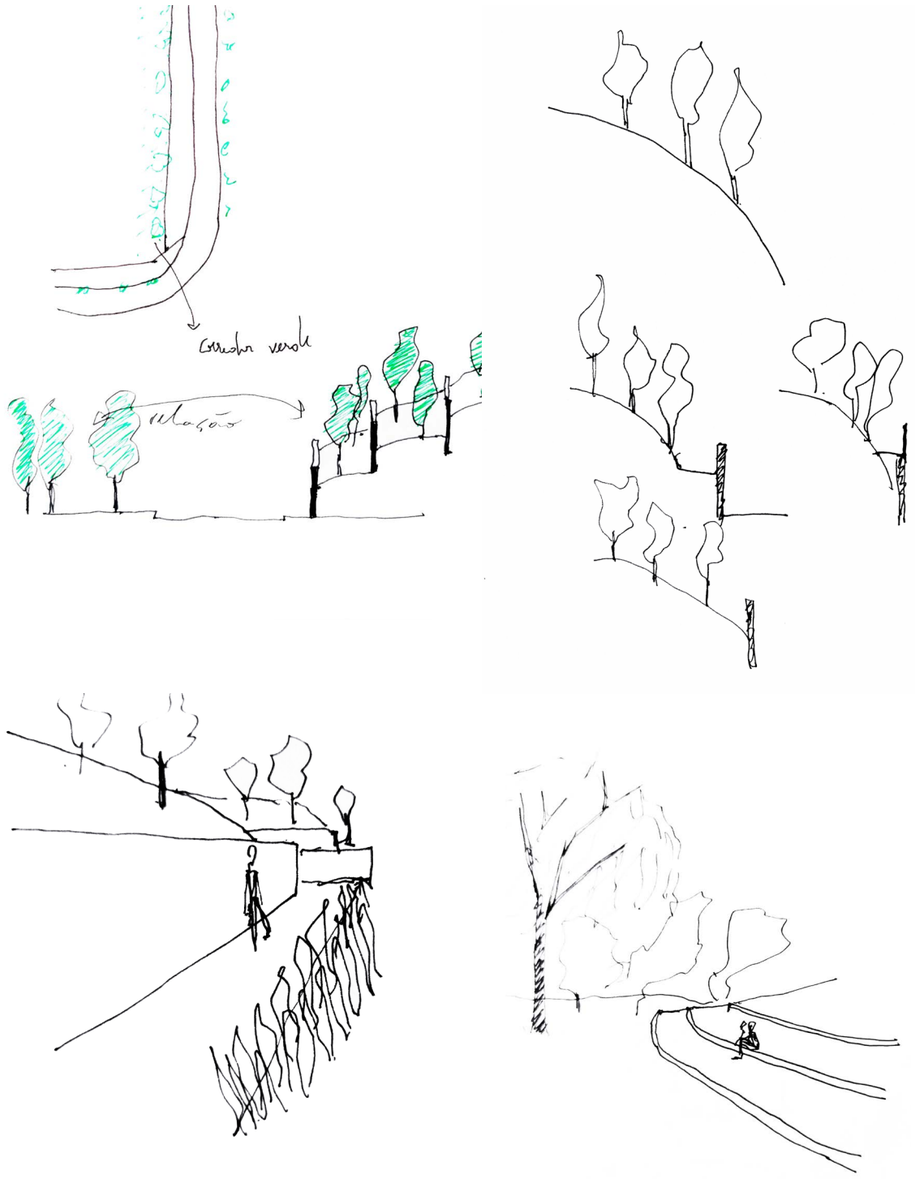
Referindo-se ao primeiro edifício de sanitários, este encontra-se parcialmente soterrado, valendo-se da morfologia do terreno. O acesso é feito através de uma galeria que, de certo modo, "esconde" as portas de acessos aos lavabos. Em alçado, lêem-se apenas os planos em betão ciclópico, de tonalidade pastel amarelado, textura rugosa, à semelhança do material usado nas plataformas do ribeiro, e uma escada a poente, que permite o acesso à plataforma superior.

A cobertura deste edifício é praticável, ajardinada, permitindo a permanência e usufruto dos espaços definidos pela mesma.

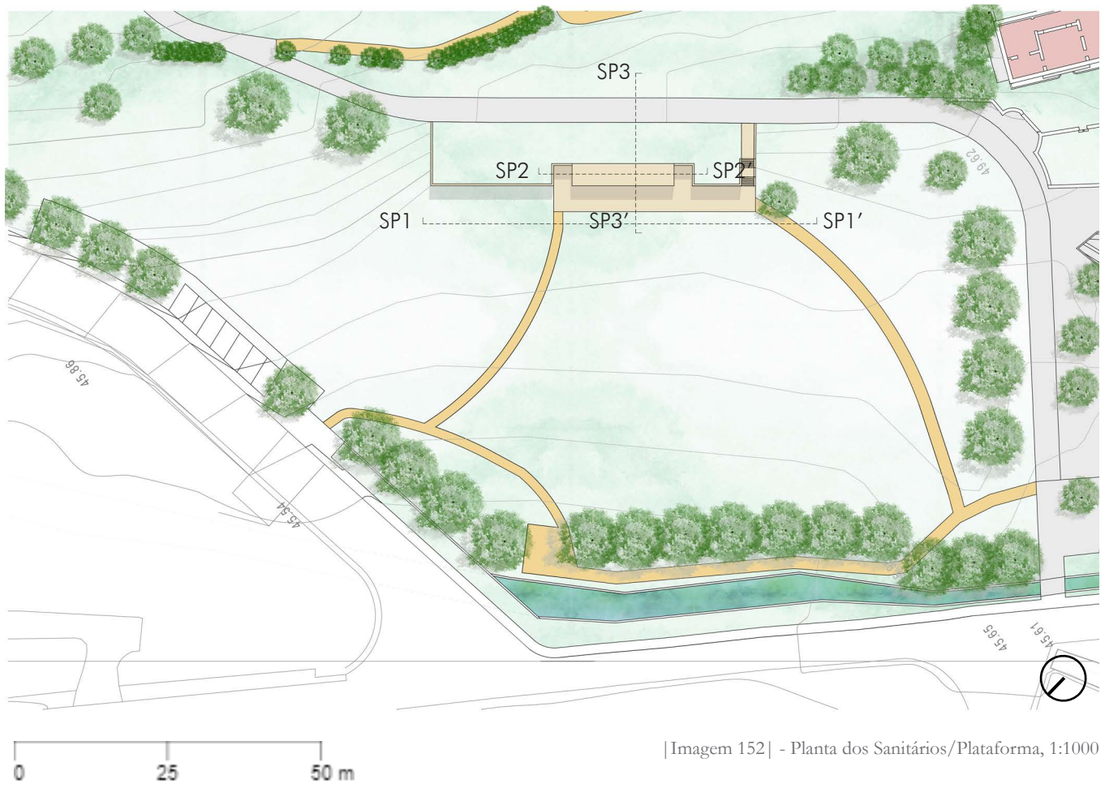
A construção deste edifício permite um certo "domínio" do terreno, que actualmente parece "engolir" o pequeno muro de um metro que o tenta conter (sem sucesso).

Na actual proposta, sugere-se a construção destes sanitários, porém, existem áreas que foram pensadas mas não desenvolvidas, indicadas a vermelho na |Imagem 155|, que poderão ser espaços dedicados à manutenção e serviço do parque.

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 151| - Esquissos de estudo da morfologia do terreno e soluções.



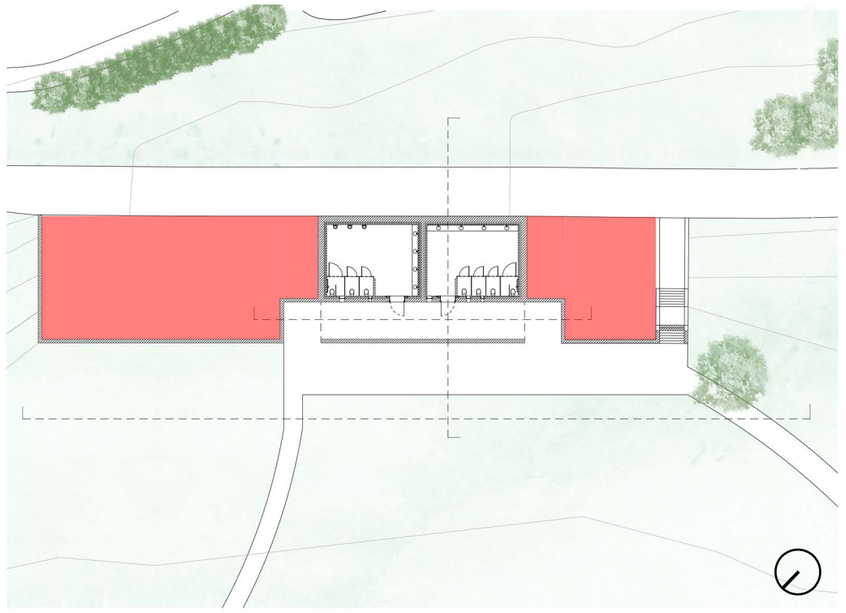
|Imagem 152| - Planta dos Sanitários/Plataforma, 1:1000



|Imagem 153| - Corte SP1/SP1' 1:350

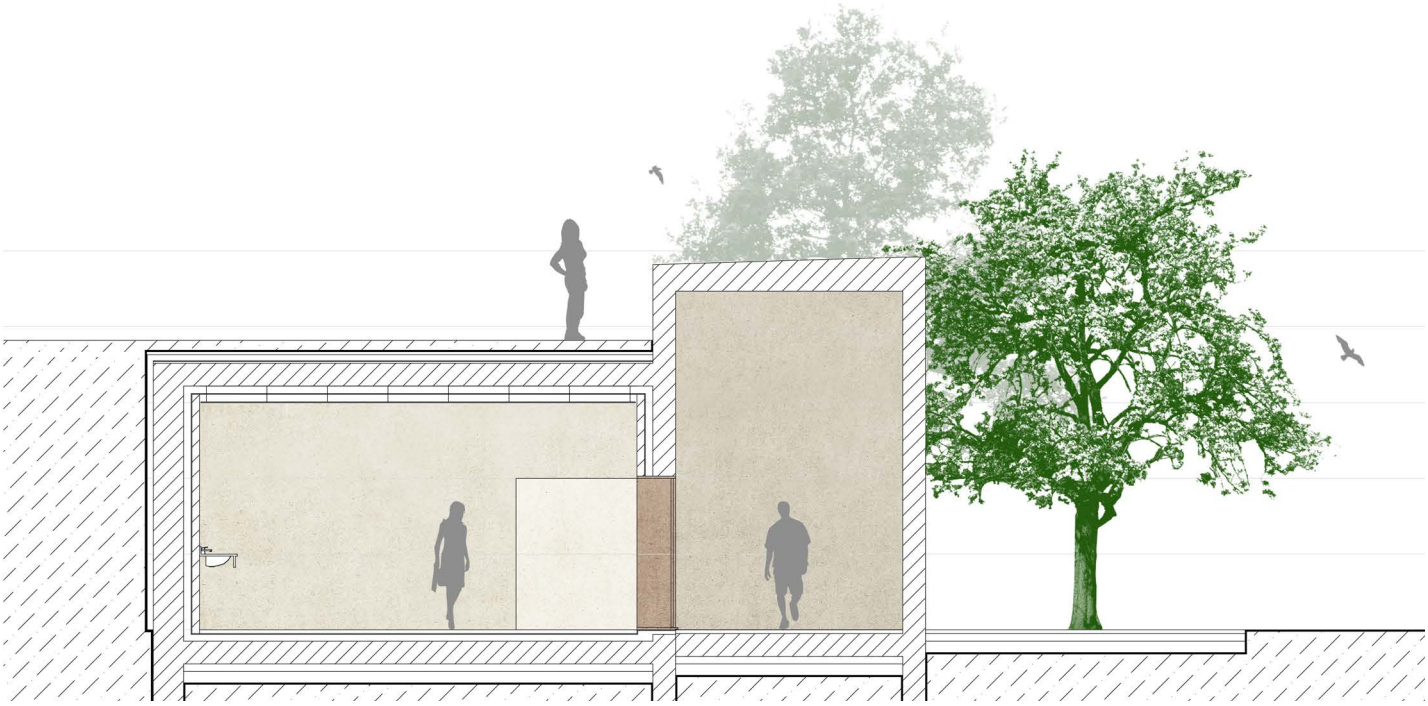


|Imagem 154| - Corte SP2/SP2' 1:200



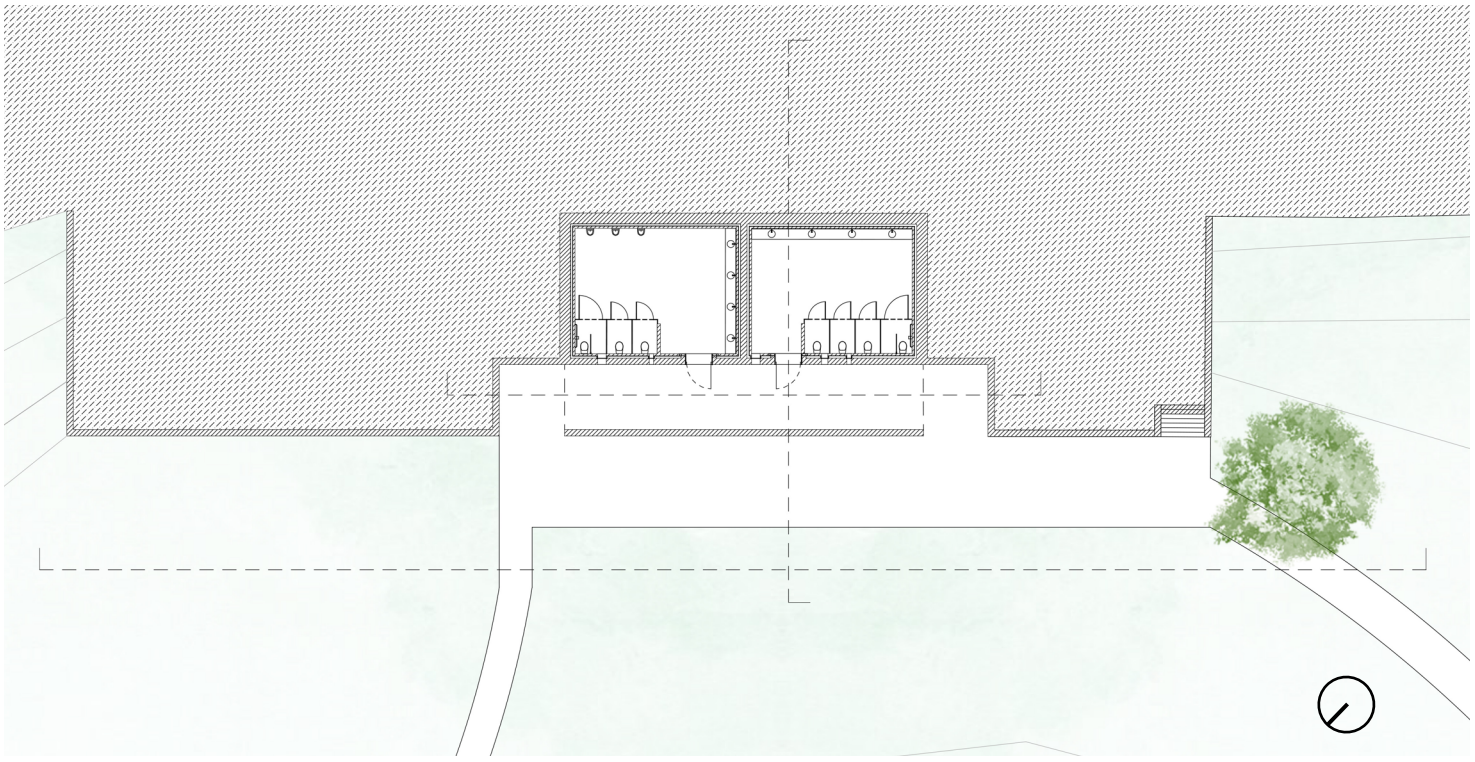
|Imagem 155| - Planta de espaços dedicados à manutenção e serviço do parque (a vermelho), 1:500

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



0 2.5 5 m

|Imagem 156| - Corte SP3/SP3', 1:100



0 5 10 m

|Imagem 157| - Corte SP3/SP3' 1:200



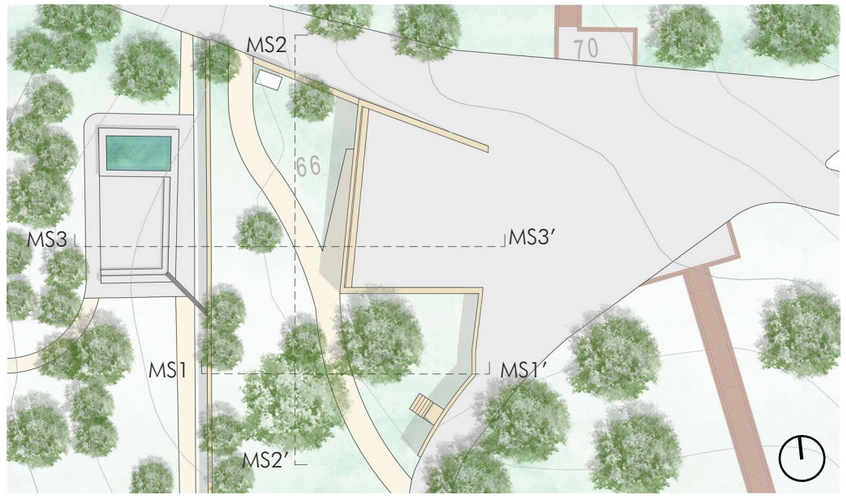
|Imagem 158| - Localização do Miradouro/Sanitários

No fim de um dos eixos principais do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, que o cruza de Nascente a Poente, passando por um espaço circular com uma fonte ao centro, foi proposto um miradouro que estabelecesse o contacto visual com a ruína e com o seu entorno.

Olhando da plataforma do miradouro para o caminho a eixo, a Nascente, é possível ver a perspectiva formada pelo percurso e pelas árvores que o ladeiam, confluindo num ponto de fuga que corresponde a uma das entradas do parque. Este é um momento no parque em que se pode ter uma noção do seu conjunto. É quase como o centro do projecto, onde tudo aparenta convergir.

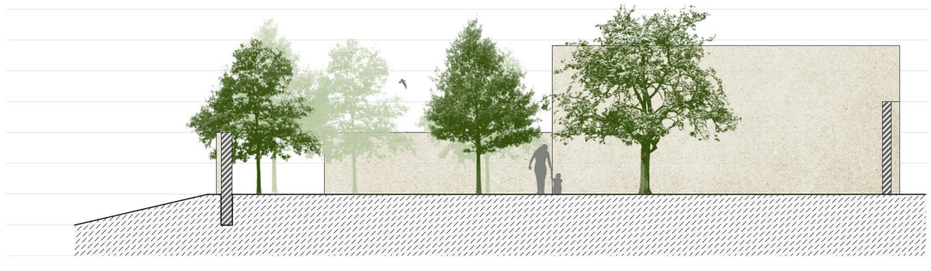
Por baixo do miradouro, no piso térreo, situam-se os segundos sanitários propostos. A materialidade e o tipo de construção são iguais ao dos sanitários referidos anteriormente (na página 146).

Os espaços formados entre os sanitários e o muro que circunda a Quinta do Engenho Novo (neste caso, o terreno correspondente à casa) dão origem a um espaço contido, que pode ser acedido pelos caminhos que dão acesso aos sanitários, ou pela escada a sul.

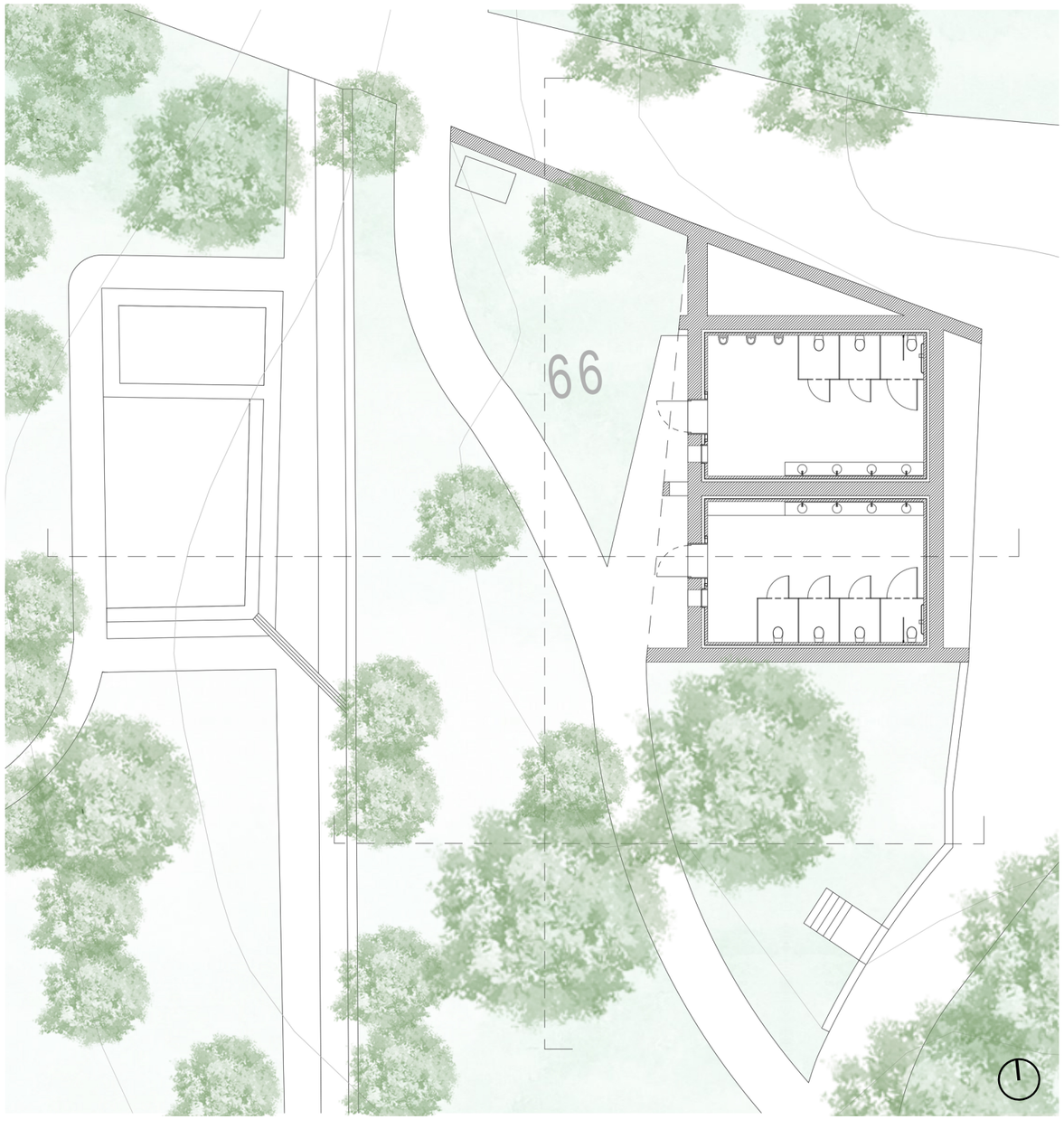


|Imagem 159| - Planta do Miradouro/Sanitários, 1:500

0 12.5 25 m



|Imagem 160| - Corte MS1/MS1', 1:200

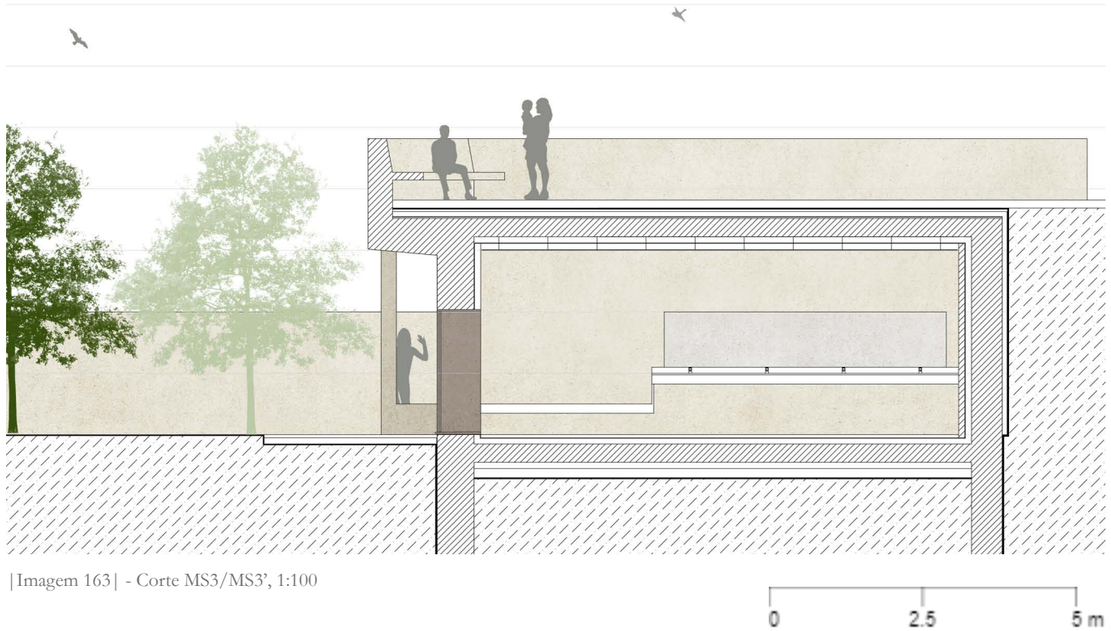


|Imagem 161| - Planta do Piso Térreo do Miradouro/Sanitários, 1:200

0 5 10 m



|Imagem 162| - Corte MS2/MS2', 1:500

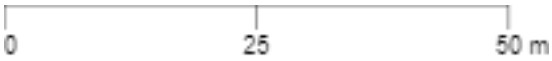


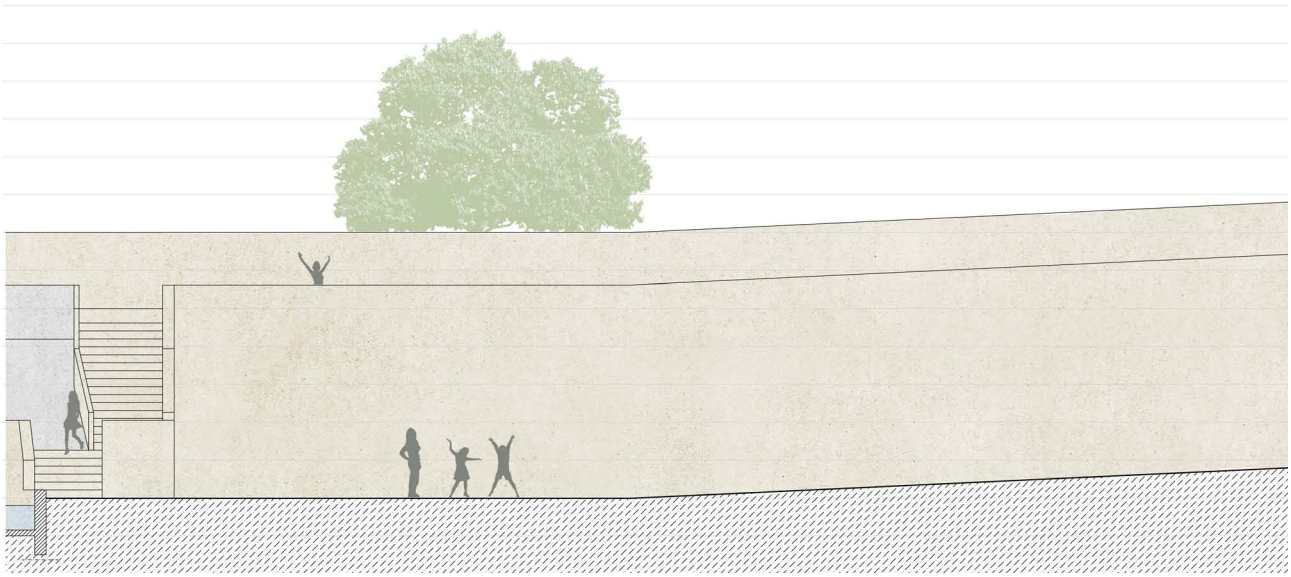
|Imagem 163| - Corte MS3/MS3', 1:100

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.

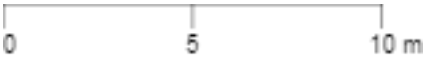


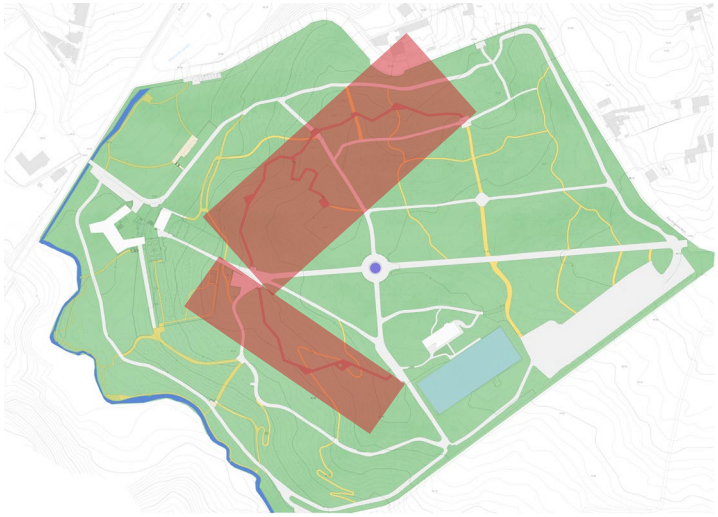
|Imagem 164| - Planta Plataforma 1, 1:750





|Imagem 165| - Corte PF/PF', 1:200





|Imagem 166| - Localização do Treetop Walk.

Com o objectivo de traçar percursos que se relacionem com a morfologia ondulante do terreno e que, ao mesmo tempo, permitam usufruir do património ecológico e da biodiversidade presentes no parque, foi criado um percurso pedonal. Seria estabelecido, deste modo, a ligação entre as cotas superiores, formadas pelos montes característicos a Norte do terreno, criando momentos de passagem superiores e inferiores. Ao percorrer as tábuas em pinho tratado que desenham o percurso, o visitante tem a oportunidade de estar em contacto com as copas das árvores e com a vida aí presente.

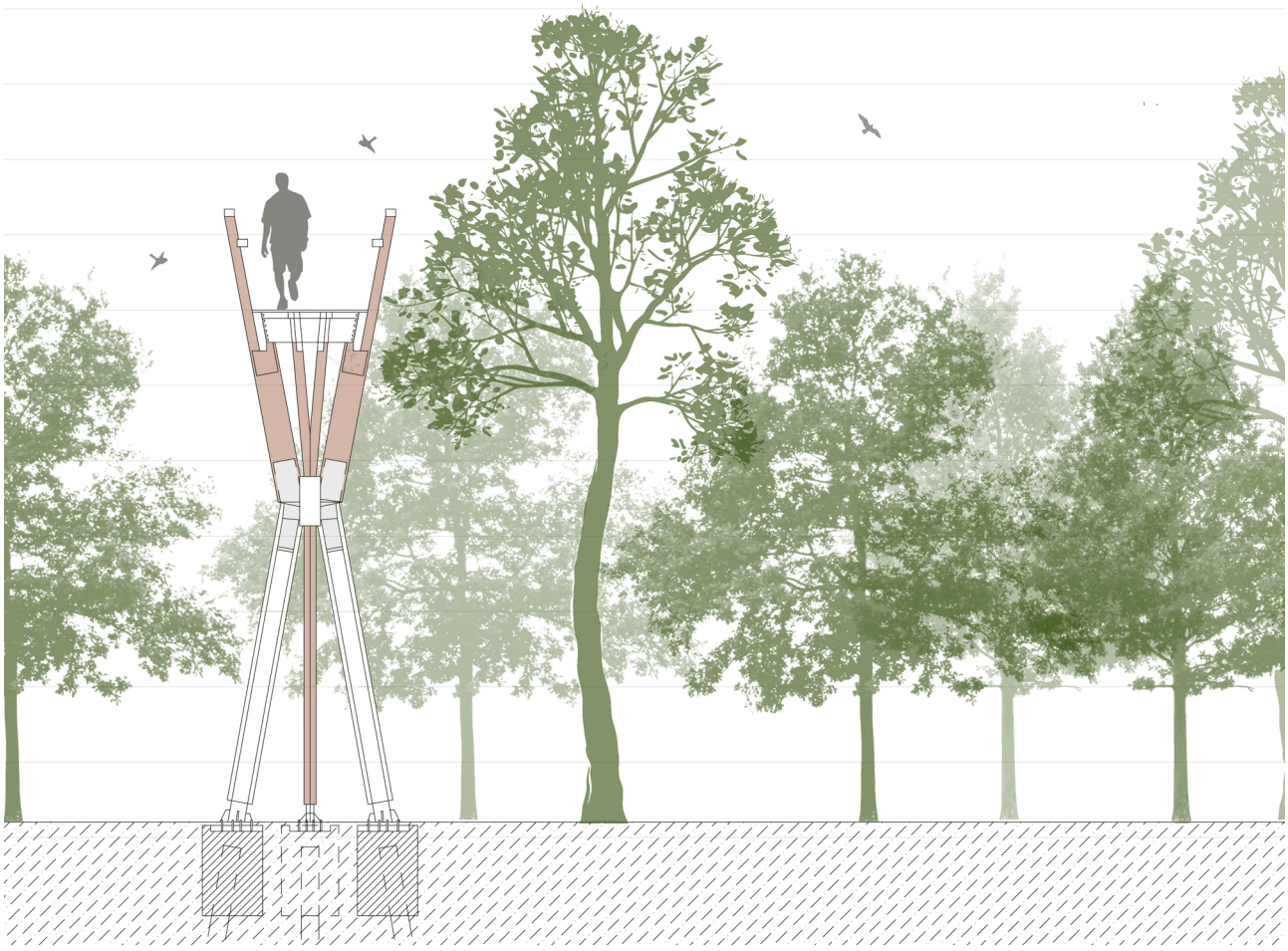
Tomou-se como exemplo o Treetop Walk do Parque de Serralves, projectado pelo Arquitecto Carlos Castanheira. Com um desenho delicado, sustentado por uma espécie de "dedos de uma mão" que, ao nível inferior, se encastram no solo e, ao nível superior, sustentam a base do percurso, este sistema aproxima-se do que se pretende passar como intenção estrutural e linguagem arquitectónica.

Contudo, se a proposta estrutural se aproxima ao Treetop Walk de Serralves, a sua resposta ao lugar afasta-se desta mesma solução. A morfologia do terreno do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo permite que se criem momentos singulares de quase contacto com o solo ou a sensação quase vertiginosa do atravessamento entre os montes.

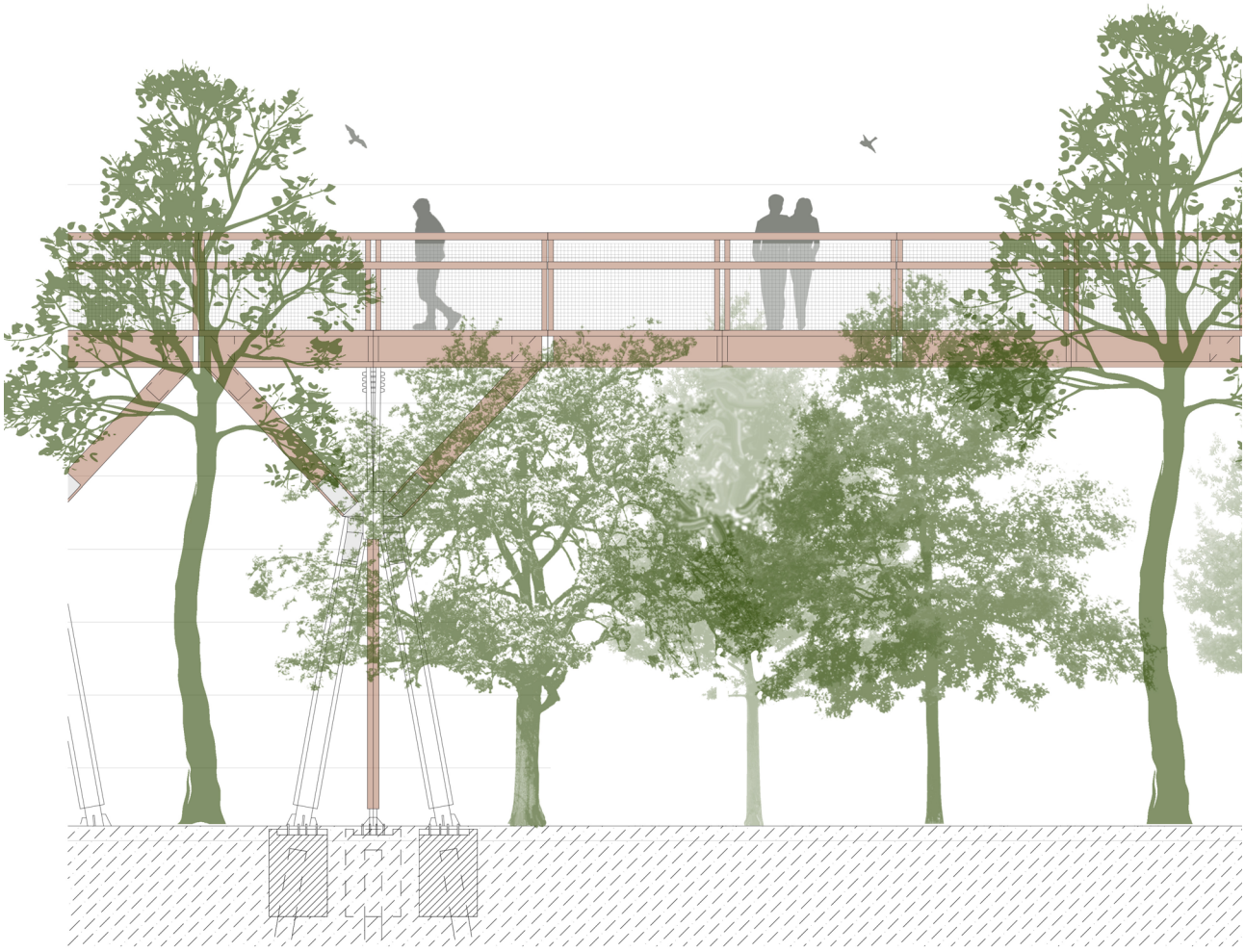
O gesto de desenho planimétrico que se aproxima ao de uma "meia lua" do Treetop Walk proposto, juntamente com os caminhos desenhados a Sul onde o terreno é mais plano, permitem o traçado de um percurso circular dentro dos limites do parque, passando por um dos seus pontos centrais – o Miradouro.



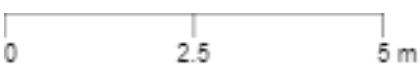
|Imagem 167| - Planta do Parque com aproximação ao Treetop Walk, 1:2000.

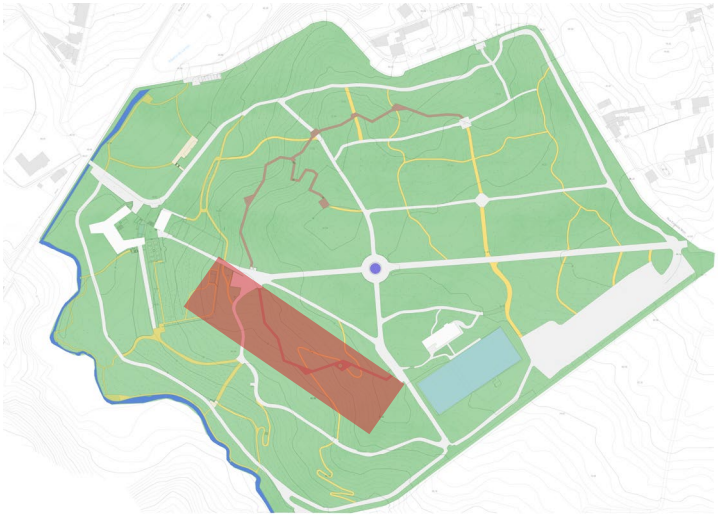


|Imagem 168| - Corte tipo Transversal - Treetop Walk, 1:100

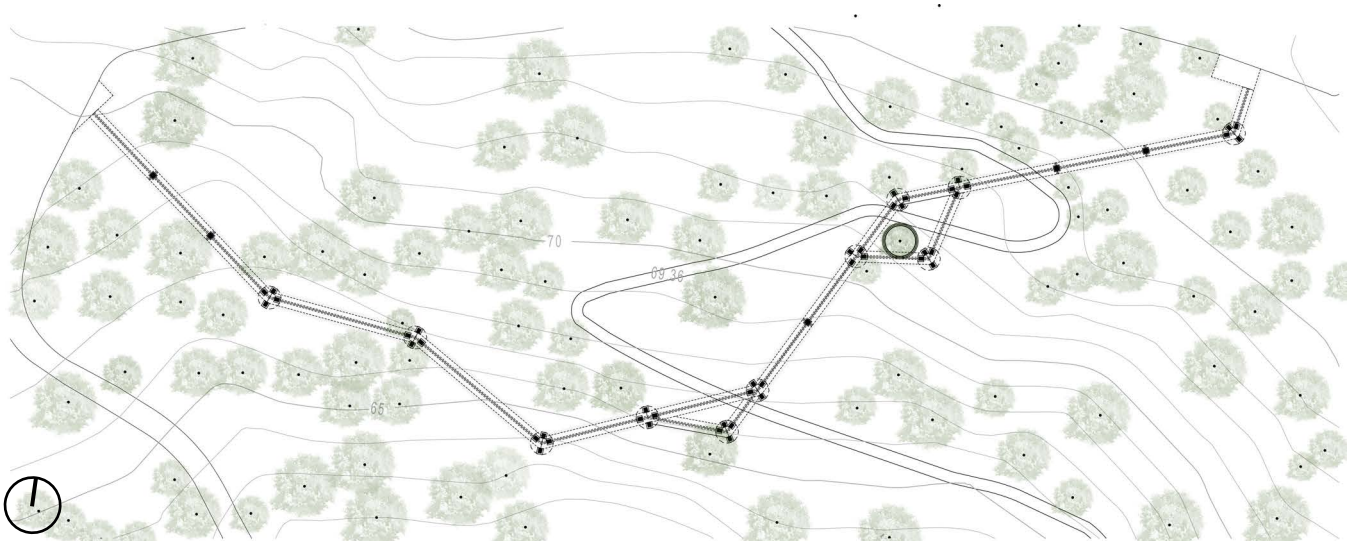


|Imagem 169| - Corte tipo Longitudinal - Treetop Walk, 1:100



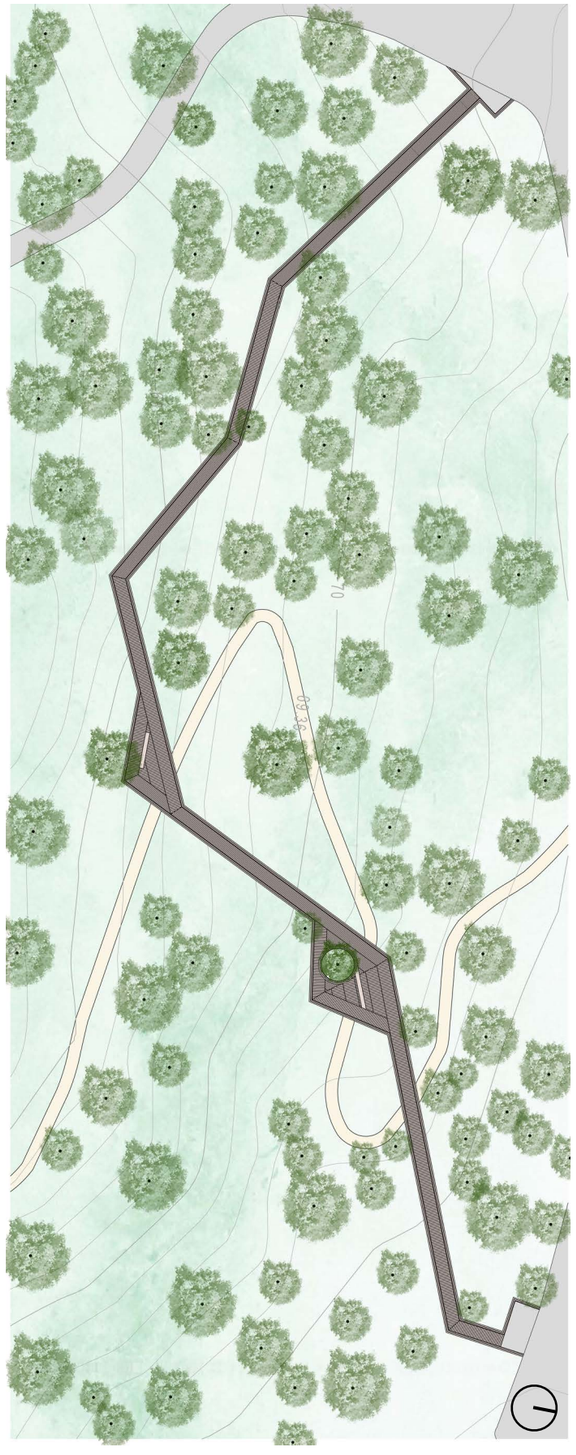


|Imagem 170| - Localização do Treetop Walk Poente.



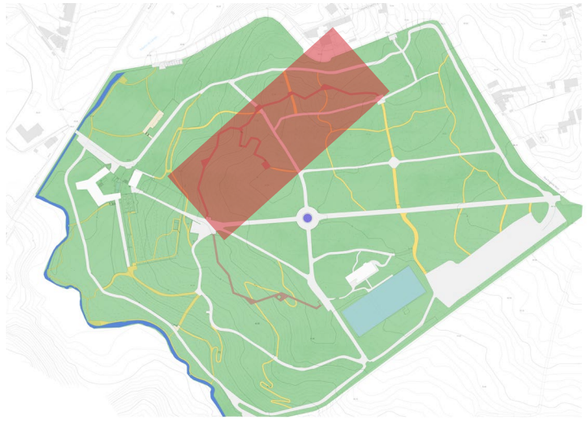
|Imagem 171| - Planta Estrutural Esquemático, Treetop Walk Poente; 1:1000.

0 25 50 m



|Imagem 172| - Planta Treetop Walk Poente; 1:750.

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.

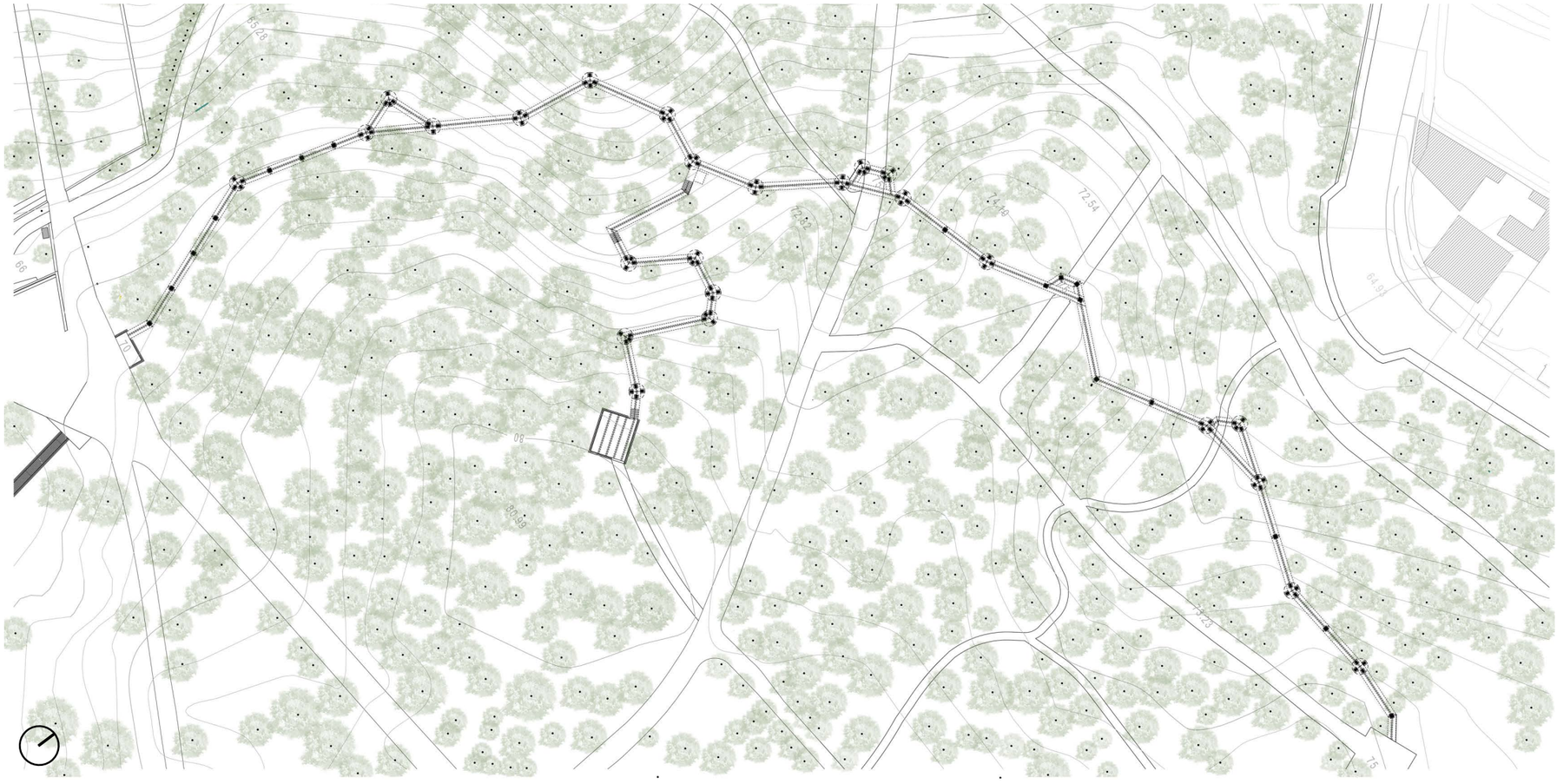


|Imagem 173| - Localização do Treetop Walk Nascente.



|Imagem 174| - Corte Longitudinal TWN/TWN'; 1:250.

0 5 10 m



|Imagem 175| - Corte Longitudinal TWN2/TWN2'; 1:1000.

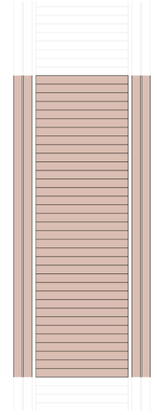
0 25 50 m



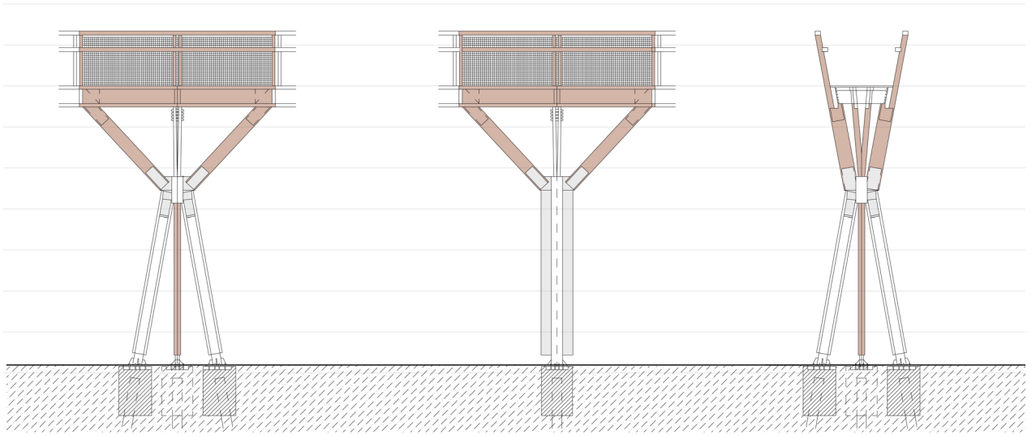
|Imagem 176| - Planta Treetop Walk Nascente; 1:750



|Imagem 177| - Maqueta “Entrada 1” do Projecto Treetop Walk para o Parque de Serralves, Arquitecto Carlos Castanheira.



|Imagem 178| - Planta Tipo, 1:100

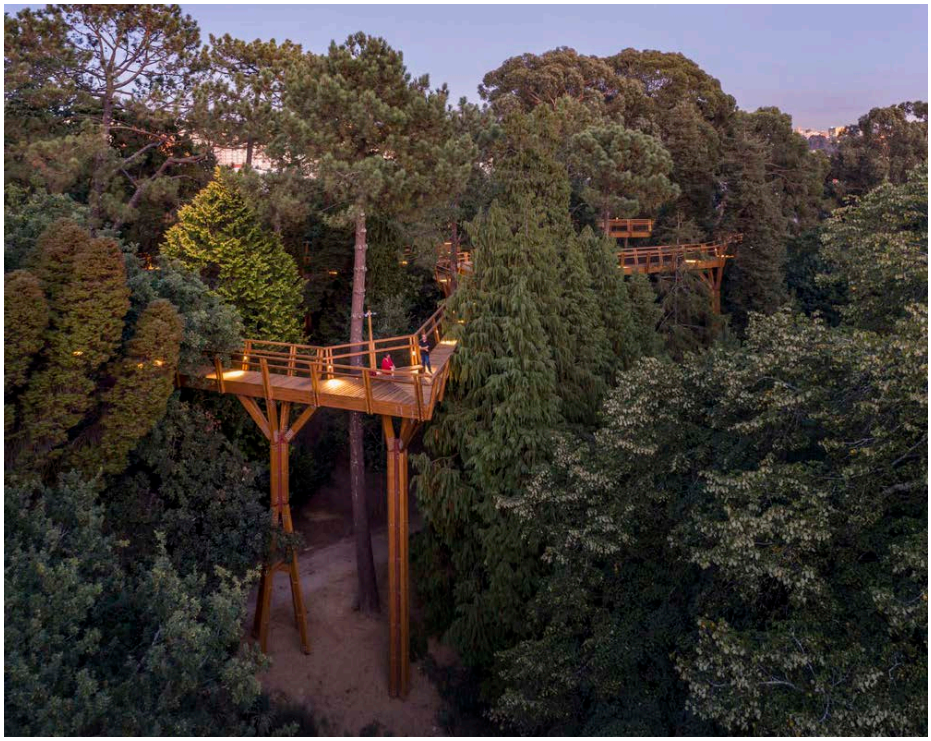


|Imagem 179| - Cortes Tipo, 1:100

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 180| - Projecto Treetop Walk para o Parque de Serralves, Arquitecto Carlos Castanheira - vista de cima.



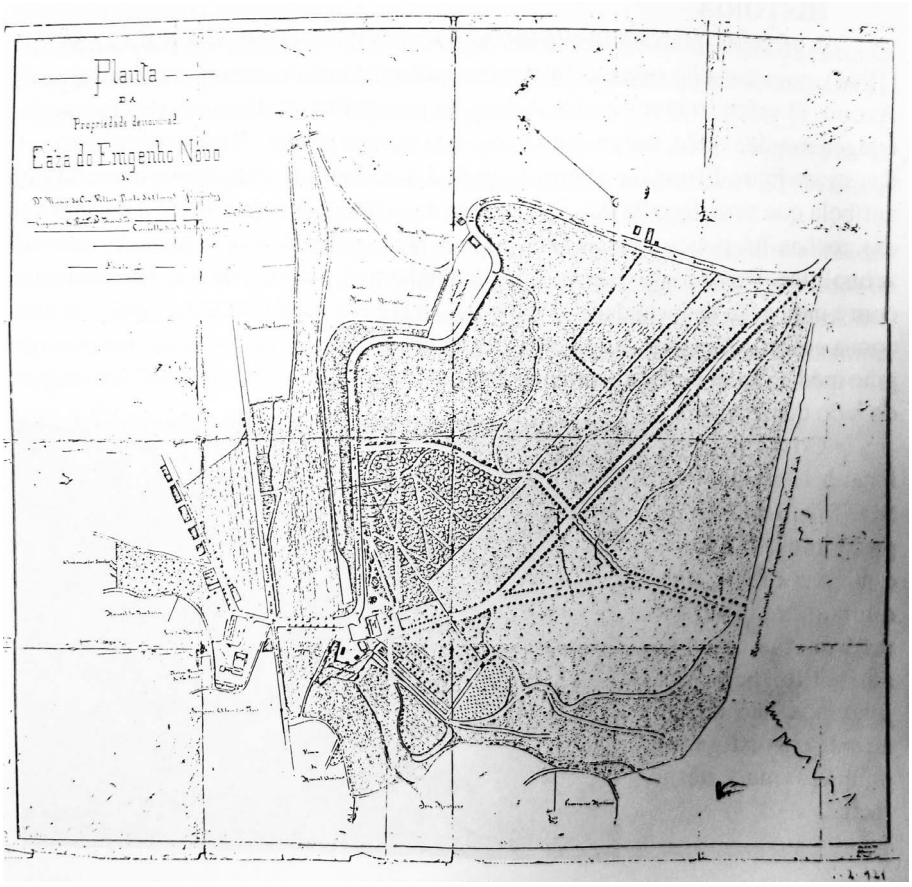
|Imagem 181| - Projecto Treetop Walk para o Parque de Serralves, Arquitecto Carlos Castanheira - vista a Poente.

4. Projectar no Património



|Imagem 182| - Maqueta da Casa Senhorial e da antiga fábrica da Quinta do Engenho Novo, 1:200.

4.1. Teorias de Intervenção Arquitectónica



|Imagem 183| - Quinta do Engenho Novo, 1921

A palavra *Património* tem origem no latim *patrimonium*, formada por "patri" (pai) e "monium" (estado ou condição) isto é, um "estado paterno" significando também uma "herança de um pai".[49]

Segundo o Diccionaire de la langue française de E. Littré, "Património é um bem de herança que passa, de acordo com as leis, dos pais e das mães para os filhos."[50] porém, com o passar tempo, este conceito sofreu alterações que mudaram de modo considerável o seu significado, tornando-o mais ambíguo. Ao fazer uma busca num dicionário digital, na Internet, a sua definição apresenta seis entradas. A primeira corresponde ao sentido original, "1. Herança paterna"[51], no entanto, constata-se que tais atribuições passam a ter intervenientes que não estão ligados ao núcleo familiar próximo, referindo-se agora a um sistema de relações mais alargado - "2. conjunto dos bens de família, transmitidos por herança"[52]; "3. Conjunto de bens ou valores de interesse económico pertencentes a uma pessoa, instituição ou empresa"[53] e "4. Bem, ou conjunto de bens, de natureza material ou imaterial, de reconhecido interesse (cultural, histórico, ambiental, etc.) para determinada região, país, etc."[54] O *Património* deixa, assim, de estar apenas ligado a uma herança familiar, passando a significar algo de interesse e importância para uma determinada comunidade.

Embora tais bens possam ser materiais e imateriais, o foco do presente estudo prende-se sobretudo ao Património ligado à Arquitectura e à sua preservação.

O Património presente no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, classificado como Imóvel de Interesse Público desde 1971[55], constituído pelas ruínas da fábrica do Engenho Novo e pela casa adjacente, motivam o estudo acerca da intervenção patrimonial arquitectónica.

49. https://www.etymonline.com/word/patrimony (acesso a 06/07/2020)

50. Em Choay, Françoise (2018) *Alegoria do Património*, Edições 70, Lisboa, P.11 (ver nota de rodapé)

51. https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/patrim%C3%B3nio (acesso a 06/07/2020)

52. Ibidem.

53. Ibidem.

54. Ibidem.

55. Decreto n.º 516/71, DG, I Série, n.º 274, de 22-11-1971

Devido à extensão das abordagens existentes até então, que englobam desde historiadores a historiadores de arte, os humanistas e os artistas dos Quattrocento, o arquitecto Alberti e o seu livro *De re aedificatória*, os antiquários, entre tantos outros, torna-se essencial contruir uma lógica de pensamento que não seja exaustiva, mas consequente no que é o entendimento da Intervenção no Património. Serão expostas de forma breve as teorias interventivas que vão desde o Renascimento aos finais do século XIX e a posição de arquitectos contemporâneos acerca da intervenção em contexto patrimonial, como a do Arquitecto Ignasi de Solà-Morales e do Arquitecto Souto de Moura.

4.1.1. Do Renascimento aos finais do século XIX, inícios do século XX.

É no **Renascimento** que surge o primeiro momento em que a intervenção arquitectónica se apresenta como um problema que necessita, de certa forma, de uma teorização – "(…) uma definição de qual é a relação entre a intervenção e a arquitectura existente"[56]. Na verdade, a arquitectura que o antecede, da antiguidade clássica e até anterior, construía sobre outras arquitecturas pré-existentes, sem critério nem premeditação, aproveitando apenas o seu material remanescente. A Arquitectura Medieval é outro exemplo de construção por adição, sem que esta manifeste nenhuma consciência ou significado pela arquitectura construída no passado. Sobre as catedrais, Ignasi de Solà-Morales explica que a sua construção é sempre uma operação de justaposição onde "nenhuma condição crítica aparece no momento de intervir sobre uma estrutura já iniciada ou sobre uma estrutura que aponta uma determinada lógica, mas sim que se sobrepõe com a maior violência e sem nenhum tipo de reflexão prévia uma nova estrutura sobre a arquitectura existente"[57].

Contudo, esta consciência histórica renascentista era consideravelmente esquemática, caracterizada sobretudo por dois polos que classificavam o passado mitificado da antiguidade clássica e, em contraponto, o passado mais recente, tenebroso e negativo da realidade e construção medieval[58]. Deste modo, as arquitecturas do passado eram classificadas como positivas ou negativas, segundo critérios absolutos e analíticos.

As intervenções que seguiam do pensamento renascentista acerca das arquitecturas do passado seguiam uma lógica que contribuía para uma cidade homogénea, de modo a conseguir alcançar uma unificação do espaço da cidade.

---

56. "El primer momento en el que la intervención se plantea como un problema que pide una cierta forma de teorización y, por tanto, una definición de cual es la relación entre la intervención y la arquitectura existente, (…)" em SOLÀ-MORALES, Ignasi, Intervenciones, p.16

57. Ibidem., p. 17.

58. Ibidem, p. 17: "Se trata de una conciencia de la historia extraordinariamente esquemática, puramente dual, en la cual existe un passado mitificado, la antigüedad, y outra realidade tenebrosa y negativa que debe considerarse justamente como la contraimagen de aquella realidade positiva encarnada por la antegüedad y que es toda la realidade de la ciudad y de la construcción medieval."(tradução livre)

John **Ruskin** (1819-1900) e Eugène **Viollet-Le-Duc** (1814-1879), contemporâneos, foram talvez os que mais se destacaram pelas suas posições quanto às "aporias do restauro", no século XIX. Defendiam posições antagónicas, opondo-se em duas doutrinas: uma intervencionista e outra anti-intervencionista.

A obra de arte é uma obra intangível e é uma sobrevivência de um grande naufrágio que deve preservar-se da melhor maneira possível. Não há nada a fazer nem para a completar, nem para a melhorar, nem para pô-la de manifesto. O único que é possível é guardar os seus restos até que sobrevivam, mas de modo algum tocar-lhes ou tentar prolongar a sua vida para além do que as suas próprias forças podem oferecer."[59]

Ruskin, com o seu coadjuvante **William Morris** (1834-1896) posiciona-se numa abordagem anti-intervencionista, defendida sobretudo em Inglaterra. A valorização dos monumentos históricos resulta de uma tomada de consciência característica do século XIX. Pela primeira vez, o valor insubstituível e o carácter único da obra pertencente ao passado são compreendidos, e que a perda de qualquer trabalho antigo jamais recuperará a sua inteira autenticidade. As obras antigas são testemunhos vivos legados pelo passado, único modo de contacto físico com as mesmas, cuja essência permanece e com a qual podemos contactar. Permitem ao Homem reconhecer e estabelecer uma ligação ao passado, precursor do seu presente e da identidade que o constitui.

Para os defensores desta posição, as marcas do tempo e das gerações fazem parte da sua identidade e seria um sacrilégio intervir nas mesmas. Restaurar significa "(…) ferir a autenticidade que constitui o seu próprio sentido."[60], sendo esse processo uma mentira, impossível, tal como "dar a vida a um morto[61]. O estado original de qualquer obra do passado seria perdido após a sua intervenção, e qualquer tipo de restituição será fidedignamente questionável. As marcas que o tempo imprime, tais como a patine, as fendas ou as rachaduras, são marcas da sua existência, fazendo parte da arquitectura e da sua idade.

---

59. Ignasi Solà Morales acerca da posição anti intervencionista de John Ruskin em SOLÀ-MORALES, Ignasi, (1964), Teorías de la Intervención Arquitectónica, Nova Iorque. P.19
"La obra de arte es una obra intangible y es una supervivencia de un gran naufragio que debe preservarse de la mejor manera posible. Nada hay que hacer ni para completarla, ni para mejorarla, ni para ponerla de manifiesto. Lo único que es posible es guardar sus restos, guardarlos hasta que sobrevivan, pero en absoluto tocarlos ni intentar prolongar su vida más allá de lo que sus propias fuerzas puedan ofrecer." (tradução livre)

60. Em CHOAY, Françoise (2018) *Alegoria do Património*, P.159

61. Ibidem.

Apesar da radicalidade da posição de Ruskin, Morris e demais apoiantes, estes admitem que os monumentos históricos podem ser alvo de intervenções, se estes tivessem como objectivo a sua conservação. A consolidação e manutenção dos edifícios proposta por Ruskin consistia numa intervenção invisível, que evitasse a sua degradação progressiva.[62] Sobre a posição antagónica, a intervencionista (defendida por Viollet-Le-Duc), Ruskin apresenta uma crítica radical: "Tomai convenientemente conta dos vossos monumentos e não tereis de os restaurar de seguida.[63] William Morris esclarece que a preservação dos edifícios antigos significa conservá-los no estado a que nos foram legados, enquanto relíquias históricas, e não como cópias executadas por artistas.

Restaurar um edifício é restabelecê-lo num estado completo que pode nunca ter existido num dado momento. [64]

Viollet-le-Duc, por outro lado, posiciona-se num tipo de abordagem intervencionista no que diz respeito à forma de actuar em edifícios existentes que, ao contrário de John Ruskin, não vê o problema do restauro como um problema de fidelidade histórica, de preservação total ou quase total do edifício, mas de como deixar que o edifício siga a sua própria lógica, como se a arquitectura do mesmo falasse, manifestando a sua congruência através de uma restituição que os estilos comportam ou comportaram ao longo do tempo.[65]

Restauro, na definição de Viollet-le-Duc, apresenta-se tal como uma das ciências positivas da sua época, onde todas elas são trabalhos de classificação e ordenamento do conhecimento a partir de uma classificação morfológica. Isto significa entender a historicidade, nomeadamente da arquitectura, como uma realidade quase ou até exclusivamente histórica.[66]

---

62. "«sob qualquer pertexto, não se deve tocar, porque supressões de que o tempo e os homens são os autores interessam à história e, por vezes, à arte. Consolidá-los, impedi-los de cair, é tudo o que se deve permitir.»" Victor Hugo citado em CHOAY, Françoise (2018) *Alegoria do Património*, p.163

63. John Ruskin, *The Seven Lamps of Architecture* citado citado em CHOAY, Françoise (2018) *Alegoria do Património*, p.184.

64. Viollet-le-Duc no seu Dicionário citado por CHOAY, Françoise (2018) *Alegoria do Património*, p. 160

65. "Para Viollet-le-Duc el problema de la restauración no es tanto un problema de fidelidade historiográfica, de volver a colocar las piedras donde estaban o de acabar el proyecto tal como se había proyectado, como de dejar que el edifício, desde su propia lógica, la del estilo, se acabe a sí mismo, manifeste su congruencia interna a través de una operación de restitución de aquella transparência interna que los estilos comportan o han comportado en el transcurso del tiempo.", em SOLÀ-MORALES, Ignasi, *Intervenciones,* p.23.

66. "Pensamos que detrás del pensamento de Viollet-le-Duc está todo el hegelianismo que en la cultura dela positivismo del siglo XIX, significa entender la historicidade de toda la realidade y la possibilidade de entender esa realidade sólo historicamente.". Ibidem, p. 22.

Assim, a relação com os edifícios existentes deveria partir de uma operação lógica, "(…) que entenda o seu próprio discurso, não um discurso que se possa impor a partir do exterior a não ser, pelo contrário, que seja o resultado de escutar a voz na qual uma determinada arquitectura se encontra materializada."[67]. Com este pressuposto, o papel do arquitecto na sua intervenção numa obra de arquitectura do passado, deveria submeter-se ao papel de intermediário entre a operação e o edifício, numa atitude de anonimato prático, onde a sua liberdade criativa era subjugada ao que o edifício "deveria ser".

O chamado "restauro estilístico" de Viollet-le-Duc foi alvo de críticas, nomeadamente de John Ruskin: "A falsificação histórica começará a ser para sempre a vil cópia que Ruskin afirmou, mas não apenas em termos da falta de jeito da sua imitação estilística. (…) passa inevitavelmente pela falsificação constructiva, ao não poder nem querer evitar as facilidades técnicas contemporâneas.".[68]

Poderia dizer-se que a principal característica da posição anti-intervencionista de Ruskin seria o problema moral aliado à arquitectura como legado histórico, enquanto que Viollet-le-Duc, intervencionista, se trata de um problema de catalogação das construções existentes, quase como se de um inventário se tratasse, completando-as em caso de necessidade.

67. "(…) no un discurso que se le pueda imponer desde el exterior sino, al contrario, que sea el resultado de escuchar la voz que en una determinada arquitectura se encuentra materializada.". (tradução livre) Ibidem, p. 23

68. "El falso *histórico* empezará a ser ya para siempre la copia vil que Ruskin decía, pero no sólo en cuanto a la torpeza de su imitación estilística. La supervivencia «in vitro» de la restauración en estilo -residuo cultural alentado hoy desde mentalidades ingenuas y desde sofisticadas, y sesgadas, conciencias «post-modernas»- pasa inevitablemente por la falsificación constructiva, al no poder ni querer orillar las facilidades ofrecidas por las técnicas contemporáneas." (tradução livre) em CAPITEL, Antón, *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*, p. 28.

Camillo Boito (1836-1914), arquitecto italiano, foi talvez o primeiro a conseguir uma síntese dos aspectos fundamentais das teorias de Ruskin e Viollet-le-Duc. Por um lado, aceita a crítica de Ruskin acerca do carácter único de um edifício do passado, porém afasta-se da sua visão "fatalista" quanto à "morte" dos edifícios, como se de um organismo biológico se tratasse, com um tempo de vida e com o seu fim. Por outro, concorda com Viollet-le-Duc no que diz respeito à intervenção em edifícios, no entanto, condena as reconstruções e as suas condições de falsidade – os "falsos históricos". Ainda assim, Camillo Boito defende que se deve preferir a conservação a qualquer intervenção de maior complexidade, " (…) que são sempre preferíveis as operações mais simples nos edifícios históricos às operações mais complexas; (…)" [69]

O arquitecto italiano foi pioneiro no que viria a conhecer-se como "restauro científico", e apresenta oito pontos nos quais se deveriam desenvolver as operações de restauro, que se passam a citar:

1.º Diferença de estilo entre o antígo e o novo.

2.º Diferença de materiais na sua construção.

3.º Supressão de molduras e decoração nas novas partes.

4.º Exposição das partes materiais que tenham sido eliminadas num lugar contíguo ao monumento restaurado.

5.º Inscrição da data da intervenção ou de um sinal convencional na nova parte.

6.º Legenda descritiva da acção anexada ao monumento.

7.º Descrição e fotografias das várias fases da obra colocada no próprio monumento, num local público próximo. (Condição substituível pela publicação).

8.º Percepção visual das acções realizadas. [70]

---

69. "(…) en principio debe preferirse la conservación a cualquier operación más compleja, es decir, que en los edifícios históricos son preferibles siemple las operaciones más sencillas a las más complejas; (…)" (tradução livre) em SOLÀ-MORALES, Ignasi, *Intervenciones*, p. 26 e 27.

70. "1.º Diferencia de estilo entre lo antiguo y lo nuevo. / 2.º Diferencia de materiales en sus fábricas. / 3.º 0 Supresión de molduras y decoración en las partes nuevas. / 4.º Exposición de las partes materiales que ha yan sido eliminadas en un lugar contiguo al monumentos restaurados. / 5.º Incisión de la fecha de la actuación o de un signo convencional en la parte nueva. / 6.º Epígrafe descriptivo de la actuación fijado al monumento. / 7.º Descripción y fotografías de las diversas fases de los trabajos depositadas en el próprio monumento en un lugar público próximo. (Condición sustituible por la publicación)./ 8.º Notoriedad visual de las acciones realizadas." (tradução livre) em CAPITEL, Antón, *Metamorfosis de monumentos y teorías de la restauración*, p. 31 e 32.

Segundo Ignási de Solá-Morales, estes oito pontos podem ser sintetizados em três critérios fundamentais de conservação. Em primeiro lugar, a "lei mínima de intervenção" no edifício. Em segundo, conservar apenas a matriz essencial do edifício (e assim, distancia-se da posição de Viollet-le-Duc). Por último, toda a intervenção deve apresentar-se absolutamente neutra em relação ao edifício existente, isto é, deverá ser diferenciada para que se note que houve uma intervenção à posteriori daquela em que o edifício se encontraria antes de qualquer acção.

4.1.2. A Carta de Atenas e a Carta de Veneza.

Na **Carta de Atenas** (1931), dedicada ao problema dos edifícios históricos, viriam a ser repetidos os argumentos de Boito, juntando-lhes duas outras reflexões. A primeira, como compartilhar o problema da conservação com a questão das novas tecnologias.[671] A segunda, as questões de contexto. Quando à primeira, as novas tecnologias são úteis e podem ser utilizadas desde que se mantenha o carácter do edifício existente. Quanto à segunda, considera-se que o edifício não é "solitário" e, por conseguinte, convive com um determinado contexto e um determinado ambiente, pelo que deve preservar-se não só esse mesmo edifício mas também o que é parte desse "ambiente".

Na **Carta de Veneza** da conservação (1964) existem algumas questões significativas a salientar. Em primeiro lugar, "(…) o termo 'restauro' procedente de Viollet-le Duc desaparece definitivamente e, na sua substituição, toma mais e mais importância o termo de conservação (…).[72] A segunda é que o termo conservação refere-se também à conservação de um ambiente, que se deve igualmente preservar, manter ou conservar. Isto significa que não se intervém apenas num edifício, isoladamente, mas no seu entorno, no seu chamado "ambiente".

71. "En este documento se repitirán com bastante exactitud los argumentos de Boito añadiendo, quizás, outra reflexión: cómo compaginar el problema de la conservación de los edificios existentes com dos cuestiones importantes; una de ellas, la relación com las nuevas tecnologias." Em SOLÀ-MORALES, Ignasi, *Intervenciones*, p. 27.

72. "(…) que el término 'restauración' procedente de Viollet-le-Duc desaparece definitivamente y, en cambio, toma más y más importância el concepto de conservación." Ibidem. p. 28



|Imagem 184| - Capa do livro “Intervenciones”, de Ignasi de Solà-Morales

4.1.3. Ignasi de Solà-Morales e Eduardo Souto de Moura: dois discursos acerca da intervenção contemporânea.

Ignasi de Solà-Morales (1942-2001), arquitecto espanhol, explora o conceito "intervenção" no seu livro *Intervenciones,* como um termo utilizado numa acção perante uma arquitectura existente. Surge na sequência do debate arquitectónico das décadas de 70 e 80, caracterizados pelo interesse na historiografia que viria a influenciar a prática da arquitectura desses decénios.

Questionavam-se "os vínculos, as continuidades ou rupturas entre a tradição e a actualidade"[73] ao mesmo tempo em que se esclarecia como o historiador e o seu trabalho podiam contribuir com a sua crítica para os "pressupostos do projecto contemporâneo"[74]. Discutiam-se, ainda, as consequências mais directas na acção da época, do "construir no construído" – a "nova valorização do património histórico e a sua conservação, reconstrução ou alteração a partir da actuação presente"[75].

Para Ignasi de Solà-Morales, o termo *intervenção* é impreciso e vago, possuindo dois sentidos. O primeiro, num sentido geral, deve entender-se por intervenção toda e qualquer acção que se possa fazer num edifício ou numa arquitectura. Nas palavras do arquitecto, o sentido deste termo poderá ser designado como "maximizante geral". Estas acções incluem o restauro, a defesa, a preservação, a conservação, a reutilização, entre outras.

O segundo sentido, de acordo com Solà-Morales, possui um significado mais "restringido e mais específico", em que a ideia de *intervenção* compreende a crítica às ideias que traduzem a intervenção como restauro, como conservação, como reutilização, e assim por diante.

Pode aferir-se, então, que a primeira se trata de um tipo *intervenção* mais activa, em que se interfere ou não numa realidade existente e a segunda, mais discursiva, que compreende a crítica à primeira. Deste modo, Ignasí de Solà-Morales vê este duplo sentido como um problema de *interpretação.* Como Xavier Costa, no prólogo do livro *Intervenciones* expõe: "(…) adivinha-se o duplo impulso de interessar-se vivamente pela complexidade de actuar – intelectual e materialmente – sobre os testemunhos históricos e, por sua vez, de distanciar-se das posições normativas e as suas correspondentes vontades de ortodoxia.". [76]

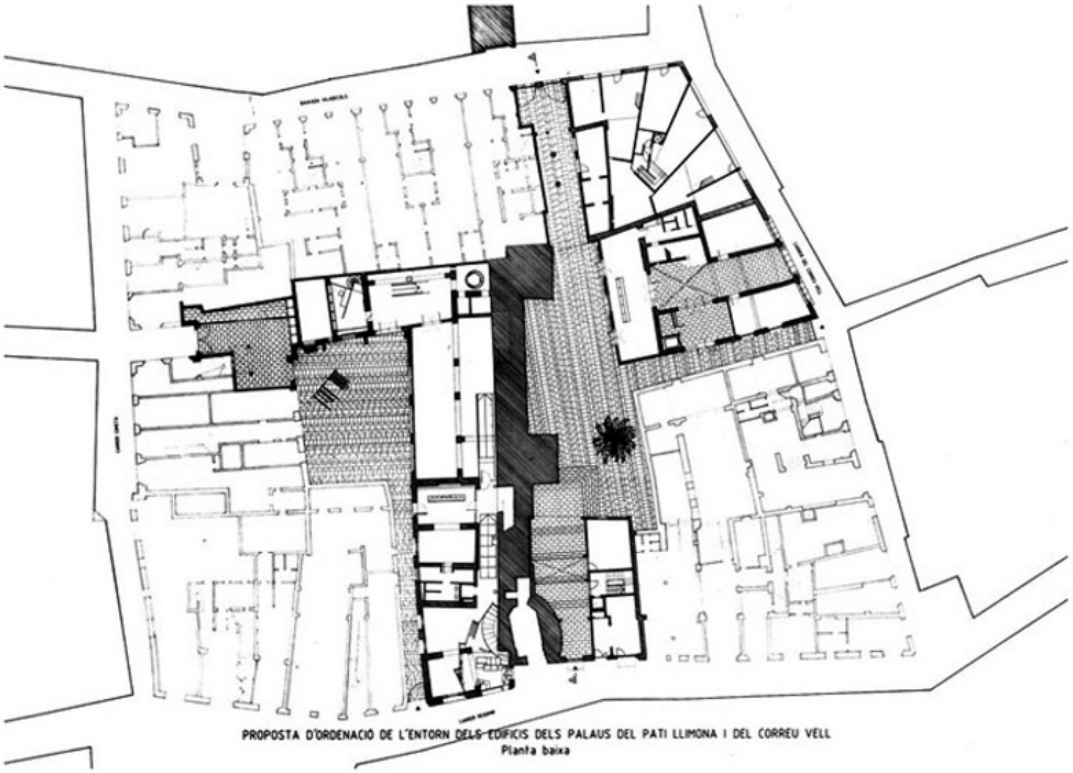
---

73. (…) se adivina la doble pulsion de interesarse vivamente por la complejidad de actuar – intelectual y materialmente – sobre los testimonios históricos y, a la vez, de destanciarse de las posiciones normativas y sus correspondientes afanes de ortodoxia." Ibidem, p. 7

74. Nas palavras de Xavier Costa, op. cit., p. 8.

75. " (…) a la renovada valoración del património histórico y su conservación, reconstrucción o alteración desde la actividad presente." (tradução livre) Ibidem., p. 8.

76. Xavier Costa, op. cit., p. 7.



|Imagem 185| - Palau Pati Llimona I Correu Vell, proposta de intervenção de Ignasi de Solà-Morales.

A *intervenção* vem aliada, deste modo, a um problema de interpretação de uma arquitectura existente, "porque as possíveis formas de *intervenção* que se projectam são formas de interpretar o novo discurso que o edifício pode produzir."[77].

A *intervenção*, no termo maximizante geral (referente ao primeiro sentido), deve considerar as formas de actuar/projectar como formas interpretativas, que se traduzem em diferentes versões de uma ideia que se produz no seguimento da arquitectura como "(…) uma actividade reflexiva e com uma conceptualização suficientemente geral de modo a encarregar-se deste problema." [78].

Assim, a *intervenção* apresenta-se como um problema de interpretação, como em Ruskin e a defesa de uma *não-intervenção*, ou Viollet-le-Duc e a *intervenção* de "restauro estilístico" - neste caso, em que o arquitecto era apenas o intermediário, que "obedecia" ao discurso que o edifício queria tomar. Pode quase afirmar-se que a atitude intervencionista de Viollet-le-Duc não era uma *intervenção interpretativa,* mas que visava responder ao que o edifício "pretendia ser" e não uma interpretação subjectiva por parte do arquitecto.

O principal problema da actualidade, para Solà-Morales, é repensar a relação entre os arquitectos e os edifícios históricos. É necessária a atitude de intervenção projectual, mas também a distância que permite a protecção e a conservação de uma arquitectura existente.

Em forma de conclusão, Ignasi afirma que os problemas de arquitectura histórica são, primeira e fundamentalmente, problemas de arquitectura e que, assim, a arquitectura do passado deve estabelecer um diálogo com a arquitectura do presente. Refere ainda no seu livro, que o edifício tem capacidade se de expressar e que, assim, os problemas de arquitectura e da arquitectura histórica não são problemas abstractos nem problemas que "possam ser formulados de uma vez por todas". Estas são, para o arquitecto, as principais lições que se devem retirar das anteriores teorias do restauro.

(…) Solà-Morales defende a intervenção como uma exégesis arquitectónica, uma interpretação única, pessoal, entre o texto e o leitor, por sua vez entre o passado e o presente. [79]

---

77. "En realidad, todo problema de intervención es siempre un problema de interpretación de una obra de arquitectura ya existente, porque las posibles formas de intervención que se plantean siempre son formas de interpreter el nuevo discurso que el edificio puede producer." (tradução livre) Ibidem., p. 15.

78. (…) la arquitectura es una actividad reflexiva y con una conceptualización suficientemente general como para hacerse cargo de este problema." (tradução livre) Ibidem., p.16.

79. "(…) Solà-Morales defiende la intervención como una exégesis arquitectónica, una interpretación única, personal, que resulta de la fusion entre texto y lector, a la vez que entre pasado y presente." (tradução livre), Xavier Costa, op.cit., p. 9.



|Imagem 186| - Convento de Santa Maria do Bouro / Pousada, intervenção do Arq. Souto de Moura.

Numa aula lecionada no âmbito do Ciclo de Aulas Abertas "Mapas e Diálogos na Arquitectura Contemporânea"[80], na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, o Arquitecto **Souto de Moura** propôs-se a falar de obras onde expõe "três critérios de recuperação"[81] em edifícios pré-existentes.

O primeiro exemplo que o Arquitecto expõe é o Convento de Santa Maria do Bouro, onde propõe uma relação com a arquitectura do passado utilizando materiais existentes. Utiliza a pedra com a mesma histerotomia e, nas palavras do arquitecto o projecto "(…) é radicalmente um edifício moderno feito com pedras antigas."[82]

A proposta é de uma pousada e, apesar da aparente semelhança programática, as celas do mosteiro tiveram de ser readaptadas de modo a tornarem-se compatíveis com o programa destinado aos quartos. Como Souto de Moura explica, parte do interior do mosteiro teve de ser demolido. Outras alterações tiveram lugar no sentido de responder às funções do programa, no entanto, manteve-se na sua maioria o exterior do mosteiro, recuperando o que não entrasse em conflito, e utilizando a pedra como material que estabelecia a relação entre a o passado e a intervenção do presente.

Outra questão levantada pelo arquitecto foi na forma como se manifestaria a acção do século XX, à qual chama de "moderna", em relação à pré-existente. Para isso, propõe a adição de uma parte ao conjunto do edifício, em pedra, utilizando técnicas actuais (de cálculo, por exemplo) que permitiram a execução de padieiras neste material.

Com esta solução, foi possível atribuir uma linguagem da actualidade, sem o prejuízo de uma grande ruptura. Aproxima-se à sugestão da Carta de Atenas em que se permitem as intervenções recorrendo às novas tecnologias, desde que estas não percam o seu carácter.[83]

---

80. Ciclo de Aulas Abertas "Mapas e Diálogos na Arquitectura Contemporânea – Escalas" por Arq. Eduardo Souto de Moura, alterada para "Projectos de recuperação e restauro", 3 de Maio de 2017, Porto; O Ciclo decorreu entre o dia 1 de Fevereiro e o dia 3 de Maio de 2017, na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto. Organizada pelo Prof. Doutor Luís Viegas e pelo Prof. Doutor Rui Américo Cardoso, com âmbito na linha de investigação "Diálogos entre a Prática e a Didática em Arquitetura: Produção, Ensino e Investigação", no grupo de investigação "Morfologias e Dinâmicas do Território".

81. Ibidem.

82. Ibidem.

83. Referido na página 177.



|Imagem 187| - Convento das Bernardas, Tavira, intervenção do Arq. Souto de Moura.

Souto de Moura afasta-se, igualmente, da posição de Camillo Boito quando reflecte sobre umas escadas para o projecto. Segundo o arquitecto, "(…) tinha uma teoria que tudo o que era novo para distinguir do antigo era feito em pedra, mas pedra vermelha, pedra de Verona. Para poder distinguir."[84]. No entanto, questiona-se porque é que tem de distinguir se tudo faz parte da mesma construção de arquitectura. Souto de Moura apresenta, assim, uma reflexão acerca da coerência entre a materialidade do edifício e o seu próprio conjunto.

O segundo exemplo corresponde ao projecto para o Convento das Bernardas, em Tavira. Nele, o arquitecto reflecte sobre o papel do programa na conservação de um edifício. Para este, "O melhor exemplo de utilização de Património, aquilo que salva o património e que o conserva é o uso. E se Roma está de pé é porque foi usada."[85]. Assim, propõe a construção de apartamentos, onde a arquitectura que projecta não é um objecto, mas um fragmento de cidade. Propõe ainda a construção de novos apartamentos, nas proximidades do Convento, que permitem a criação de uma rua.

Quando projecta a abertura dos vãos do edifício, Souto de Moura, de modo a resolver o problema da materialidade "em terra e pedra solta"[86] que perderia a sua força estrutural assegurada pelas paredes portantes, propõe uma espécie de "reforço" em betão. Mais uma vez, a inovação técnica permite intervir no património, possibilitando soluções que seriam impossíveis caso fosse ignorada.

Para "fechar" o edifício, o arquitecto propôs um volume longitudinal, que se viria a verificar coincidente com a pré-existência. Constrói com os mesmos materiais "em terra e pedra solta", e volta a reforçá-los com betão e abrir os vãos, numa tentativa de manter a linguagem do conjunto. Souto de Moura, no Convento das Bernardas, recorre à inovação técnica e intervém de maneira semelhante no que se refere à nova intervenção e à arquitectura do passado.

A terceira intervenção é no edifício de São Lourenço do Barrocal, em Reguengos de Monsaraz.

Neste projecto, o arquitecto projecta o remate de partes se encontravam por acabar, "(…) na mesma linguagem, sem querer fazer uma escrita dissidente, mantendo a mesma caligrafia."[87]. É curioso notar a vontade de equiparar o exercício escrita ao exercício da arquitectura, tanto em Souto de Moura, como em Solà-Morales.

---

84. Ibidem.

85. Ibidem.

86. Expressão utilizada pelo arquitecto; Ibidem

87. Arquitecto Eduardo Souto de Moura, "Mapas e Diálogos na Arquitectura Contemporânea – Projectos de recuperação e restauro".



|Imagem 188| - São Lourenço do Barrocal, intervenção do Arq. Souto de Moura.

Neste projecto desenha-se o novo à imagem do antigo e, portanto, a relação entre o edifício existente e o novo é quase como uma tentativa de prolongar a imagem que seria a da arquitectura do passado, repetindo. Como Xavier Costa explica, "A repetição, segundo Deleuze, opõe-se à memória, ao exercício da remanescência, para se projectar em direção ao futuro, impulsionada pelas forças do inconsciente."[88], referindo também a posição de Ignasi de Solà-Morales cuja visão de "repetição" é "como novidade, como mecanismo de liberdade, de morte e de vida; a repetição como nova moral para além do hábito e da memória. Uma repetição que só se torna tensa e criativa com as fissuras da diferença, com o desequilíbrio, a inovação, a abertura e o rasgo."[89]

Para Souto de Moura, não era apenas o edifício que constituía o valor da pré-existência, mas sim todo o ambiente, a paisagem, a geografia. Neste caso, segundo a interpretação do arquitecto, era necessário manter uma linguagem, que contribuísse para salvaguardar os valores que interessavam na pré-existência enquanto parte de um conjunto: "Mas aqui, para manter este ambiente, eu recuperei fazendo igual."[90]

Construiu-se com as mesmas técnicas, com os mesmos materiais, uma "repetição" que integra a obra no "ambiente".

Em suma, o Arquitecto Souto de Moura projecta consoante a pré-existência e o seu contexto Cada projecto de *recuperação*, à semelhança de qualquer exercício de arquitectura, é diferente e, por isso, apresenta soluções diversas. Também o arquitecto, enquanto ser individual e criativo, interpreta e projecta através de uma atitude reflexiva pessoal.

Note-se que o arquitecto Solà-Morales refere-se a *intervenções*, que constitui um sentido mais amplo quanto ao tipo de acção em relação à pré-existência, enquanto o Arquitecto Souto de Moura utiliza o termo *recuperação*, que possui um significado mais concreto, de retoma de algo que se perdeu, de dar uma nova "força" ou uma nova "vida".

88. "La repetición, según Deleuze, se opone a la memoria, al ejercicio de la reminiscência, para proyectarse hacia el futuro, impulsada por las fuerzas del inconsciente." (tradução livre) em SOLÀ-MORALES, Ignasi, *Intervenciones*, p. 11

89. "Solà-Morales ampliará esta visión de la repetición 'como novedad, como mecanismo de liberdad, de muerte, y vida; la repetición como nueva moral más allá del habito y de la memoria. Una repetición que sólo se hace tensa y creativa com las grietas de la diferencia, com el desequilobrio, la innocación, la apertura y el riesgo.'" (tradução livre); Ibidem, p.11.

90. Arquitecto Eduardo Souto de Moura, "Mapas e Diálogos na Arquitectura Contemporânea – Projectos de recuperação e restauro".



|Imagem 189| - Maqueta da Casa Senhorial e da antiga fábrica da Quinta do Engenho Novo, 1:200.

4.2. A Ruína no Projecto

para o Parque Municipal
da Quinta do Engenho Novo



|Imagem 190| - Maqueta da Casa Senhorial e da antiga fábrica da Quinta do Engenho Novo, 1:200.

"(...) préparer au lierre et au temps un ruine plus belle que les autres..."[91]

As ruínas da Quinta do Engenho Novo são um dos principais motivadores de afluência ao parque. O seu ambiente de mistério e de contemplação, suscitam a curiosidade e animam um lugar que outrora foi uma fábrica e uma casa senhorial.

No início do século XVIII, em Inglaterra, surgiu um movimento cultural, o "Pitoresco", que, em termos práticos, se manifestou inicialmente através de parques e jardins. A base subjacente deste movimento desenvolveu-se igualmente através da estética e da pintura. Aliás, a palavra "pitoresco" tem como seu significado "picture-like"[92], isto é, como uma pintura. Embora a ruína muita das vezes participasse na composição do parque, tal como o nome indica, destinava-se sobretudo a criar uma imagem.

O Romantismo surge no final do século XVIII e prolonga-se até ao século XIX. Existe, para além das características humanistas e individualistas, e da contemplação pela natureza, uma nostalgia que, muitas das vezes, é representada pela ruína. No entanto, não se pode referir o Romantismo como uma corrente ou estilo arquitectónico como nos referimos à Arquitectura Clássica, Gótica, Barroca ou Renascentista. Esta está relacionada tanto às artes, como a pintura e a escultura, como à literatura e é representativa da nostalgia e de uma vontade contemplativa.

Nos séculos XX e XXI também houve interesse em explorar a ruína como integrante na arquitectura. O arquitecto Álvaro Siza, na casa Alcino Cardoso (1970-1973) propõe uma "ruína", a ser construída, como portal de entrada para a piscina. Nela, fundem-se elementos vegetativos que, em conjunto com a pedra, se reflectem na água.

O Arquitecto Souto de Moura também "aproveita" os pilares do seu antigo projecto de um mercado em Braga para um novo projecto, a Escola de Música do Bonfim, no mesmo local. Os pilares orientam o caminho que percorre o edifício e são parte da composição do jardim.

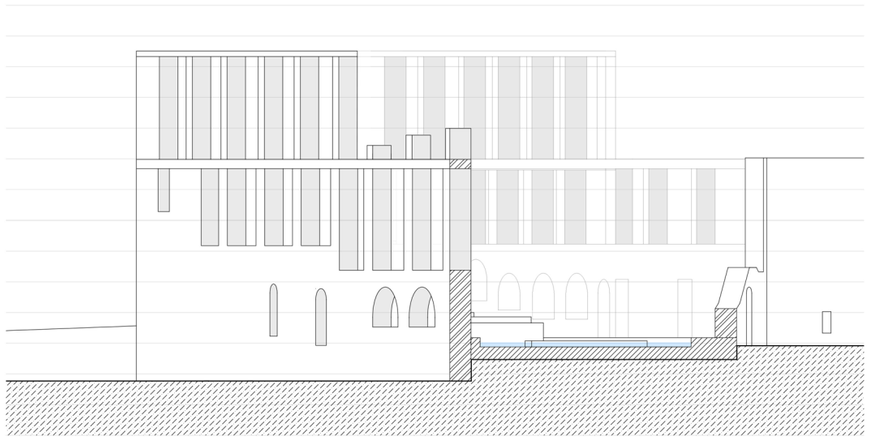
Poderá, então, a ruína ser Arquitectura, ou apenas mero elemento representativo e pictórico de um determinado ambiente?

---

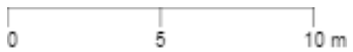
91. Citado por Eduardo Souto de Moura para caracterizar a abordagem ao seu primeiro projecto construído. Vd. AAVV. Eduardo Souto Moura – Editorial Blau, Lisboa, 1996, p.37.

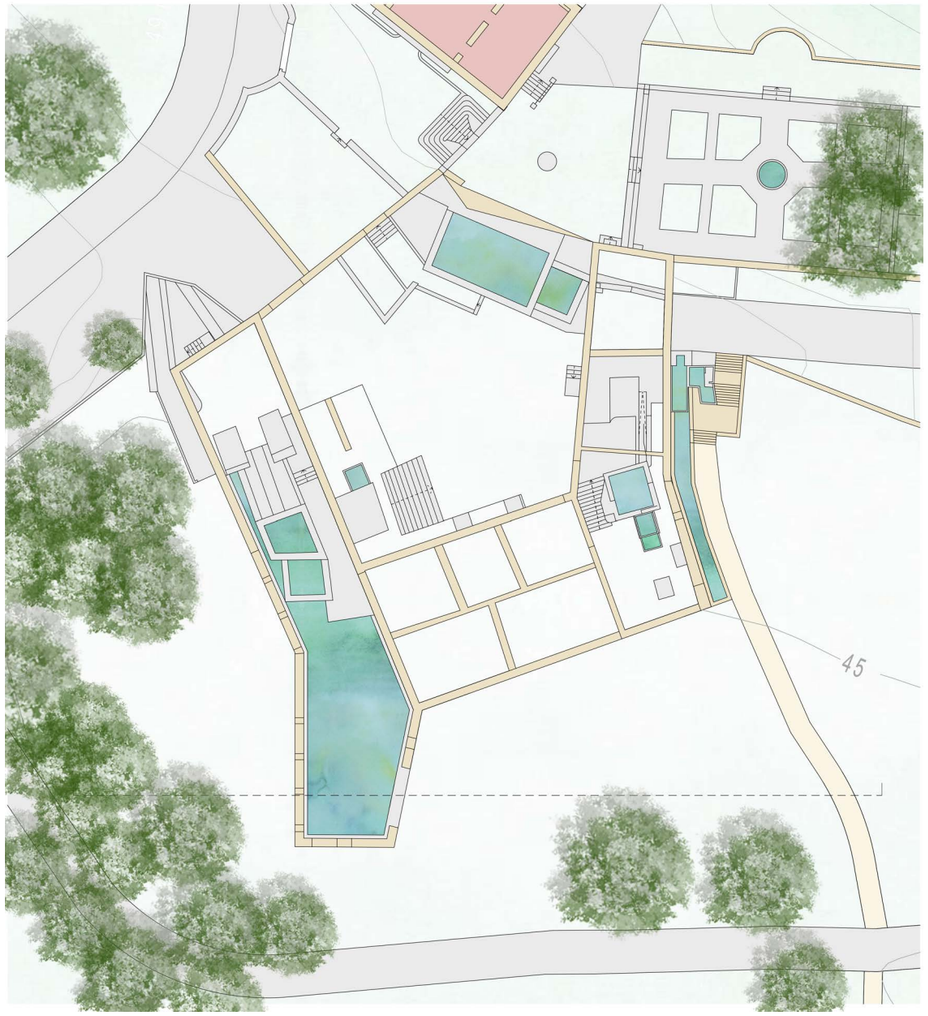
93. Em https://www.etymonline.com/search?q=picturesque [em linha], [Consultado 20 de maio 2020]

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.

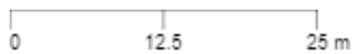


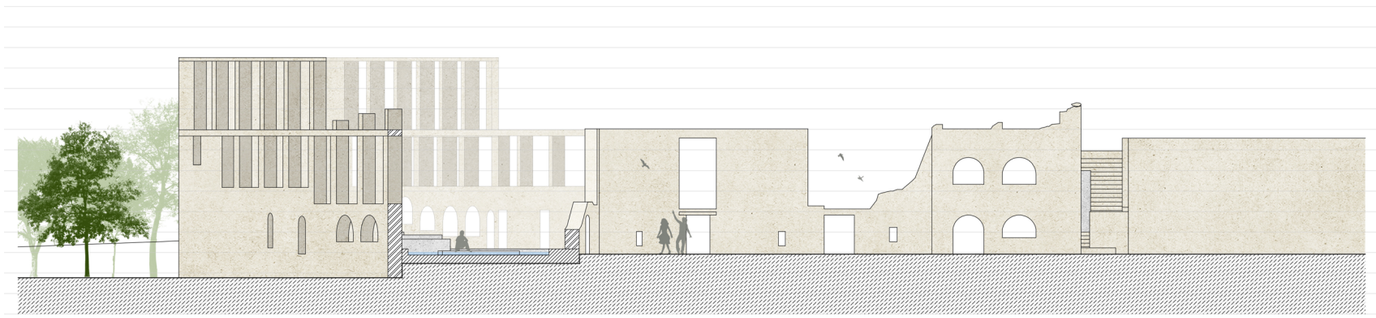
|Imagem 191| - Corte RA/RA' (aproximação), escala 1:200.



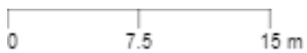


|Imagem 192| - Planta de Intervenção na Ruína, escala 1:500.





|Imagem 193| - Corte RA/RA', escala 1:350.



As soluções de Souto de Moura e Siza Vieira comprovam que, de facto, a ruína pode ser arquitectura, na medida em que esta se torna espaço ou parte do espaço vivido.

As ruínas da antiga fábrica do Engenho Novo, para além de serem pictoricamente interessantes, constituem um lugar onde é permitido percorrer e estar. A sua beleza é conferida pela métrica e ritmo dos vãos, conjugados pela organicidade e aleatoriedade dos elementos vegetativos. A aparente "morte" do edifício e a sua estaticidade contrastam com a vida e o movimento do que é "natural". A ruína é, neste caso, "estar dentro" e "estar fora", é "arquitectura" e "natureza", é "estar naquele espaço" e "estar noutro" – imaginativo e contemplativo.

Deste modo, e consoante a interpretação da ruína da antiga fábrica, mantém-se o desenho da ruína sugerindo-se, no entanto, algumas acções interventivas. Estas acções são sobretudo de "conservação" e "manutenção" do edifício existente, intervindo em questões estruturais e de segurança. Propõe-se ainda a reativação de alguns dos dispositivos de água, bem como a criação de um espelho de água para um dos corpos que constituem o edifício. A presença da água nos tanques e antigos "dispositivos" e "contentores" referentes à maquinaria papeleira é justificado pela anterior presença da água nestes, bem como o interesse enquanto elemento que a água possui na dinâmica e composição destes espaços. O projecto do espelho de água vem no seguimento das enchentes que ocorrem em épocas de pluviosidade abundante (Outono, Inverno e Primavera), que danificam progressivamente a estrutura do edifício. Propõe-se um depósito que possa conter essa água, soterrado a norte da ruína (onde existe a inundação), filtrando e encaminhando-a para os elementos arquitectónicos destinados à sua presença, incluindo o espelho de água. O excedente deverá ser encaminhado para o Rio Maior.

Para evitar o contacto entre a água e a estrutura, propõe-se um contentor que percorra o perímetro interior da ruína onde se situa o espelho de água, como uma espécie de "bacia", em betão ciclópico, texturado e com tonalidade aproximada à da ruína.

Quanto à ruína da casa senhorial, sugere-se que esta seja intervencionada, sobretudo no seu interior, tentando manter alguns dos seus elementos arquitectónicos. Na presente dissertação não será exposto o seu programa e projecto, porém, recomenda-se uma intervenção de "recuperação" com um programa de carácter público (uma biblioteca da freguesia, por exemplo) que se enquadre na lógica proposta para o parque.

Quanto à diferente intervenção nas ruínas, considera-se que esta não irá ser dissonante na lógica do conjunto pois a linguagem arquitectónica da Casa Senhorial é distinta da linguagem arquitectónica da fábrica.

5. O Projecto *In Nuce*

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 194| - Planta Geral da Proposta para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, escala 1:2000.

A apresentação do projecto na presente dissertação partiu do particular para o geral, de modo a expor os elementos e problemas que o compõem e que motivaram o estudo. No entanto, a proposta para o Parque foi pensada segundo uma lógica de conjunto.

Deste modo, o presente capítulo é o remate dessa mesma exposição e apresentação, em que o projecto é explicado como um todo, e não um somatório das suas partes. Quanto ao programa, este não foi um dado *a priori,* mas resultante do estudo e do desenvolvimento do projecto.

A proposta insere-se numa lógica de sistema ecológico e patrimonial inserido no território: "A Rota dos Engenhos" e a "Rota do Rio Maior".

Enquanto espaço público, o desenho do parque estrutura-se, de forma muito esquemática, da seguinte maneira: 1. um ribeiro a Noroeste e Poente – o Rio Maior; 2. o eixo longitudinal que percorre o terreno do parque, Nascente/Poente; 3. o eixo transversal que percorre o parque, Norte/Sul; 4. o cruzamento entre esses dois eixos, onde se encontra um espaço de planimetria circular, pontuada por uma fonte ao centro; 5. o extremo Poente do eixo longitudinal que é rematado por uma plataforma/miradouro (que estabelece o contacto com os edifícios de importância patrimonial) e o extremo Nascente que é marcado por uma das principais entradas; 6. um percurso circular do parque através do projecto do Treetop e de caminhos propostos; 7. As ruínas que se encontram num dos limites do parque e o Clube de Ténis. [93]

Evidentemente que a estrutura enunciada é, sobretudo, planimétrica. Trata-se de uma tentativa sumária de explicar o projecto enquanto conjunto. No entanto, é reflectida atendendo à morfologia e outras condicionantes do terreno e do seu contexto. Veja-se o exemplo do Treetop Walk, um percurso que projectou atendendo às diferenças altimétricas do terreno e à sua relação com o entorno.

Assim, o projecto do parque não se trata de algo isolado, onde o somatório das partes se juntam, mas sim um projecto que estabelece uma relação com o território, tentando entender as lógicas que o potenciam enquanto espaço público exterior e que considerem o património contruído e ecológico enquanto elementos de valor no parque.

93. Ver |Imagem 195|

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



|Imagem 195| - Planta Geral da Proposta para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo - Esquema da Estrutura, escala 1:2000.

6. Considerações Finais



|Imagem 196| - Pormenor da Maqueta do terreno do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, 1:1000.

Pretende-se agora, e em forma de epílogo, tecer algumas considerações acerca da presente dissertação. A primeira, relacionada com a posição do arquitecto enquanto pessoa que, na sua profissão, é o criador de novas circunstâncias, que organiza o espaço e que, de certo modo, gera novas realidades – desde a escala do pormenor à escala urbana e territorial.

A segunda, que independentemente do tipo de intervenção desenhada pelo arquitecto, o projecto é sempre um projecto, inserido num contexto seja ele composto por edifícios pré-existentes ou outro tipo de elementos que o compõem. A intervenção em arquitectura parte sempre de uma acção interpretativa por parte do arquitecto, com uma dimensão pessoal, considerando um certo afastamento que lhe permite entender uma realidade na qual vai projectar. É uma atitude reflexiva entre o que o arquitecto pensa e a mão desenha, concretizando o projecto na obra inserida no lugar para a qual foi projectada.

Desde o desenho da "Rota dos Engenhos" e da "Rota do Rio Maior", até à proposta para as ruínas da Quinta do Engenho Novo, o projecto foi uma acção constante de aproximação e afastamento, de pensamento e de revisita, numa tensão que vai desde conhecer tão bem o lugar quanto desconhecê-lo, de maneira a que este se torne, de certo modo, independente do seu criador, mas que a sua acção contribua para a mudança e benefício daquela circunstância.

O Parque da Quinta do Engenho Novo é um exemplo de lugar que, ao permanecer "esquecido" e sem qualquer tipo de intervenção, vai perdendo a sua vitalidade. Um lugar "vivo" é um lugar "vivido". A arquitectura só se concretiza com a presença do Homem.

Que seja assim o arquitecto – homem entre os homens – organizador do espaço – criador de felicidade.[94]

94. TÁVORA, Fernando - *Da Organização do Espaço*, p. 75.

X. Anexos

I. Inventário de Espécies



Chapim Rabilongo



Andorinhão Preto



Ferreirinha Comum



Pombo Comum



Gaio Comum



Pisco de Peito Ruivo



Melro Preto



Alvéola Branca



Cuco Comum



Chasco Cinzento



Petinha dos Prados



Andorinha das Barreiras



Rouxinol



Tentilhão Comum



Borrelho Grande de Coleira



Pêga Rabuda



Picapau Malhado Grande



Trepadeira Comum



Mocho Galego



Coruja das Torres



Coruja do Mato



Milhafre Real

|Conjunto de Imagens 197| - Inventário de espécies do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.



Coelho Europeu



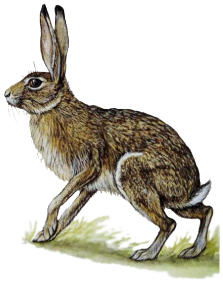
Javali



Morcego-de-Ferradura-Pequena



Ouriço-Terrestre



Lebre Comum



Esquilo Vermelho



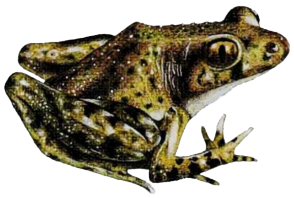
Toupeira Europeia



Rã-Verde



Rã-Comum



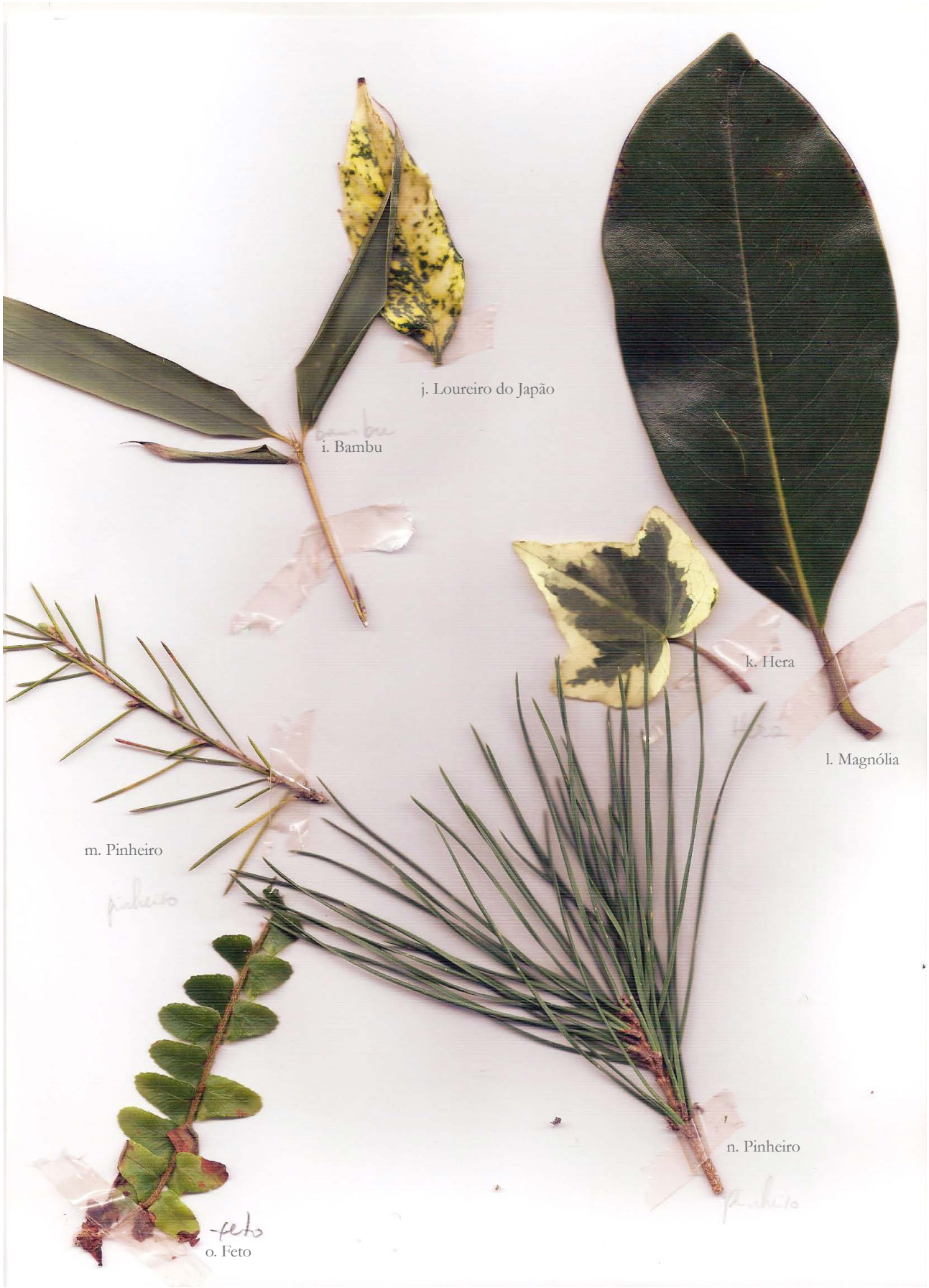
Sapo Europeu

|Conjunto de Imagens 198| - Inventário de espécies do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.



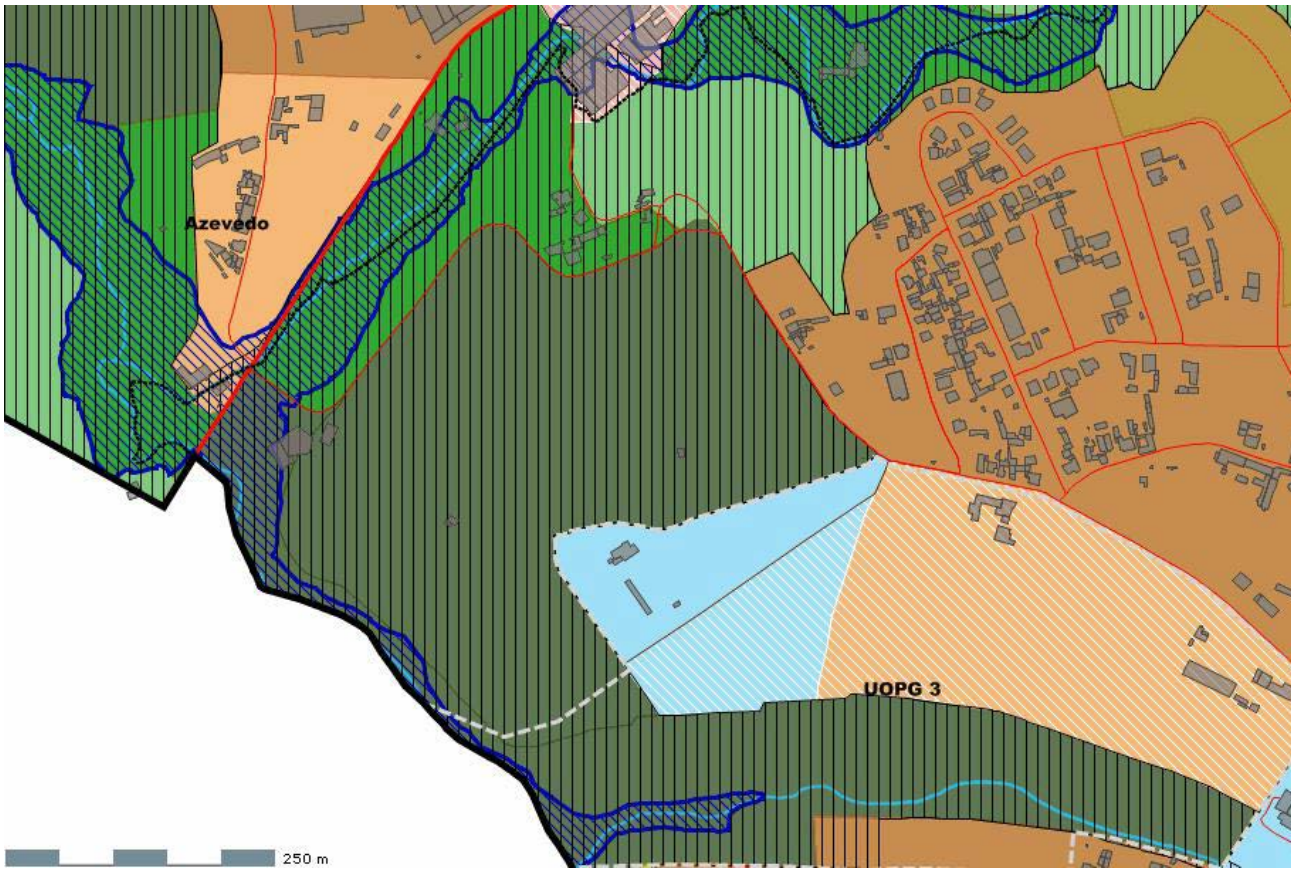
a. Camélia
b. Carvalho
c. Acácia
d. Ginjeira
e. Eucalipto
f. Bétula
g. Sobreiro
h. Cedro

|Imagem 199| - Levantamento de Espécies no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo - Flora 1/3 (27 de fevereiro 2020)



|Imagem 200| - Levantamento de Espécies no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo - Flora 2/3 (27 de fevereiro 2020)

II. Documentos



|Imagem 201| - "Mapa PDM - Ordenamento - Classificação Solo"

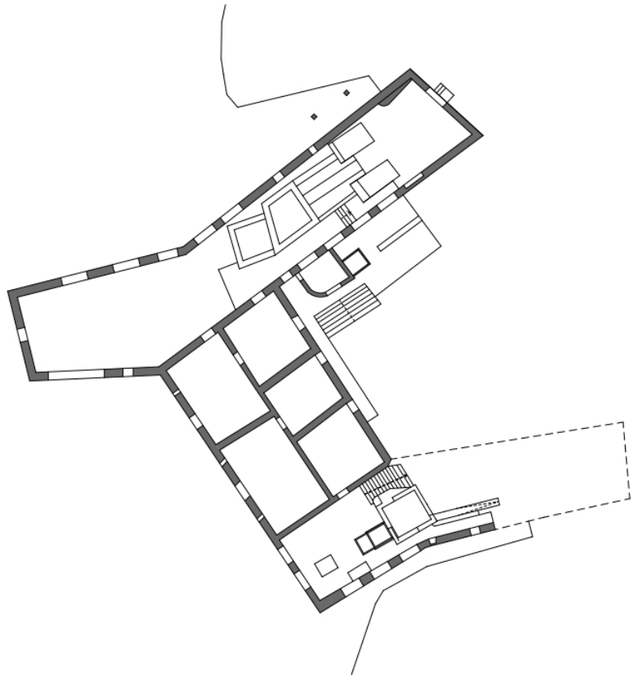
Espaço Rural

- Espaço Agrícola
- Espaço Florestal de Produção
- Espaço de Exploração de Recursos Geológicos
- Aglomerado Rural
- Espaço Verde de Recreio e Lazer
- Espaço de Equipamentos e Infraestruturas

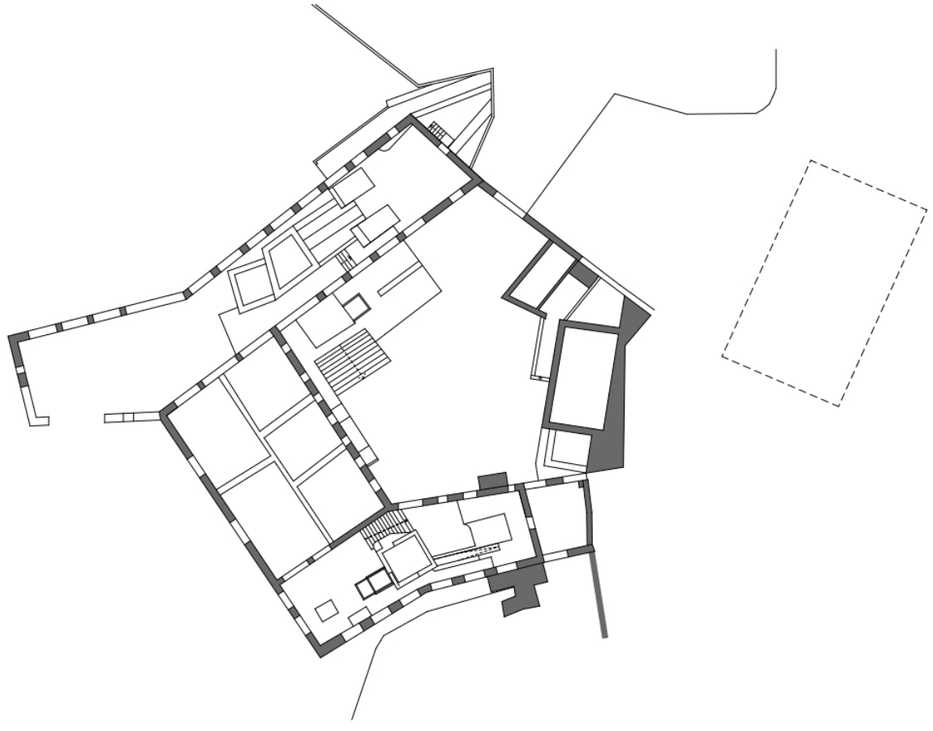
Espaço Comum ao Solo Urbano e Solo Rural

- Estrutura Ecológica Municipal
- Zonas Inundáveis e Ameaçadas Pelas Cheias
- Espaço Canal

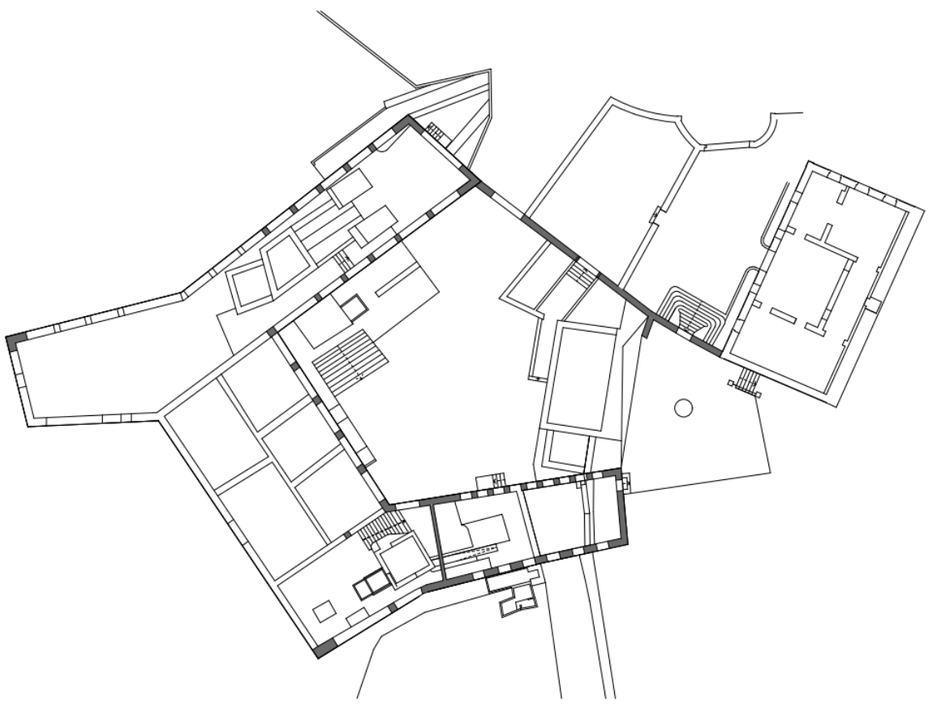
III. Levantamentos



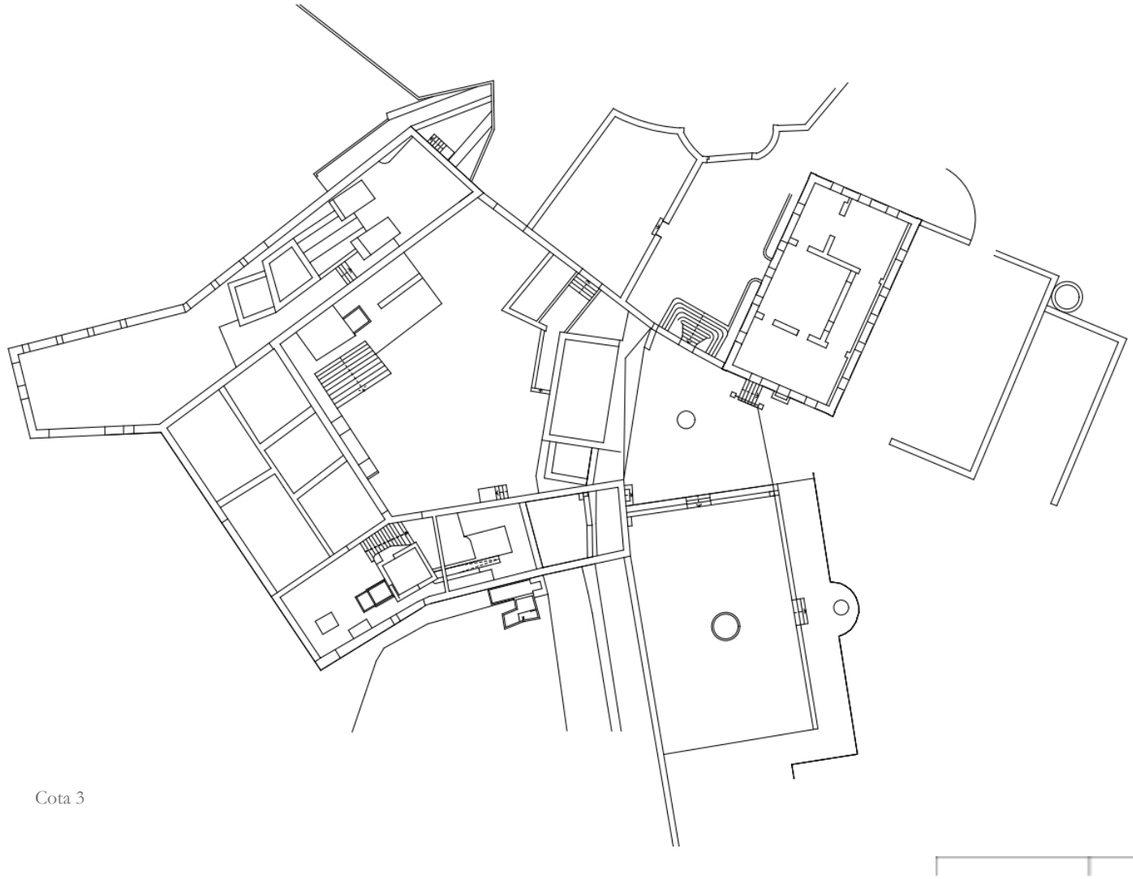
Cota piso térreo



Cota 1



Cota 2

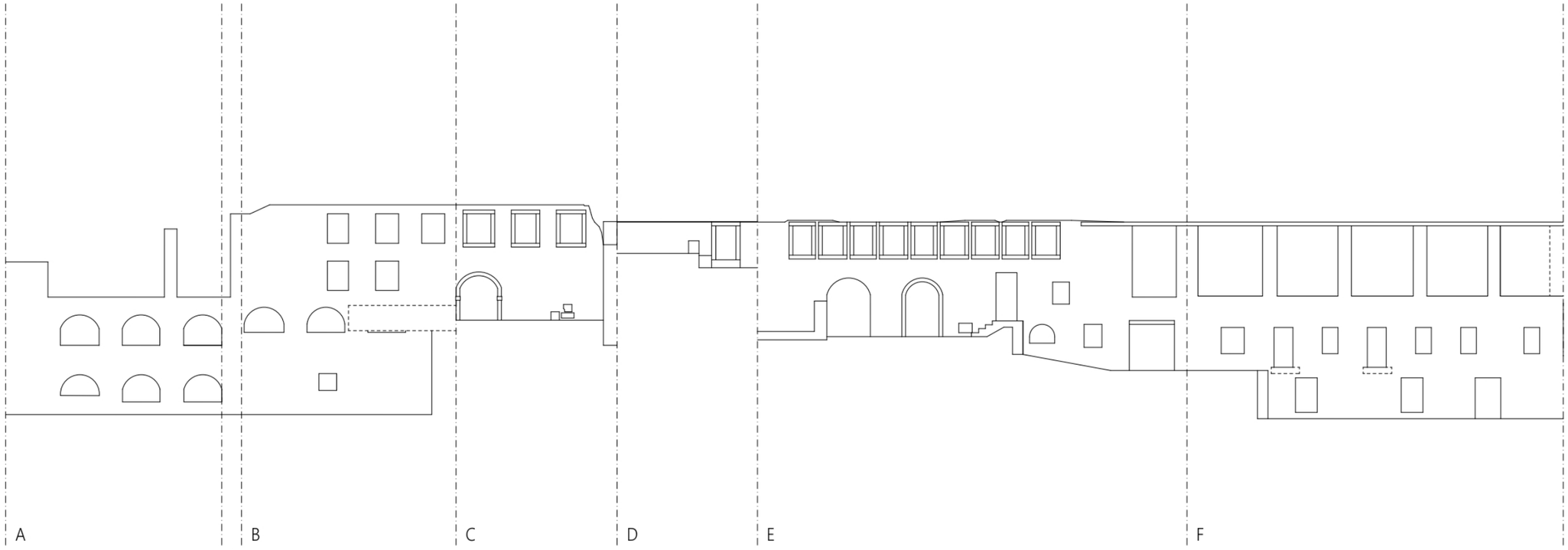


Cota 3

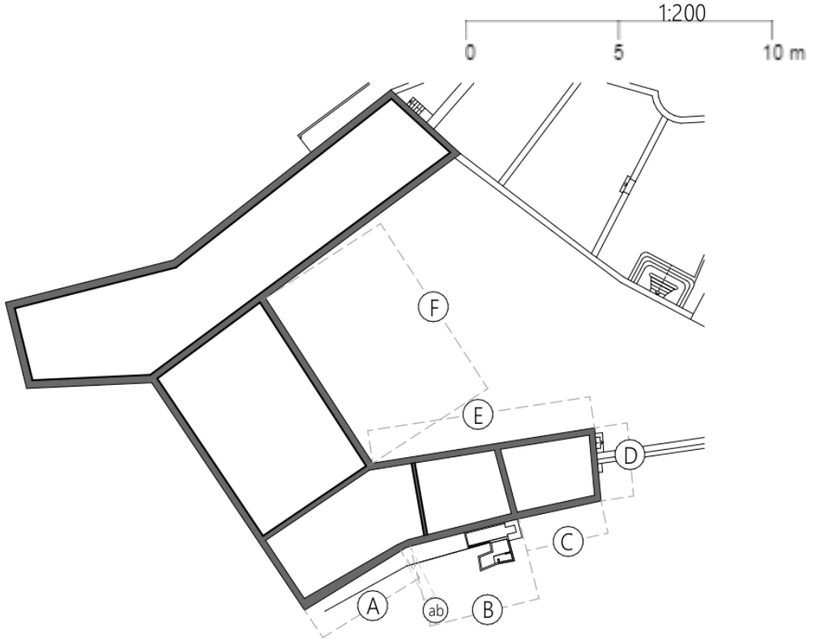
0 12.5 25 m

|Imagem 202| - Levantamento - Plantas da ruína da fábrica do Engenho Novo, 1:500

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



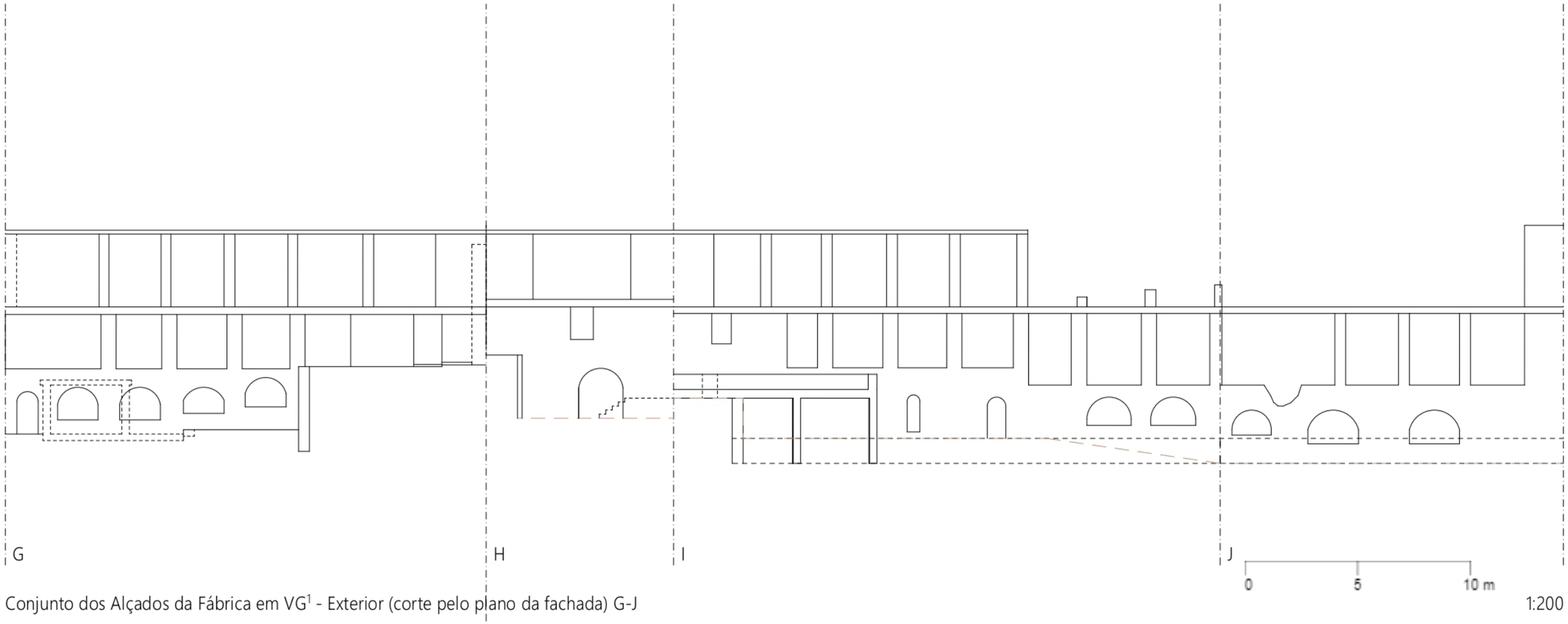
Conjunto dos Alçados da Fábrica em VG[1] - Exterior (corte pelo plano da fachada) A-F



VG - Verdadeira Grandeza

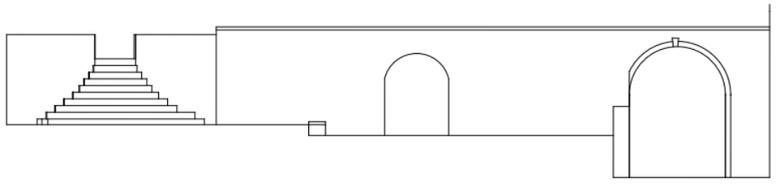
|Imagem 203| - Levantamento - Alçados da ruína da fábrica do Engenho Novo, 1:200

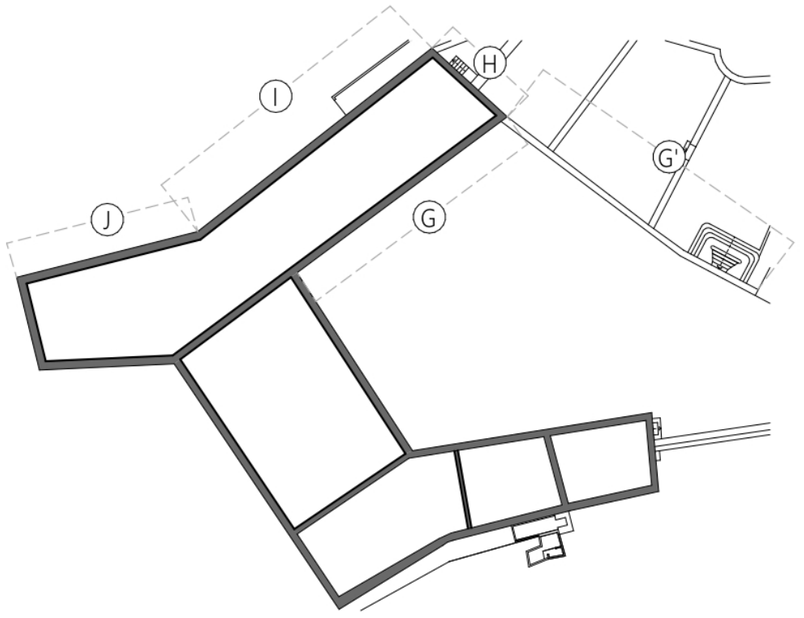
A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



Conjunto dos Alçados da Fábrica em VG[1] - Exterior (corte pelo plano da fachada) G-J

1:200

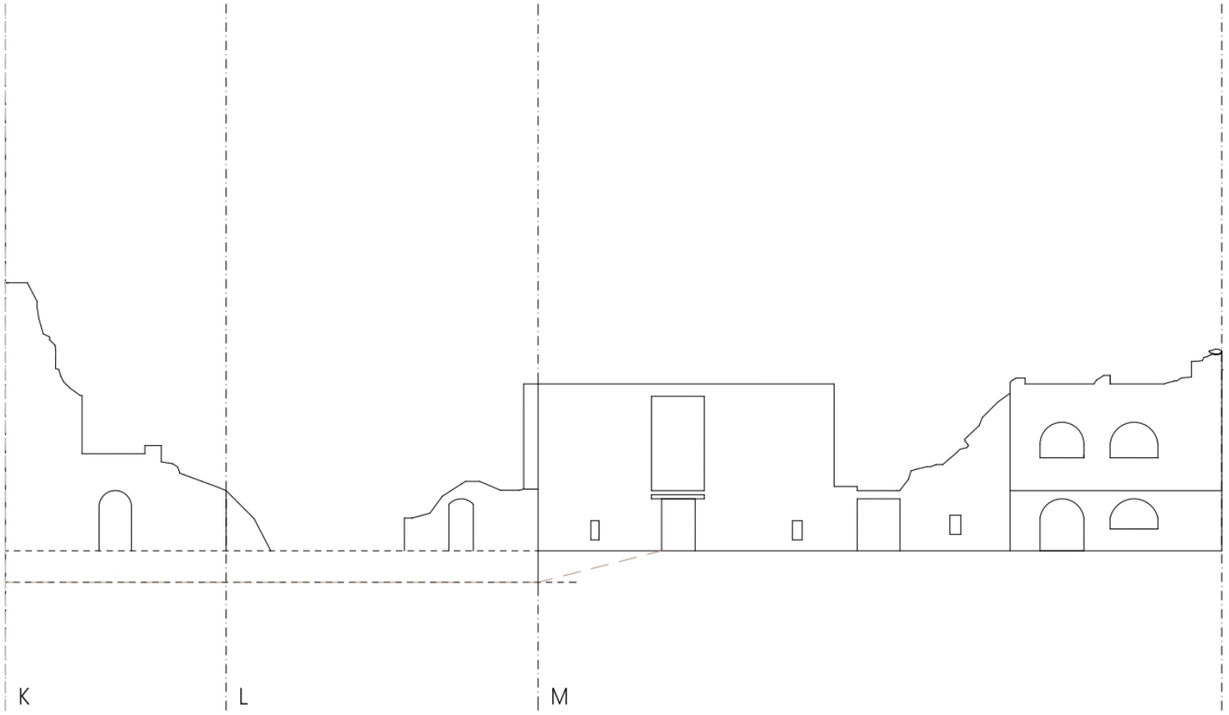




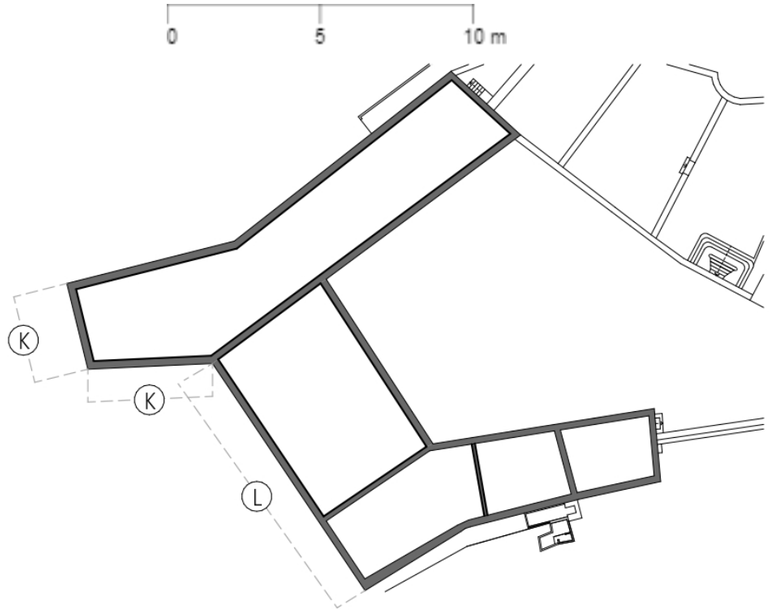
|Imagem 204| - Levantamento - Alçados da ruína da fábrica do Engenho Novo, 1:200

VG - Verdadeira Grandeza

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



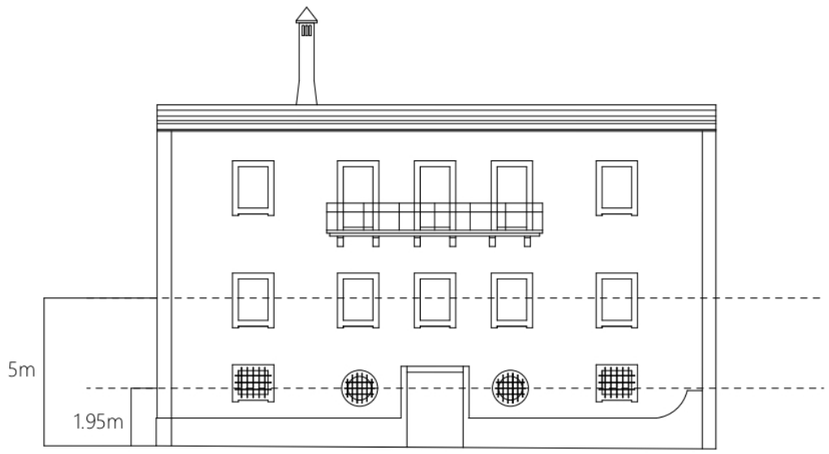
Conjunto dos Alçados da Fábrica em VG[1] - Exterior (corte pelo plano da fachada) A-F 1:200

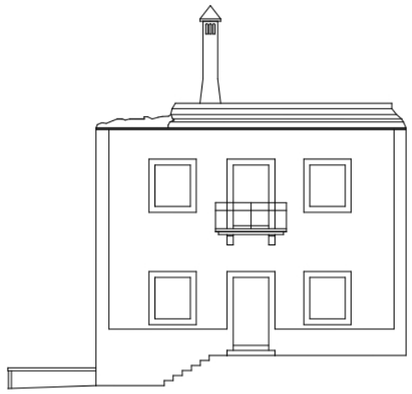


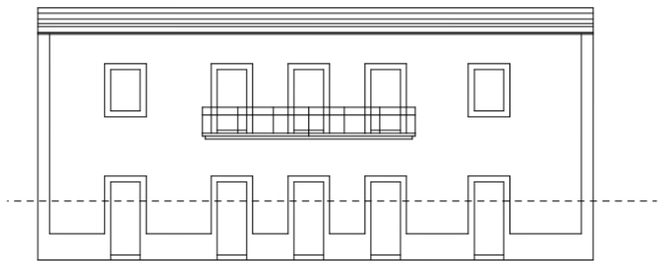
VG - Verdadeira Grandeza

|Imagem 205| - Levantamento - Alçados da ruína da fábrica do Engenho Novo, 1:200

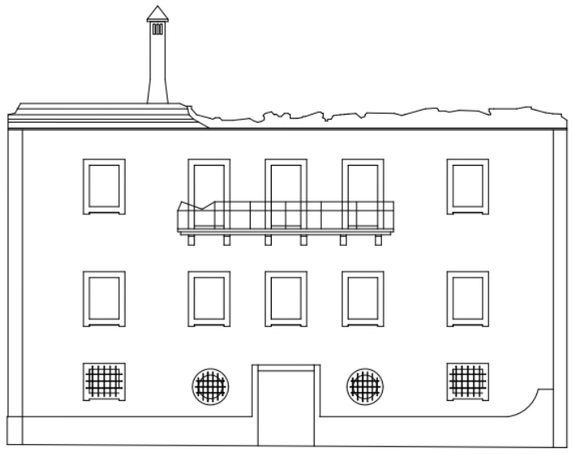
A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.



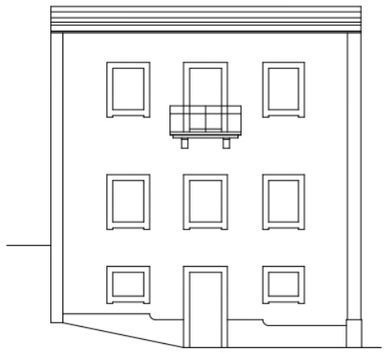




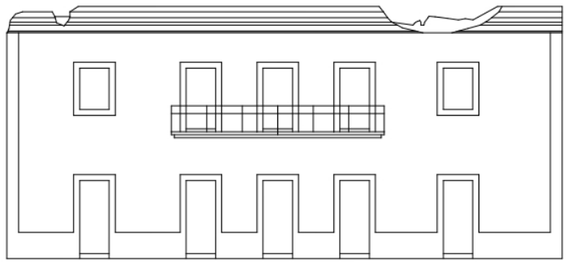
Alçado da Casa Senhorial em VG[1] - Exterior (corte pelo plano da fachada) B



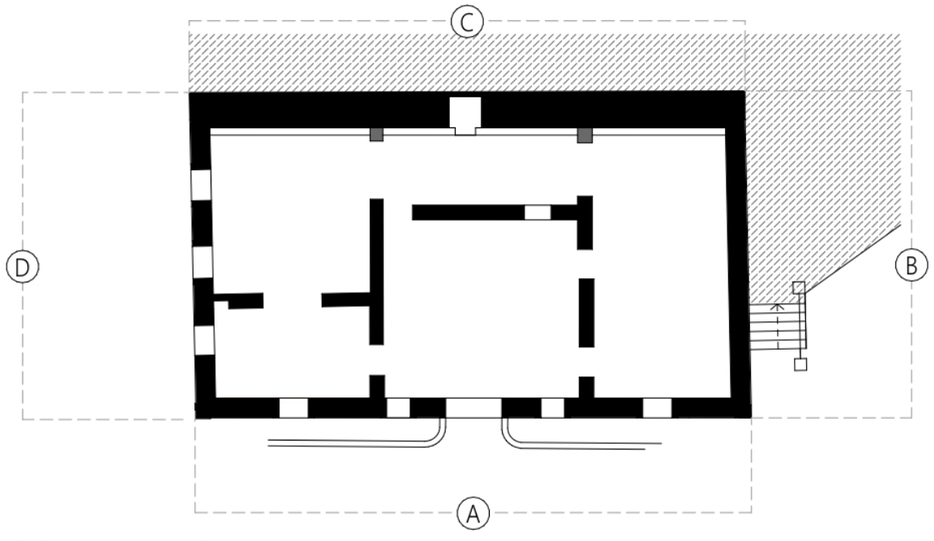
Alçado da Casa Senhorial em VG[1] - Exterior (corte pelo plano da fachada) A



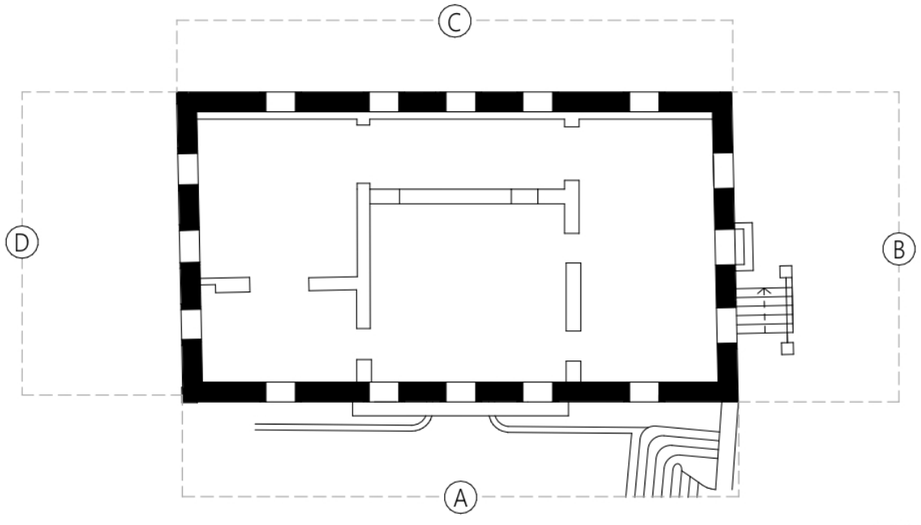
Alçado da Casa Senhorial em VG[1] - Exterior (corte pelo plano da fachada) D



Alçado da Casa Senhorial em VG[1] - Exterior (corte pelo plano da fachada) C



VG - Verdadeira Grandeza



1:200

0 5 10 m

|Imagem 206| - Levantamento - Plantas e Cortes da ruína da Casa Senhorial, 1:200

A página seguinte é desdobrável. O conteúdo encontra-se no seu interior.

Lista e Créditos de Imagem

|Imagem 1|- L'Été, 1874, Claude Monet.
Disponível digitalmente em: https://artsandculture.google.com/asset/summer-claude-monet/EQHOmyT0CxM1kA
Consultado a: 31/10/2021

|Imagem 2|- Engenho Novo, Paços de Brandão, Ramiro Relvas.
Disponível digitalmente em: http://www.biblioteca.cm-feira.pt:8080/ipac20/ipac.jsp?session=&profile=bmsmf&menu=home&aspect=subtab11&uri=full=3100024~!102143~!6
Consultado a: 22/10/2020

|Imagem 3| - "Santa Maria da Feira - Vista Total" (1930/1940)
Título e autor: "[Santa Maria da Feira: Vista Total]". ROCHA, Manuel Pinheiro.
Disponível em: Centro Português de Fotografia
Disponível Digitalmente em: https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=1259932
Consultado a: 22/10/2020

|Imagem 4| - Castro de Romariz
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 5| - Castelo de Santa Maria da Feira, 1958
Título e autor: "Vila da Feira". JUNIOR, José Gouveia Gomes
Disponível em: Centro Português de Fotografia
Disponível Digitalmente: https://digitarq.cpf.arquivos.pt/viewer?id=1212620
Consultado a: 05/04/2021

|Imagem 6 | - Localização do concelho de Santa Maria da Feira em Portugal
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 7|- Carta de declives*
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 8| - Carta Hipsométrica *
Desenho elaborado pela autora

Imagem 9| - Localização dos Rios e Ribeiros no concelho de Santa Maria da Feira
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 10| - Festa das Fogaceiras (ano desconhecido)
Título e autor: "Festa das Fogaceiras". MARTINS, Frederico
Disponível em: Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira
Disponível Digitalmente: http://www.biblioteca.cm-feira.pt:8080/ipac20/ipac.jsp?session=&profile=bmsmf&menu=home&aspect=subtab11&uri=-full=3100024~!57165~!188
Consultado a: 05/04/2021

|Imagem 11| - Paços de Brandão - Adro da Igreja no Parque do Arraial
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 12| - Paços de Brandão - Vista Panorâmica (1920)
Título: PAÇOS DE BRANDÃO [MATERIAL GRÁFICO] : VISTA PANORÂMICA, 1920
Disponível em: Biblioteca Municipal de Santa Maria da Feira
Disponível Digitalmente: http://www.biblioteca.cm-feira.pt:8080/ipac20/ipac.jsp?session=&profile=bmsmf&menu=home&aspect=subtab11&uri=full=3100024~!5723~!106
Consultado a: 05/04/2021

|Imagem 13| - Igreja Paroquial de Paços de Brandão - Igreja de São Cipriano
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 14|- Demarcação geográfica de Paços de Brandão no concelho de Santa Maria da Feira.
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 15| - Carta Hipsométrica da Freguesia de Paços de Brandão
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 16| - Carta de Mobilidade da Freguesia de Paços de Brandão
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 17| - Localização dos Ribeiros na Freguesia de Paços de Brandão.
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 18| - Casa da Portela
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 19| - Casa da Portela - "Fachada Principal"
Disponível em: REGALEIRA, Vasco De Moraes Palmeiro - Casa da Portela. Arquitectura. 1 (1927), p. 6

|Imagem 20| - Casa da Portela - "Patio Interior"
Disponível em: REGALEIRA, Vasco De Moraes Palmeiro - Casa da Portela. Arquitectura. 1 (1927). , p. 7

|Imagem 21| - Casa da Portela - "Planta"
Disponível em: REGALEIRA, Vasco De Moraes Palmeiro - Casa da Portela. Arquitectura. 1 (1927). , p. 7

|Imagem 22| - Casa de Riomaior
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 23| - Fábrica de Baixo dos Azevedos (ruína) e Fábrica Custódio Pais
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 24| - Fábrica de Cima dos Azevedos
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 25| - Casa da Torre ou da Capela
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 26| - Casa da Quinta do Candal
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 27| - Localização de Casas Senhoriais e Antigos Engenhos de Papel em Paços de Brandão e São Paio de Oleiros
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 28| - Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo - Vista para as Ruínas a partir do caminho poente.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 29| - Localização do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo na freguesia de Paços de Brandão.
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 30| - Planta de Intenções apresentada na reunião extraordinária da Câmara Municipal, em 1985
Livro de Atas das Reuniões da Câmara Municipal, Reunião ordinária – 12/11/1985, Santa Maria da Feira, 1985. Disponível no Arquivo Municipal de Santa Maria da Feira
Disponível em: Arquivo Municipal de Santa Maria da Feira

|Imagem 31| - Planta do projecto elaborado pela Arquitecta Paisagista Ana Osório, em 2010
Disponível em: Conferência Feira 2020 - "Um olhar para o futuro". Santa Maria da Feira. 2005. p. 106 e 107

|Imagem 32| - Vista Norte da Antiga Fábrica do Engenho Novo, década de 40.
Disponível em: SANTOS, Maria José Ferreira Dos - A Indústria do Papel em Paços de Brandão e Terras de Santa Maria (Séculos XVIII -XIX). Santa Maria da Feira : Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 1997.

|Imagem 33|- Vista Poente da Antiga Fábrica do Engenho Novo e da Casa Senhorial da Quinta, década de 40 p. 59
Disponível em: GOMES, Dra. Catarina Sofia; SILVA, Dr. João Belmiro Pinto da. – "Feira – Terras de Santa Maria…. 2.ª edição: Anégia Editores, 2000. p. 140

|Imagem 34| - Vista da Entrada na Quinta do Engenho Novo e a respectiva Casa Senhorial
Disponível em: Documentação da Arquitecta Paisagista Ana Osório, cedida a Sónia Gomes.

|Imagem 35| - Um pátio no interior da Quinta do Engenho Novo, década de 40.
Disponível em: SANTOS, Maria José Ferreira Dos - A Indústria do Papel em Paços de Brandão e Terras de Santa Maria (Séculos XVIII -XIX). Santa Maria da Feira : Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 1997. p.83

|Imagem 36| - Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo – Registo a partir de um dos pontos mais altos
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 37| - QRCode 1
QRCode gerado automaticamente numa Plataforma digital.

|Imagem 38| - QRCode 2
QRCode gerado automaticamente numa Plataforma digital.

|Imagem 39| - Ribeiro Rio Maior, no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 40| - Ciclista no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 41| - Vista aérea e identificação do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 42| - Corte Longitudinal do Parque CT1 - CT1'
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 43| - Elementos ecológicos/vegetais nas proximidades da Quinta do Engenho Novo.
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 44| - Identificação de áreas habitacionais nas proximidades da Quinta do Engenho Novo.
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 45| - Edifícios industriais nas proximidades do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 46| - Localização das Entradas no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 47| - Entrada 1
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 48|- Entrada 2
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 49| - Entrada 3
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 50| - Entrada 5
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 51| - Entrada 4
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 52| - Entrada 6
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 53| - Vista aérea e identificação da localização da Casa Senhorial da Quinta do Engenho Novo no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 54| - Vista aérea da Casa Senhorial da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 a 6)
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 55| - Ponto de Vista 1.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 56| - Ponto de Vista 2.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 57| - Ponto de Vista 3.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 58| - Ponto de Vista 4.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 59| - Ponto de Vista 5.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 60| - Ponto de Vista 6.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 61| - Vista aérea da Fábrica da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (9 a 14)
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 62| - Ponto de Vista 7.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 63| - Ponto de Vista 8.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 64| - Ponto de Vista 9.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 65| - Ponto de Vista 10.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 66| - Ponto de Vista 11.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 67| - Ponto de Vista 12.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 68| - Elemento Arquitectónico - Friso em gesso.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 69|- Elemento Arquitectónico - Painel em gesso
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 70|- Elemento Arquitectónico - Pavimento cerâmico do piso térreo
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 71| - Elemento Arquitectónico - Revestimento cerâmico
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 72| - Abertura de um vão no piso térreo
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 73| - Elemento Arquitectónico - Pormenor da Entrada
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 74| - Vista aérea e identificação da localização da Fábrica do Engenho Novo no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 75| - Vista aérea da Fábrica da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 a 6)
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 76| - Ponto de Vista 1.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 77| - Ponto de Vista 2.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 78| - Ponto de Vista 3.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 79| - Ponto de Vista 4.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 80| - Ponto de Vista 5.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 81| - Ponto de Vista 6.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 82| - Vista aérea da Fábrica da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 a 6)
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 83| - Ponto de Vista 7.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 84| - Ponto de Vista 8.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 85| - Ponto de Vista 9.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 86| - Ponto de Vista 10.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 87| - Ponto de Vista 11.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 88| - Ponto de Vista 12.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 89| - Elemento Arquitectónico - Dispositivo de água
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 90| - Elemento Arquitectónico - Dispositivo de água
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 91| - Elemento Arquitectónico - Fragmento de uma fonte
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 92| - Elemento Arquitectónico - Dispositivo de água
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 93| - Elemento Arquitectónico - Nicho com fonte
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 94| - Vista aérea e identificação da localização do Campo de Ténis no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 95| - Vista aérea da Fábrica da Quinta do Engenho Novo [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 a 6)
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 96| - Ponto de Vista 1.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 97| - Ponto de Vista 2.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 98| - Ponto de Vista 3.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 99| - Ponto de Vista 4.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 100| - Ponto de Vista 5.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 101|- Ponto de Vista 6.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 102| e |Imagem 103| - Vista aérea dos Sanitários Nascente (em cima) [Google Earth, captação 06/2018], Vista aérea dos Sanitários Poente (em baixo) [Google Earth, captação 03/05/2019] e pontos de vista (1 e 2) |p. 92
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 104| - Ponto de Vista 1.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 105| - Ponto de Vista 2.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 106| - Esquisso de projecto para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo
Desenho Elaborado pela Autora.

|Imagem 107| - Caminho em calçada portuguesa junto à ruína, direcção Norte/Sul.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 108| - Caminho em calçada portuguesa junto à ruína, direcção Sul/Norte.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 109| - Esquisso de projecto para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo
Desenho Elaborado pela Autora.

|Imagem 110| - Percurso no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, próximo do Clube de Ténis.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 111| - Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, a Norte.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 112| - Study for Introspection of Space, Albert Swinden (1948)
Disponível Digitalmente: https://whitney.org/collection/works/3020

|Imagem 113| - Rio Maior no Museu do Papel.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 114| - Ruínas da antiga Fábrica do Zabumba.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 115| - Proposta para a "Rota dos Engenhos".
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 116| - Proposta para a "Rota dos Engenhos" e da "Rota do Rio Maior".
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 117| - Esquisso de projecto para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 118| - Desenho/Esquema da proposta para a extensão do Parque a Norte e desenho da via alternativa
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 119| - Planta do Projecto do Parque, 1:2000
Desenho elaborado pela autora

|Imagem 120| - Localização da Proposta do desenho do Rio Maior Norte/Poente
Esquema elaborado pela autora

|Imagem 121| - Entrada Norte do Parque Municipal Quinta da Conceição, vista Sul.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 122| - Maqueta à escala 1:1000: vista de cima.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 123| - Maqueta à escala 1:1000: estudo do sistema de percursos e do programa.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 124| - Percursos do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo. (actual)
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 125| - Estudo dos caminhos.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 126| - Proposta de localização das entradas e dos caminhos propostos.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 127| - Localização da "Entrada das Ruínas".
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 128| - Corte ER1/ER1', 1:100.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 129| - Corte ER2/ER2', 1:300.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 130| - Planta da "Entrada das Ruínas", 1:500
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 131| - Localização da entrada da "Rota dos Engenhos"
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 132| - Corte RE/RE', 1:100.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 133| - Planta da Entrada da "Rota dos Engenhos", 1:500.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 134| - Localização da Entrada Auxiliar.
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 135| - Corte EA/EA', 1:150
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 136| - Planta da Entrada Auxiliar., 1:500.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 137| - Localização do Parque de Estacionamento.
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 138| - Planta do Parque de Estacionamento, 1:1000
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 139| - Planta do Parque de Estacionamento - Esquema de organização dos lugares 1:1000
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 140| - Localização do Ribeiro Rio Maior, a Poente.
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 141| - Planta da Proposta para o Rio Maior (Nascente), 1:1000
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 142| - Planta da Proposta 1 para o Rio Maior, 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 143| - Corte RM1/RM1', 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 144| - Planta da Proposta 1 para o Rio Maior, 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 145| - Corte RM2/RM2', 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 146| - Planta da Proposta 3 para o Rio Maior, 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 147| - Corte RM3/RM3', 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 148| - Planta da Proposta 4 para o Rio Maior, 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 149| - Corte RM4/RM4', 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 150| - Localização dos Sanitários 1 e Plataforma.
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 151| - Esquissos de estudo da morfologia do terreno e soluções.
Desenhos elaborado pela Autora

|Imagem 152| - Planta dos Sanitários/Plataforma, 1:1000
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 153| - Corte SP1/SP1' 1:350
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 154| - Corte SP2/SP2' 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 155| - Planta de espaços dedicados à manutenção e serviço do parque (a vermelho), 1:500
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 156| - Corte SP3/SP3', 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 157| - Corte SP3/SP3' 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 158| - Localização do Miradouro/Sanitários
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 159| - Planta do Miradouro/Sanitários, 1:500
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 160| - Corte MS1/MS1', 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 161| - Planta do Piso Térreo do Miradouro/Sanitários, 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 162| - Corte MS2/MS2', 1:500
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 163| - Corte MS3/MS3', 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 164| - Planta Plataforma 1, 1:750
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 165| - Corte PF/PF', 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 166| - Localização do Treetop Walk.
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 167| - Planta do Parque com aproximação ao Treetop Walk, 1:2000.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 168| - Corte tipo Transversal - Treetop Walk, 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 169| - Corte tipo Longitudinal - Treetop Walk, 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 170| - Localização do Treetop Walk Poente.
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 171| - Planta Estrutural Esquemático, Treetop Walk Poente; 1:1000.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 172| - Planta Treetop Walk Poente; 1:750.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 173| - Localização do Treetop Walk Nascente.
Esquema elaborado pela Autora

|Imagem 174| - Corte Longitudinal TWN/TWN'; 1:250
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 175| - Corte Longitudinal TWN2/TWN2'; 1:1000.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 176| - Planta Treetop Walk Nascente; 1:750
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 177| - Maqueta "Entrada 1" do Projecto Treetop Walk para o Parque de Serralves, Arquitecto Carlos Castanheira.
Disponível Digitalmente: https://www.archdaily.com.br/br/944896/treetop-walk-carlos-castanheira/5f24912bb-357653d3a000d4e-treetop-walk-carlos-castanheira-entrada-01?next_project=no
Consultado a: 25/06/2021

|Imagem 178| - Planta Tipo, 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 179| - Cortes Tipo, 1:100
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 180| - Projecto Treetop Walk para o Parque de Serralves, Arquitecto Carlos Castanheira - vista de cima.
Disponível Digitalmente: https://www.archdaily.com.br/br/944896/treetop-walk-carlos-castanheira/5f248db1b-357653f3b00083b-treetop-walk-carlos-castanheira-foto?next_project=no
Consultado a: 25/10/2021

|Imagem 181| - Projecto Treetop Walk para o Parque de Serralves, Arquitecto Carlos Castanheira - vista a Poente.
Disponível Digitalmente: https://www.archdaily.com.br/br/944896/treetop-walk-carlos-castanheira/5f-3d65a8b35765466300010b-treetop-walk-carlos-castanheira-foto
Consultado a: 25/10/2021

|Imagem 182| - Maqueta da Casa Senhorial e da antiga fábrica da Quinta do Engenho Novo, 1:200.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 183| - Quinta do Engenho Novo, 1921
Disponível em: ROCHA, Padre Joaquim Correia Da - Recordar 900 anos de Paços de Brandão. p. 19

|Imagem 184| - Capa do livro "Intervenciones", de Ignasi de Solà-Morales
Disponível Digitalmente: https://www.travessa.com.br/intervenciones-1-ed-2006/artigo/83324c64-7e74-42e5-9b1c-abed490f5d0b
Consultado a: 28/10/2021

|Imagem 185| - Palau Pati Llimona I Correu Vell, proposta de intervenção de Ignasi de Solà-Morales
Disponível Digitalmente: http://www.ignasisolamorales.org/
Consultado a: 28/10/2021

|Imagem 186| - Convento de Santa Maria do Bouro / Pousada, intervenção do Arq. Souto de Moura.
Disponível Digitalmente: https://www.archdaily.com.br/br/769336/reconversao-do-convento-de-santa-maria-do-bouro-numa-pousada-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira/558398fde58ece09c20000c2-santa-maria-do-bouro-convent-eduardo-souto-de-moura-plus-humberto-vieira-photo
Consultado a: 28/10/2021

|Imagem 187| - Convento das Bernardas, Tavira, intervenção do Arq. Souto de Moura.
Disponível Digitalmente: https://www.archdaily.com.br/br/769152/convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura/55829697e58ece71030002a3-convento-das-bernardas-eduardo-souto-de-moura-photo
Consultado a: 28/10/2021

|Imagem 188| - São Lourenço do Barrocal, intervenção do Arq. Souto de Moura.
Disponível Digitalmente: https://www.archdaily.com.br/br/868537/sao-lourenco-do-barrocal-eduardo-souto-de-moura/58e38afce58ece16bb000126-sao-lourenco-do-barrocal-eduardo-souto-de-moura-photo
Consultado a: 28/10/2021

|Imagem 189| - Maqueta da Casa Senhorial e da antiga fábrica da Quinta do Engenho Novo, 1:200.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 190| - Maqueta da Casa Senhorial e da antiga fábrica da Quinta do Engenho Novo, 1:200.
Registo Fotográfico da Autora

|Imagem 191| - Corte RA/RA' (aproximação), escala 1:200.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 192| - Planta de Intervenção na Ruína, escala 1:500.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 193| - Corte RA/RA', escala 1:350.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 194| - Planta Geral da Proposta para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, escala 1:2000.
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 195| - Planta Geral da Proposta para o Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo - Esquema da Estrutura, escala 1:2000.

Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 196| - Pormenor da Maqueta do terreno do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo, 1:1000.
Registo Fotográfico da Autora

|Conjunto de Imagens 197| - Inventário de espécies do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.
Disponível em: WHITFIELD, Philip - The illustrated encyclopedia of animals, 2005

|Conjunto de Imagens 198| - Inventário de espécies do Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo.
Disponível em: WHITFIELD, Philip - The illustrated encyclopedia of animals, 2005

|Imagem 199| - Levantamento de Espécies no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo - Flora 1/3 (27 de fevereiro 2020)
Registo da Autora

|Imagem 200| - Levantamento de Espécies no Parque Municipal da Quinta do Engenho Novo - Flora 2/3 (27 de fevereiro 2020)
Registo da Autora

|Imagem 201| - "Mapa PDM - Ordenamento - Classificação Solo"
Disponível Digitalmente: http://mirante.cm-feira.pt/rpweb/index.aspx?project=Mirante&site=RPI65&map=1&=&lang=pt-PT&sid=0f2f429c-6f9d-40bc-aebe-f0729191a6cc

|Imagem 202| - Levantamento - Plantas da ruína da fábrica do Engenho Novo, 1:500
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 203| - Levantamento - Alçados da ruína da fábrica do Engenho Novo, 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 204| - Levantamento - Alçados da ruína da fábrica do Engenho Novo, 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 205| - Levantamento - Alçados da ruína da fábrica do Engenho Novo, 1:200
Desenho elaborado pela Autora

|Imagem 206| - Levantamento - Plantas e Cortes da ruína da Casa Senhorial, 1:200
Desenho elaborado pela Autora

Referências Bibliográgicas

CHOAY, Françoise - *Alegoria do Património.* 2. ed. Lisboa : Edições 70, 2018. ISBN 978-972-44-1205-4.

GEHL, Jan - *Life Between Buildings.* Washington DC : Island Press, 2011. ISBN 1-59726-827-5.

GOMES, Dra. Catarina Sofia; SILVA, João Belmiro Pinto Da - *Feira – Terras de Santa Maria*…. 2. ed. Santa Maria da Feira : Anégia Editores, 2000. ISBN 972-8266-25-1.

GOMES, Sónia Raquel Marques - *Intervenção em ruína: reabilitação d'O Engenho Novo em Terras de Santa Maria* [Em linha]. Azurém : Faculdade de Arquitectura da Universidade do Minho, 2018 [Consult. 13 out. 2021]. Disponível em WWW:<URL:http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/49985>.

Grande Dicionário da Língua Portuguesa - . Matosinhos : Empresa do Jornal de Notícias, S.A, 2002. ISBN 972-8735-02-2.

LEAL, Augusto Soares D'Azevedo Barbosa De Pinho - *Portugal Antigo e Moderno – Diccionario.* Lisboa : Livraria Editora de Mattos & Companhia, 1875

MANCINI, Carter; BRUCE, Ron - *Op Amps for Everyone.* Texas : Texas Instruments, 2002. ISBN 0-08-094948-7.

MARIA DA FEIRA, Câmara Municipal - *Atlas de Santa Maria da Feira: 35 Anos de Caminho, da Democracia à União Europeia.* Santa Maria da Feira : Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2009. ISBN 978-989-8183-06-4.

MONTEIRO, Anthero - *Historial de São Paio de Oleiros. Em Roteiro da Vila de São Paio de Oleiros.* São Paio de Oleiros : Junta de Freguesia de São Paio de Oleiros, 2002

NORBERG-SCHULZ, Christian - *Arquitectura Occidental.* 3. ed. Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 1999. ISBN 84-252-1805-5.

PEREIRA, Camacho - *Vila da Feira* [Material Cartográfico]

PHILIP, WHITFIELD - *The illustrated encyclopedia of animals.* Nova Jérsia : Chartwell Books, Inc.., 2005. ISBN ISBN – 13: 9780785819585.

PUPO, Inês - *Iniciação à Poesia em Lingua Portuguesa.* 2. ed. Mirandela : Editorial Caminho, 2007. ISBN ISBN 978-972-21-1889-7.

REGALEIRA, Vasco De Moraes Palmeiro - *Casa da Portela.* Arquitectura. 1 (1927).

ROCHA, Padre Joaquim Correia Da - *Recordar 900 anos de Paços de Brandão.* 1. ed. Paços de Brandão : Junta de Freguesia de Paços de Brandão, 1995

SANTOS, Maria José Ferreira Dos - *A Indústria do Papel em Paços de Brandão e Terras de Santa Maria (Séculos XVIII -XIX).* Santa Maria da Feira : Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 1997. ISBN 972-96299-4-3.

SILVA, Francisco Ribeiro - *O Foral da Feira e Terra de Santa Maria.* Revista de História. 11 (1991).

SOLÀ-MORALES, Ignasi - *Intervenciones.* Barcelona : Editorial Gustavo Gili, 2006. ISBN 978-84-252-2043-2.

TÁVORA, Fernando - *Da Organização do Espaço.* 8. ed. Porto : FAUP Publicações, 2008. ISBN 978-972-9483-22-6.

TRIGUEIROS, Luiz - *Fernando Távora.* Lisboa : Editorial Blau, 1993. ISBN 978-972-8311-29-2.

VAZ, Pedro - *Edificar no Património.* 1. ed. Lisboa: Edições 70, 2019. ISBN ISBN 978-972-44-2108-7.

Referências Digitais

Instituto Nacional de Estatística – CENSOS 2011. [em linha] 2001 [Consultado 22 abril 2020]. Disponível em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpid=CENSOS&xpgid=ine_censos_publicacao_det&contexto=pu&PUBLICACOESpub_boui=156644135&PUBLICACOESmodo=2&selTab=tab1&pcensos=61969554

Informação Geográfica da Câmara Municipal de Santa Maria da Feira – Mirante. [em linha] 2010 [Consultado 01 setembro 2020]. Disponível em http://mirante.cm-feira.pt/

Dicionários Porto Editora – Infopédia. [em linha] Porto: Porto Editora, 2003-2021 [Consultado 03 março 2020]. Disponível em https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/

Diário da República Eletrónico [em linha]. [Consultado 03 de maio 2020]. Disponível em https://dre.pt/dre/detalhe/aviso/6260-2015-67412941

Direção-Geral do Património Cultural – Património Cultural [em linha]. [Consultado 03 de maio 2020]. Disponível em http://www.patrimoniocultural.gov.pt/

Outras Referências

Conferência Feira 2020 - Um olhar para o futuro - . Santa Maria da Feira : Câmara Municipal de Santa Maria da Feira, 2005

SOUTO DE MOURA, Eduardo - "Mapas e Diálogos na Arquitectura Contemporânea – Projectos de recuperação e restauro" -. Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, 3 Mai. 2017.